Ano I, Nº 9, C$5,00 Outubro, 1976

coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

A guerra das bombachas

PROPAGANDA x ANUNCIANTES

Ruy Mesquita: "A imprensa está na mão de picaretas"

CORTESIA DO EDITOR

125 demissões nos Associados

Reportagem: uma janta quase mortal

NINGUÉM VAI OUVIR ESTE HOMEM OUTRA VEZ?

Ele é Milo Raffin, químico. Há dez anos, antes da construção da Borregaard, ele denunciou o perigo. Agora fez um teste e comprovou: a água que chega às torneiras em Porto Alegre tem substâncias que podem causar câncer.

A VOLTA DO QUADRÃO

cooJORNAL

Editor
Elmar Bones da Costa
Redação
José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Guaraci Fraga (editores), Renato Pinto da Silva, Carlos Mosmann, Vera Teresa Costa, Leonora Vargas, Gilberto Rocha, Tânia Faillace, Pedro Maciel, Luiz Fonseca, Elaine Lerner, Marina Wodtke, Valdoar Teixeira, Adélia Porto da Silva, Affonso Ritter, Euclides Torres, Luiz Claudio Cunha (repórteres), Jaqueline Joner, Guto Cruz, Ricardo Chaves, Silvio Ferreira, Eneida Serrano (fotografia), Edgar Vasques, Santiago, Lilian Bem David, Ferré, Dirceu Zaremsky (arte), Nilson Figueiredo e Carlos Milton de Goz Rios, (Coordenação técnica), Luiz Grassi (Brasília), Roberto Manera e Gilberto Pauletti (Rio), Jorge Escosteguy e Caco Barcelos (São Paulo).
Gerência
Eládio Vieira da Cunha
Comercial
Gabriel Mathias

CORRESPONDÊNCIA para Rua Comendador Coruja, 372 Fones 24-0951 e 21-8984, Porto Alegre, RS.

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.

ASSOCIADOS: José Antônio Dios Vieira da Cunha (Presidente), Luiz Cláudio Cunha (Vice-Presidente), Rejane Baeta (Secretária), Carlos Henrique Bastos, Danilo da Silva Ucha, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Félix Valente, Victor Hugo Sperb, Sérgio Caparelli (Conselheiros de Administração), Antonio Britto Filho, Luiz Francisco Terra Júnior, Erico Valduga, João Borges de Souza, Tomás Irineo Pereira, Carlos Fernando Karnas (Conselheiros Fiscais), Jorge Polydoro (Diretor-Executivo), Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Affonso Ritter, Ângela Beatriz Sória Riccordi, Antônio Dreon Peres, Arthur Tadeu Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Marino Urbim, Carlos Mosmann, Celso Antonio da Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace da Silva, Cláudio Barcelos de Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ibarra, Imará Stallbaum, Jandira Maria César, José Antônio Ribeiro, Licinio Silveira de Azevedo, Luis Carlos Merten, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Vargas, Divino Fonseca, Eva Maria Castro, Maristela Bairros, Luiz Rache Vitello Fº, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Fernando Goulart, Paulo Burd, Agnese Schifino, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling Osório, Hélio Gama, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzembacher, Olyr Zavaschi, Flávio Porcello, Carlos Fehlberg, Jussara P. Coelho, Luiz Paulo de Pilla Vares, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, José A. Simch da Silva, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Antônio Manoel de Oliveira, José A. Pinheiro Machado, Silvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, Sérgio Becker, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Edgar Lisboa, Valdir Barbosa Paz, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Macedo, Marco Antonio Schuster, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Souza, Carla Irigaray, Tania Barros, Tânia Faillace, Santa Irene da Rosa, Paulo Denis Pereira, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Alberto Arteche, Neuza Maria Ribeiro, Marcos Antonio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübenich, Cintia Leal, Leonardo Berlese Dourado, João Paulo M. Lacerda, Luiz Fernando Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Spindola Correa, Vera D. Barcellos, Sibyla Loureiro, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreata, Christa Kuschick, Luiz Carlos Mello, Wladymir Ungaretti, Danilo Miralles, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Machado, Miriam Tereza Chagas de Moura, Paulo Antonio Fogaça, Severino Góes, Fernando Guedes, Maria da Graça da Silva, Walmaro Paz, Ana Elusa Rech, Milton Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luísa Paim, Júlio Carneiro Sortica, Ana Maria P. Lopes de Almeida, Edson Chaves Filho, Najar Tubino, Marise de Martini Fetter, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dornelles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Ricardo Chaves, Leonid Streliaev, J. B. Scalco, Carlos Rodrigues, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, GersonSchirmer, Olivio Lamas, Sérgio Arnoud, Luis Abreu, Edgar Planella, Assis Hofmann, Antonio Antonio Carlos Mafalda, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Alfonso Abraham Lheurex, Fernando Augusto Bueno, Hipólito Pereira, Luiz Kozminski, Jurandir Silveira, Ronaldo Westermann, Julieta Nunes Pereira, Leo Tavejnhansky, Ademir Fontoura, Maria da Graça Guindani, Maria Inês Burger, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Bigi Polydoro, Neuza Tasca, Edgar Vasques, José Guaraci Fraga, Cláudio Levitan, Sérgio Batsow, Virson Holderbaum, Edson Kozminski, Neltair Abreu (Santiago), José Teófilo Abu-Jamra, Gumercindo Coutinho, Francisco Lopes, Rômulo Krafta, Valmório Oliveira Rios, José Emanuel Gomes de Matos, Francisco Daniel Lourenço da Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Tereza Specth da Costa, Juarez Fonseca, Carlos Gilberto Rocha, Jorge Gallina, Maria Eloir da Silveira, Renato Kern, Vera Suzana Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higino Cosme Barros, José Enedir Francisco, José Roberto Garcez, Luiz Telmo Bitencourt Emerin, Valdir da Silva, Norberto Hoffmann, Sérgio Batsow, Cândido Augusto Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska Filho, Carlos F. Guimaráens Fº, Gilberto Ribas dos Santos, Carlos Frederico Menz, Eduardo Serrano San Martin, Ilza Maria Tourinho Girardi, Eugênio de Faria Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoar Trindade Teixeira, José Antonio Souza Pinto, Pedro Sosa Pereira, Wilson Silveira de Moura, Enio Roberto Nugent Rocha, Ana Maria Schmidt, Eduardo Soares Guimaraens, Alberto M. Barreto Filgueiras, Antonio Carlos Rosito, Iara T. Schilling Pereira, Fernando Fuentes Lindote, Fernando Souza Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Rebés Abreu, Laerte Martins, Roberto Augusto Thomé, Carlos Roberto Silveira, Arthur Xavier de O. Fº, Luiz Carlos Ferreira, Anibal Bendati e Margit Maria Melchiors.

NOTA DO EDITOR

Este Jornal, de nome um pouco estranho, pertence a 300 jornalistas gaúchos. De uma certa forma, ele é o primeiro resultado de um trabalho que começou há dois anos, quando um pequeno grupo de profissionais da imprensa fundou a **Coojornal** — Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Nestes dois anos, a cooperativa gastou suas energias tentando dar forma a uma idéia que no inicio soava um tanto romântica: envolver um bom número de jornalistas numa empreitada que além de muito trabalho exigiria um pouco do escasso dinheiro de cada um.

Havia experiências anteriores fracassadas. Havia o proverbial espírito, digamos, dispersivo da classe e havia, como há, uma realidade lá fora segundo a qual o jornalismo é um subproduto de gigantescas empresas industriais-comerciais.

Mas a **CooJornal** tomou corpo. Fazendo jornais e revistas para empresas, para entidades de classe, para cooperativas, para times de futebol foi crescendo e ganhando confiança no meio jornalístico. Hoje, com um número de sócios quase 10 vezes maior do que quando foi fundada, ela pode colocar o seu primeiro jornal nas bancas.

Não é propriamente um lançamento, pois o **Coojornal** já circula há um ano como boletim distribuído a 4 mil profissionais e estudantes de comunicação. Apenas, dado o interesse crescente — que fez com que sua tiragem inicial de 500 exemplares fosse várias vezes aumentada — ele é ampliado passando de 8 para 28 páginas e colocado ao alcance de um número maior de pessoas.

Além do nome, ele mantém a sua principal característica que é dar uma atenção especial à imprensa, entendida como o conjunto dos meios de comunicação de massas. A razão é simples: paradoxalmente, há poucas áreas neste país sobre as quais se tem tão poucas informações como a imprensa, apesar de ter-se tornado moda falar dela nestes últimos tempos.

Nós acreditamos que as pessoas interessadas em saber o que está acontecendo, têm interesse também em saber por quem e como estão sendo elaboradas as informações que recebem.

Quanto ao tom eventualmente crítico que possa aparecer em alguns artigos ou comentários, ele decorre de uma constatação também mais ou menos simples: se é lícito reclamarmos de uma fábrica ou de uma loja que nos venda maus televisores, geladeiras, ou outra coisa qualquer, por que não será lícito reclamar de um jornal que forneça notícias erradas, distorcidas ou nos sonegue notícias importantes?

O Editor

PS: O **CooJornal** é mensal e sai na segunda quinta-feira de cada mês.

Aos amigos editores, redatores-chefes, secretários, editorialistas, colunistas, redatores, repórteres, copydesks, chargistas, fotógrafos, diagramadores, focas e estagiários desta praça...

Duas ou três dicas Samrig para refrescar a cuca e descontrair o papo depois de um dia de batalha.

CANAPÉS "MEIA-LUA"

Ingredientes:

fatias de pão-de-forma,
fatias de pão preto (centeio),
Margarina Primor, queijo-creme pausteurizado (amarelo).
Corte as fatias de pão-de-forma em rodelas de aproximadamente 2 centímetros de diâmetro. Corte, igualmente, as fatias de pão de centeio em rodelas iguais e recorte-as em curva, no formato de uma meia-lua. Amasse a Margarina Primor com o queijo e espalhe sobre as rodelas de pão-de-forma. Sobre essas disponha as meias-lua de pão de centeio.

CANAPÉS DE PRESUNTO

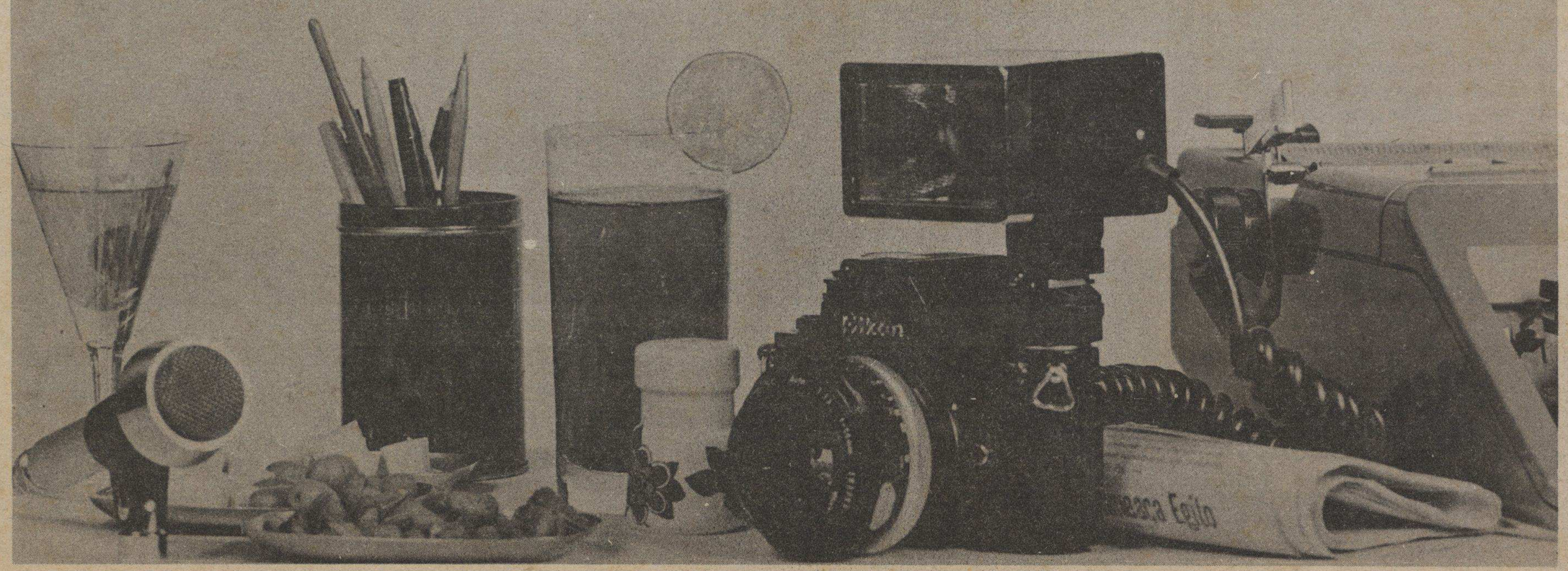
Ingredientes:

1 pão-de-forma em fatias.
1 lata de pasta de presunto.
1/4 de xícara de Margarina Primor.
2 gemas cozidas.
Pimenta-do-reino a gosto, alfaces.
Claras de ovos cozidas.
Misture o presunto, a Margarina Primor e as gemas. Tempere com pimenta a gosto. Depois, espalhe essa pasta sobre as fatias de pão-de-forma. Corte cada fatia em 4 quadrados. Em cima de cada quadrado, ponha um aro de clara de ovo e, dentro, a alface picada bem fininha.

OS MOLHADOS

BLACK VELVET
1/2 de cerveja Guiness (preta),
1/2 de champanhe.
Prepare no próprio copo.
GIBSON
4/5 de gim, 1/5 de vermute seco.
Prepare no copo de misturas.
COWBOY
2/3 de uísque.
1/3 de creme de leite.
Prepare na coqueteleira e sirva com gelo moído.
ORANGE BLOSSOM
1/2 de gim, 1/2 de vermute doce.
Prepare no copo de misturas e decore com casquinha de limão.

Em tempo: pastel só com Óleo Primor.



DIGA

País difícil

Gostamos muitíssimo da idéia de vocês. Queremos receber sempre o jornal. Aliás, tenho uma sugestão: por que vocês não fazem uma entrevista com o Rubem Braga? O cara é um barato. Se duvidam, vejam aí um exemplo - uma crônica escrita em 1944 com o título de País Difícil:

"Há hoje no Brasil uma espécie de preciosismo técnico-burocrático que vai complicando os problemas com uma terminologia tão pedante que desespera. Isso se manifesta em vários ramos. Pululam técnicos em alergias crepusculares, em padronização do tamanho do clipes e em sociologia das ruas transversais. Parece que estamos em um país sofisticadíssimo, superfino e há sujeitos que não dormem porque não têm certeza de que conseguirão penicilina, se por acaso precisarem de penicilina. Chegamos à perfeição de ver, entre os pontos de exame do Itamarati para a carreira diplomática, um dedicado exclusivamente à discussão da autoria das Cartas Chilenas, devendo o estudante saber quem era a favor desta e daquela tese e quais os argumentos de um lado e de outro. Descobriu-se, subitamente, a necessidade inadiável dos rapazes aprenderem latim ou grego. Surgiram de uma hora para outra estudiosos de questões especialíssimas, mil críticos de Proust e técnicos em estado corporativo.

É por causa disso tudo que um homem simples às vezes leva um choque quando repara em alguma coisa simples. Eu, por exemplo, tive outro dia entre as mãos os resultados de inquéritos de laboratórios feitos em vários lugares da Amazônia e do Rio Doce sobre vermes intestinais. Praticamente cem por cento dessas populações sofrem de vermes. A grande maioria é opilada e quase nunca há um verme só na barriga de cada sujeito. Em geral o sujeito acumula várias espécies. Ora, isso não é novidade nenhuma. Todo mundo sabe que nossas populações rurais são cheias de vermes, que o homem do campo é quase sempre um opilado e tem no ventre uma série de bichinhos que sugam o seu ventre e escangalham a sua saúde. Ninguém ignora isso - mas acontece que isso não está na moda. O que está na moda é ter alergia de pena de peru. Um outro relatório que vi contava a história de um médico que foi chamado a certo lugar do interior para combater uma "doença misteriosa" que estava matando o pessoal. Devia ser, com certeza, uma dessas doenças que a gente adquire lendo Seleções (de Reader's Digest) e tem um nome tão interessante que dá vontade de mandar pôr no cartão visita. O médico, um desses médicos do interior, meio rude, que vive isolado da nossa grande população carioca, chegou à seguinte e estúpida conclusão: a doença misteriosa era fome. Outra coisa fora de moda, outro problema sem atualidade. O importante hoje é fazer uma intensa campanha no sentido de convencer a todas as

pessoas cultas de que o complexo vitamínico JM3, que se encontra em grandes proporções no cabinho das azeitonas pretas, só tem valor contra a tendência a soluçar de madrugada quando combinado com a aplicação de raios infralilases sob as unhas da mão esquerda.

Graças a tudo isso o nível cultural do país vai subindo assustadoramente. Está visto que essa transformação tem suas vantagens. Por exemplo: antigamente um funcionário postal morria decentemente de tuberculose, deixando toda a família na miséria. Hoje, apesar de todas as dificuldades criadas pela guerra, ele ainda pode conseguir o mesmo, desde que cumpra todas as formalidades exigidas pelos Dasps e Ipases. Sei uma anedota que é um pouco velha mas pode ser que algum leitor não conheça. É a história do sujeito que tinha um papo enorme e enjoou de consultar médico e mais médicos. Não havia meio do papo sair. Afinal um desconhecido disse que sabia um remédio formidável: graxa de sapatos.

— Mas isso cura mesmo o papo?

— Bem, se cura não sei, mas dá um brilho formidável!

Oh, graxas, vaselinas, iapetereques isasitiquins!"

E isso aí. Um grande abraço, **Pedro Luiz Vasconcelos, Recife.**

Palas ao vento

Fiquei sabendo que a Cooperativa, de palas ao vento, está prestes a se lançar nas bancas com opinião própria. Otimo. Aqui, todo mundo na torcida. Espera-se que entre como o Colorado - prá ganhar três pontos.- **Victor Hugo Sperb**, São Paulo.

Quanto mais, mais...

Mais é advérbio, adjetivo, substantivo ou preposição? Eu não sei. Dizem os livros que pode ser qualquer um dos quatro, dependendo do uso.

Do uso e do abuso que a propaganda faz do pobrezinho do mais.

Os redatores descobriram que é fácil dizer que o produto, serviço ou empresa é mais isso e mais aquilo e pronto: o texto está criado. Nada "mais" fácil.

O levantamento que ilustra estas observações foi efetuado em apenas três edições de Veja do mês de julho, as de números 404, 405 e 406, respectivamente dos dias 2, 9 e 16. E que ninguém pense que foram edições escolhidas. Basta pegar qualquer edição, de qualquer revista, de qualquer mês ou ano, para que se chegue à mesma conclusão: a eterna presença do "mais". E não haverá nenhuma mudança se ligarmos o rádio, o televisor ou se examinarmos qualquer tipo de texto publicitário.

Faça você a experiência e leve-a ao conhecimento dos seus amigos ligados ao problema. Caso você seja um redator (eu sou um deles!) acostumado a usar o "mais" para solucionar todos os problemas, controle-se. Vamos acabar com este vício?

Claro que em muitos casos o emprego é válido e deve ser usado. Mas, examinando bem, todos devem concordar que há "mais" em excesso na nossa propaganda.

A nossa luta é no sentido de modificar esta situação para melhor. Não há o desejo simplista de apontar erros ou defeitos. O que desejamos, isto sim, é que os anúncios ganhem um texto limpo, inteligente, criativo, que venda, que dê o seu recado: nada mais, nada menos do que isso.

Os publicitários que não se preocupem muito: uma pesquisa feita no espaço reservado à matéria das principais revistas e dos melhores jornais do país, mostrou o mesmo resultado : excesso de "mais". E, pasmem: é difícil encontrar uma página de um livro, do melhor deles, do autor que se escolher, sem que haja o abuso do "mais"...

TV Philips: é muito mais verde (...) ainda mais válida (...) muito mais emocionantes (...) que mais fizer o seu gênero (...) é muito mais TV a cores.

Variant VW: e o que é mais importante para um carro da família: na sua categoria a Variant é a mais econômica...

Abril Cultural: a se destacar ainda mais em sua empresa e a atingir mais rapidamente...

Varig-Cruzeiro: e torne nossa visita mais emocionante, mais fácil e mais econômica também.

Banco do Brasil: Pero Vaz de Caminha foi muito mais profeta do que escrivão. Um dos seus mais audaciosos projetos (...) produz 50% a mais (...) Mais do que uma frase de efeito.

Chevrolet: O pick-up mais vendido no Brasil (...) O mais econômico (...) é mais economia. (...) Ele já rodou mais de (...) é mais desempenho . (...) é mais resistência. (...) é mais segurança (...) é mais lucro na revenda. (...) é mais experiência.

Ford Corcel: o carro que faz mais.(...) Quanto mais se fabrica Corcel mais gente o procura. (...)o carro de mais alto valor de revenda...

City Bank: mais de 45.000 locais(...)Milhares mais do que qualquer outro...

IBM: mais um computador(...) gerando mais divisas (...) de mais simples operação (...) a mais avançada tecnologia...

Quatro Rodas: quer saber mais?

Jorá Machado, Porto Alegre.

NR: O Jorá, diretor de criação da Blenda Publicidade, enumerou mais 50 exemplos de mais, que deixamos de publicar porque não temos mais espaço.

DA ALEMANHA

"Uma das coisas mais interessantes que temos podido acompanhar daqui é esta experiência da Coojornal. Tudo isto parece ter um sentido histórico muito especial num tipo de sociedade como a nossa. É importante poder ver que por todo o Brasil, atualmente, desdobram-se experiências desta natureza, mas talvez apenas a Cooperativa dos Jornalistas venha logrando atingir um círculo cada vez maior de entidades, público, etc... e com um objetivo elementar mas absolutamente necessário, por dois motivos ou razões: de um lado, enquanto propõe um serviço de informativo dinâmico (e digamos — claramente — aproveitável por inteiro) oferece a possibilidade de que estas entidades e organizações passem a se dinamizar enquanto tal; isto é, enquanto organizações que devem representar interesses de coletividades. Dinamizar aí significa — através de um órgão informativo — abrir-se eficientemente a seus membros e trazê-los para dentro. De outro lado, é importante e necessário porque é evidente que esta cooperativa não vende apenas serviços, mas tem, com seu sucesso, vendido propriamente uma idéia — a da cooperativização.
Abílio Afonso Baeta Neves, Duisburg, Alemanha Ocidental.

DIGA

Pelotas resiste

Estudado desde fevereiro de 1974, surgiu no mês passado o mais novo empreendimento do empresário Manuel Marques da Fonseca Júnior. Até então dono de um grupo empresarial diversificado que inclui empresas de transporte, emissoras de rádio, indústria de conservas e até uma lavanderia, Fonseca Júnior ingressa agora também no ramo de jornal, com a **Gazeta Pelotense.**

Para editar a **Gazeta,** cujo primeiro número circulou no dia 25 de setembro com um atraso de quase 10 horas (deveria circular às 13h, como vespertino, saiu às 22h30min) Fonseca Júnior fez um grande investimento: construiu um prédio de dois andares e importou máquinas para realizar todas as etapas de um jornal off-set. O total do investimento, seguramente superior a Cr$ 5 milhões, o vice-presidente da empresa e genro do empresário, Paulo Luiz Barcelos de Goz, não revela.

Apesar de tudo, o jornal acrescentou quase nada ao mercado de trabalho em Pelotas. A maioria dos funcionários da redação não é jornalista — mas há professores e até funcionários públicos. O único da equipe que tem registro profissional como jornalista é Mário Alberto Soares. Por isto ele foi presenteado com o cargo de redator-responsável, embora seja, na verdade, apenas o chefe da publicidade.

Aldyr Garcia Schlle (pronuncie Shilé), da ex-**Última Hora** gaúcha, afastado das lides jornalísticas desde 1965, foi encarregado de planejar a redação e escolher o pessoal. Oficialmente, seu cargo é o de diretor-superintendente.

Formato tablóide, 24 páginas de segunda a sábado e 32 aos domingos, o jornal pretende alcançar e servir mais 12 municípios da Zona Sul do Estado. A primeira dificuldade surgiu logo na primeira semana de vida, quando problemas com a rede de energia elétrica e conseqüente desajuste das máquinas impediram que a **Gazeta** circulasse por quatro dias consecutivos.

Quando reapareceu, trazia novidades: deixara de ser vespertino (pesquisas tinham indicado que o período da tarde seria o melhor para vingar um novo jornal) para circular num horário impreciso: "na primeira hora da manhã" que, segundo Schlle, é "a única maneira da gente evitar os eventuais problemas que possam surgir".

Depois dos primeiros e agitados 15 dias, Aldyr Garcia Schlle dizia que "a situação está dominada", enquanto se declarava um pouco surpreendido com a venda avulsa de 800 exemplares em Rio Grande e também com a reação do público de Pelotas:

—Deve-se reconhecer que o **Diário Popular** (o outro jornal da cidade), digam o que digam, tem o seu público e nesta semana notamos que o seu número de anúncios aumentou consideravelmente. (Osmar Trindade)

Esta foto saiu em muitos jornais mas o fotógrafo ganhou quase nada

HERÓI OU VÍTIMA ?

Célio Barbosa da Silva, 24 anos, repórter fotográfico do "O Estado do Paraná": herói ou vítima? Talvez mais vítima.

Vítima por ser um profissional responsável. Vítima por ter que trabalhar com equipamento próprio. Vítima do mercado de trabalho comprimido e aviltado por baixos salários. Por tudo isso acaba sendo herói.

Na quinta-feira (02.09.76), quando vinha de um trabalho tranqüilo, deparou-se com o caminhão carregado de dinamite, incendiando-se. Claro que o Célio não perdeu tempo, começou a fotografar. Claro que nesse momento não ia lembrar-se que ganha apenas 1.800 cruzeiros por mês. Claro que não pensou que poderia morrer. Claro que não lembrou que a sua Pentax foi comprada por ele à prestação e paga com muito sacrifício.

Entre as quatro vítimas fatais do acidente, uma delas estourou do lado dele, podia ser ele. Mas Célio não pensou nisso, continuou seu trabalho. O jornal "O Estado do Paraná" e o "Tribuna do Paraná", no dia seguinte, sexta-feira, aumentaram a tiragem em mais de quarenta por cento, e esgotaram as edições em poucas horas.

Foi fácil, o trabalho de Célio estava naquelas páginas. Os outros jornais, concorrentes locais, perderam longe, eles não tinham o trabalho do Célio. Ele é um herói para o jornal "O Estado do Paraná", mas vai continuar sendo vítima. Foi um herói, também, para os jornais de outros estados, do Rio Grande do Sul ao Amazonas — seu material foi distribuído pela "Agência Estado".

Quanto ganhou? Nada, ou quase nada. Ganhou a glória momentânea. Não ganhou condições de trabalho, de aperfeiçoamento, de sobrevivência. Amanhã, ou outro dia qualquer, se ele falhar, ou não conseguir ser herói, provavelmente será despedido. Triste profissão a nossa. Temos que ser, ou ter, heróis diariamente.

E dia três de setembro, sexta feira, dia seguinte ao da tragédia do Juvevê, dia glorioso para os jornais paranaenses, foi o dia do repórter fotográfico. Nenhum jornal deu sequer uma linha sobre esta data — se é de glória ou de pesar nunca saberemos.

O mesmo pode-se dizer de João Adaime (Juca) e Orlando Kissner, com a diferença de que o Juca é repórter e o Orlando é motorista. Passaram pelo mesmo risco. Também são vítimas. — **Amilton Vieira**, fotógrafo da Editora Abril, Curitiba.

Em Tempo

Fibras Unidas

Como estudante de jornalismo e editor de um jornal de empresa, meus cumprimentos pela excelente edição do **CooJORNAL** e pela luta também realizada aí no sul a favor da classe jornalística. Um abraço. **Marcus Vinicius de Araújo, redator de Fibras Unidas - São Paulo.**

Como Fazer

Não me perguntem como veio parar nas minhas mãos, porque eu próprio não sei, mas o fato é que tenho em mãos um exemplar do Coojornal, referente ao mês de julho (nº7).

Parece mesmo que só nos resta a pequena imprensa para ler, pois a grande imprensa não tem mais jeito mesmo, é irrecuperável.

Gostaria de saber se poderia fazer uma assinatura do jornal de vocês, realmente muitíssimo bom. — **Moacyr Vallim de Freitas,** Coronel Fabriciano, Minas Gerais.

Jornal do Comércio

Na Associação Brasileira de Imprensa tive a oportunidade de ver um exemplar do **Coojornal.** Como se trata de um bom periódico, que traz farto material sobre jornalismo, de um modo geral, venho pedir a gentileza de nos enviar alguns números, inclusive atrasados, e nos colocar na lista de assinantes. Esperando ser atendido, desde já agradeço. **Wenes Barros, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro.**

Coojornal no Rio

Como é? E o jornal de vocês sai ou não sai? Primeiro recebi a informação de que o **Coojornal** ia pras bancas no dia 7 de outubro. Logo depois o Pauletti me disse que tinha ficado pro dia 14 ou 15. Não estou duvidando do Pauletti: o que desejo confirmar é quando o jornal vai chegar por aqui, pois já há uma expectativa pra ver esse jornal que chegará do Sul. Também a gente precisa saber como deve fazer pra receber o jornal. **Tárik de Souza, Rio de Janeiro.**

De mês em mês
coojornal
de mão em mão

Sem Consulta

Embora não tenha sido consultado, como sócio fundador em dia com suas obrigações aprovo inteiramente a idéia de colocar o Coojornal nas bancas. Daqui de São Paulo estamos torcendo pelo sucesso . — **Geraldo Hasse,** São Paulo.

Perdão, leitores

Luis Claudio Cunha

Aceitam-se críticas

A partir deste ano também as reportagens que contenham críticas poderão concorrer ao Prêmio Fiergs de Jornalismo, concurso promovido pela Federação das Indústrias do RGS.

A sugestão nesse sentido, feita pelo Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, foi acolhida pela direção da Fiergs, que introduziu mais duas alterações no concurso: não há tema específico e o prêmio foi subdividido em dois - um de Cr$ 15 mil para reportagens e outro do mesmo valor para a melhor cobertura do setor. Esta subdivisão protege os setoristas dos tradicionais caçadores de prêmio. Com as alterações o Prêmio Fiergs ganhou respeitabilidade.

Um silêncio mineiro

A inauguração da fábrica da Fiat em Minas Gerais, em julho passado, arrastou no clima de festa boa parte da imprensa brasileira. Inclusive a **Folha da Manhã**, de Porto Alegre, que acabou publicando um inusitado editorial (a FM não mantém este luxo) ao lado do noticiário, exaltando a importância do fato. Mas, no último dia 17 de setembro, somente o reduzido grupo de leitores gaúchos dos jornais paulistas ficou informado de que um acidente na BR-262, uma semana antes, matara um dos pilotos de prova (Antonio Salvino dos Santos, 27 anos) da fábrica ao volante de um Fiat-147, o modelo produzido no Brasil.

Nenhum jornal gaúcho achou digno de nota o primeiro acidente de um Fiat em solo brasileiro. A **Zero Hora**, dois dias depois, na edição de domingo, gastou boa parte da seção **Automóveis** para falar, bem e fartamente, da potência e desempenho dos modelos 147. Para o acidente, sobrou um mineiro silêncio.

Informar bem (a quem?)

A Caldas Júnior foi dada no II Encontro Brasileiro de Mídia, realizado de 6 a 9 de outubro em São Paulo, como exemplo de empresa que facilita o trabalho das agências, fornecendo amplas informações sobre seus veículos aos departamentos de mídia. Disse Izacyl Ferreira, diretor de planejamento e mídia da agência paulista CBBA: "Me parece que os jornais precisam acelerar um pouco mais as suas informações às agências e aqui eu revelo que a Caldas Júnior é um dos raros bons exemplos de como se deve informar".

A declaração, de interesse jornalístico limitado, serviu para o Correio do Povo dar um exemplo de isenção e fidelidade aos fatos para os outros jornais de empresa. Ele foi o único a noticiar corretamente o fato, enquanto os outros trataram de manipular as declarações de Ferreira afirmando ambiguamente, inclusive na capa, que a CJCJ era "exemplo de bem informar".

A digna atitude de André

O 10 de setembro ainda não merece, dos jornalistas brasileiros, as festividades que geralmente envolvem o **Dia da Imprensa** nas sociedades livre e democráticas. Mesmo assim, foi com raro brilho que o presidente da Associação Riograndense de Imprensa, Alberto André, agradeceu ao governador Sinval Guazzelli pela homenagem prestada aos jornalistas gaúchos num almoço no galpão do Palácio Piratini: "Ao longo destes anos, nesta data, temos reafirmado nossos ideais de imprensa democrática e a consciência de nossas responsabilidades", lembrou André, discursando em nome dos profissionais e órgãos de comunicação.

— Porque nossa pátria tem vocação de sociedade livre, temos exigido o pleno restabelecimento da liberdade de imprensa e informação como fundamento para a realização política, social, econômica e cultural do nosso povo". Além de expressar sua crença de jornalistas "há muito" estão aptos para assumir seu papel, "dispensando a presença da censura", o presidente da ARI ensinou a governantes e governados: "Na sociedade democrática cabe aos jornalistas e a seus veículos o exercício de quatro direitos que nos são queridos: os de opinar e criticar, como elementos da liberdade de imprensa; os de informar e ser informados, como os da liberdade de informação". E reafirmou a esperança de que a política de distensão do presidente Geisel conduza a uma sociedade, entre outros objetivos, " configurada pelas normas do Direito, de respeito aos direitos humanos".

Uma semana depois da data festiva, no mesmo dia em que 90 mil exemplares da edição número 377 do semanário **Pasquim** eram apreendidos pela Polícia Federal antes de chegar às bancas, no outro lado do mundo o presidente Ernesto Geisel inaugurava o Centro de Imprensa do Japão dizendo, numa entrevista aos jornalitas japoneses, que o seu governo tem "a maior preocupação pela verdade - a verdade ecômica, a verdade política, a verdade social". E, identificando-se plenamente com os princípios do menos exigente dos jornalistas (brasileiros ou japoneses) , o presidente brasileiro conclamou a imprensa a "zelar por que prevaleça, sempre, a verdade sobre a impressão, o fato sobre a versão". Infelizmente, nenhum jornal gaúcho soube (ou quis) dar o devido destaque às oportunas manifestações de André e Geisel sobre direitos e deveres inerentes à missão de informar. Falha, aliás, não encampada pelo respeitado presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Prudente de Moraes Neto, que enviou mensagem ao seu colega da ARI solidarizando-se com suas declarações, para as quais previu "repercussão desejada em toda a classe".

Finalmente, completando um **Dia da Imprensa** inesperadamente tratado com grandeza e dignidade pela classe, o Sindicato dos Jornalitas Profissionais de Porto Alegre instalou oficialmente, no próprio dia 10, duas novas comissões: uma para estudar a redefinição do ensino de jornalismo e outra para zelar pela liberdade de imprensa - felizmente um mal que nunca deixou de contaminar os jornalistas conscientes deste país.

O outro lado do show

Depois do **Fantástico** do dia 12 de setembro, os telespectadores da TV Gaúcha tiveram a oportunidade de observar um outro lado do **show da vida**. Num programa a cores de 80 minutos de duração, preparado por uma equipe de vinte pessoas (entre redatores, repórteres, técnicos e cinegrafistas) do seu departamento de jornalismo, a Gaúcha procurou mostrar a "Amarga fuga do campo", o quarto especial da série mensal "Documento". Nos quatro segmentos em que se dividiu o programa, o êxodo rural de 370 mil gaúchos na última década ficou a cargo de uma nebulosa "falta de perspectivas do campo" que gera a marginalização, assunto que ainda exige da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, conforme seu superintendente regional, "estudos sobre suas causas específicas".

A má distribuição da terra, ponto crucial do problema, foi citada superficialmente e nenhuma frase foi dita sobre a falta de garantias que o agricultor recebe do governo pelo seu trabalho. Mesmo assim, o programa, que se mostrou bem mais eficiente e correto na imagem do que no texto, representa um grande avanço e justifica esperanças de uma melhor utilização dos recursos da tv. Afinal, não é todo dia que um assunto tão pouco fantástico quanto a dura realidade do agricultor consegue minutos preciosos no bom domingo de nossa televisão, submetida ainda a latifundiários da mediocridade como Sílvio Santos.

Toda atenção ao aneurisma

Espantosa a cobertura da editoria política da **Zero Hora** ao aneurisma do senador Tarso Dutra, presidente regional da Arena. Entre junho e outubro, quando retornou de seu tratamento cardíaco (cirurgia de uma dilatação da veia aorta)nos Estados Unidos, Dutra ganhou citações quase diárias do jornal. Espera-se que, além do senador recuperado e do aneurisma popularizado, o leitor esteja melhor informado sobre a política gaúcha.

Cobertura natalícia

Um título realmente envaidecedor: "O jornal de melhor cobertura parlamentar do país", disse Alberto Dines em sua coluna sobre imprensa na **Folha de S. Paulo** (3/10), referindo-se ao diploma atribuído pela Associação Brasileira de Imprensa ao **Correio do Povo** num simpósio do Senado sobre jornalismo parlamentar.

Um título por si só suficiente para elevar ainda mais o prestígio nacional do mais influente jornal gaúcho. Por isso, fica difícil entender alguns hábitos do velho **Correião**, que se ajustariam melhor a um pequeno jornal de interior, como o provinciano desfile de personalidades, amigos e velhos assinantes depois do dia primeiro de outubro , data de aniversário do jornal. Não se explica, na verdade, é o forçado tratamento jornalístico que o CP tenta dar à data numa rotina, que se prolonga durante todo o mês, e que se torna uma prática repetida pelos outros jornais de Porto Alegre. Este ano em apenas cinco edições (entre 2 e 7/10) deste mês, em que comemora 81 anos de vida, o CP dedicou 9 páginas e 101 fotografias ao "assunto".

GANHA PÃO

Uma rápida olhada nos jornais de Porto Alegre mostra que Juca Chaves nunca foi tão atual como agora. Lá pelos idos dos anos 60, Juca cantava: "E O FUTEBOL É O GANHA-PÃO DA IMPRENSA". Pura verdade.

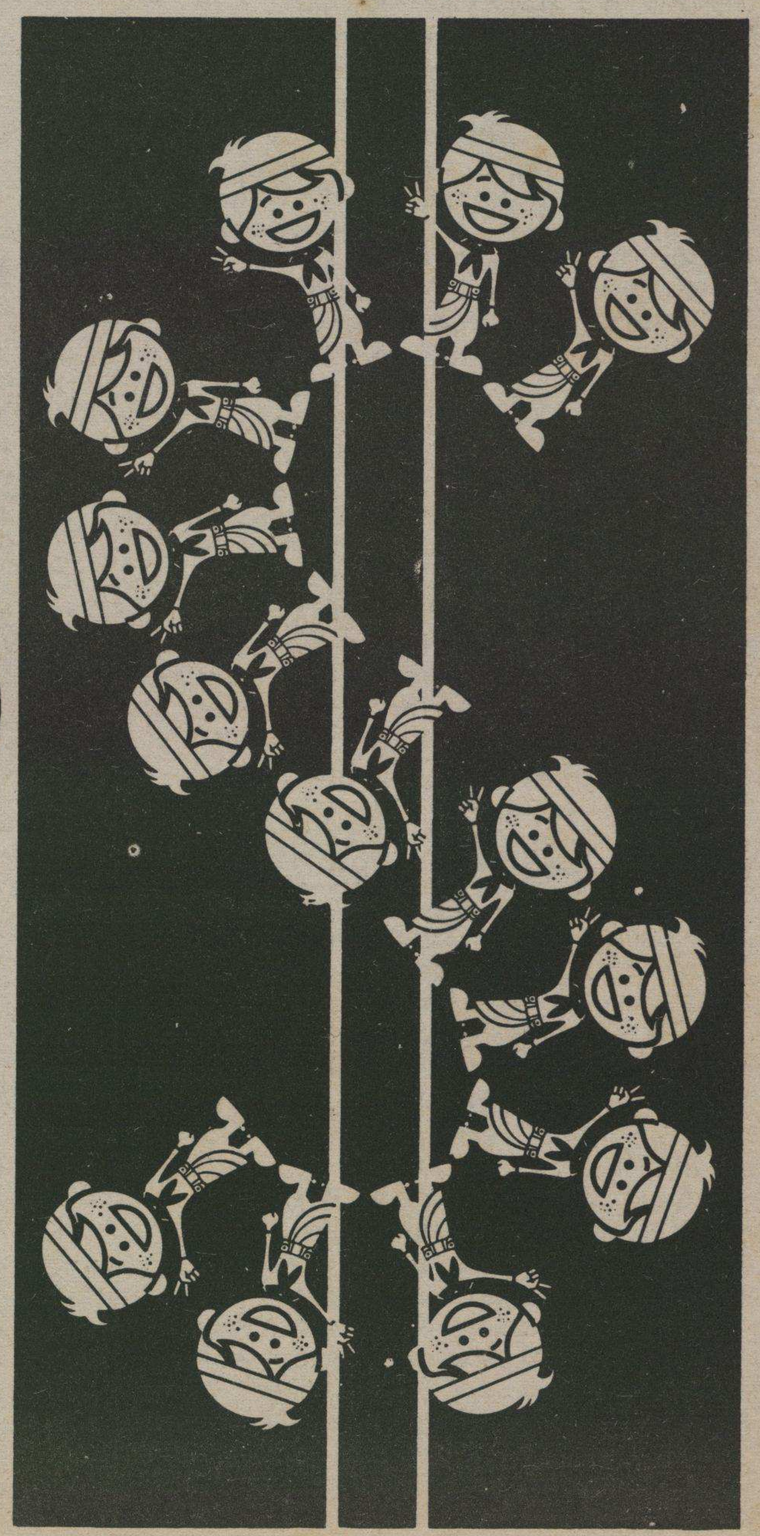
Lucro líquido e certo.

Abra uma Caderneta Apesul de Poupança. Você recebe dividendos, correção monetária, abatimento no Imposto de Renda, livre movimentação e garantia do Governo Federal.

Dinheiro na Caderneta Apesul de Poupança é isto: lucro líquido e certo.

Certo?

Caderneta APESUL de Poupança



marca

E O PERU NÃO GOSTOU

O repórter Caco Barcelos acompanhou Sílvio Santos três meses para fazer uma série de reportagens sobre o nascimento da sua estação de TV. Quando saiu a primeira, na revista Tv Guia*, Sílvio estrilou: tinha muita coisa que seu público não podia saber. Ameaçou e fez tanta pressão que a revista amenizou as reportagens seguintes. Aqui, um resumo do trabalho, com as partes que menos agradaram Sílvio

"Põe um conhaque depressa que o Peru está chegando", diz o rapaz com um maço de folhas escritas embaixo do braço. Mas antes que o dono do bar o sirva, ele ouve **o grito do peru** e sai correndo em direção ao estúdio.

O **grito** é a buzina de um belo Ford Camaro Lype Lt, modelo 1976, chapa EB-999 e **peru** é o seu ocupante, o empresário-animador de tv Sílvio Santos, que não gosta muito do apelido adquirido nos tempos em que era camelô e nem admite que algum de seus funcionários chegue atrasado ao programa.

O motorista Pedro Maqueli estaciona com cuidado na vaga guardada por três homens da segurança e Sílvio Santos salta em direção às escadarias do teatro. No meio do caminho ele se vira e grita: "Cuidado com esse terno aí no banco de trás, isso é uma roupa inglesa".

Os funcionários dizem que este será mais um dia difícil, porque é sempre difícil trabalhar com Sílvio Santos nos bastidores do seu programa. Minutos depois, já se ouve a sua voz irritada: "Garim, se você me parar de novo o programa por causa da luz, eu te ponho na rua".

Desta vez foi Garim, o diretor musical, mas a bronca poderia ter sido com a **jurada** Márcia de Windsor, tantas vezes espinafrada nos bastidores, ou mesmo com um convidado. Como o cantor Waldick Soriano, que apesar da fama de machão, ouviu no meio de uma gravação, o berro de Sílvio : "Pare de dizer asneiras ou retire-se daqui agora".

Sílvio Santos tem 5 mil empregados em suas 20 empresas, mas os 30 que produzem os seus programas são os mais exigidos. Deles não aceita um erro por pequeno que seja e dizem até que ele é capaz de expulsar toda a equipe no meio de um trabalho e no dia seguinte readmití-los como se nada houvesse acontecido.

Mesmo assim (ou talvez por isso) alguns o adoram. É o caso de Dirceu Luppo, cenógrafo, que trabalha com Sílvio desde o início da carreira:

— Tem pessoas, diz Dirceu, que vivem por um ideal, outros pela fé em Deus. E eu tenho algo parecido com estas pessoas. Minha vida é toda dedicada a realizar a vontade de Sílvio Santos. Eu conheço tão bem este homem que se fosse falar tudo que sei dele, seria a sua ruína. Sei de todas as suas sacanagens, seus podres e de tudo o que ele tem de bom. Mas disso eu faço segredo, guardarei para a eternidade.

Quando está zangado, Sílvio se refugia na sua casinha, lá no canto do palco, onde há uma mesa, um espelho, sete garrafas térmicas de café com leite sem açúcar. E José, o caseiro José, encarregado de servi-lo.

A maioria das 30 pessoas da equipe de produção trabalha há mais de dez anos com Sílvio Santos, fazendo tudo o que ele deseja. Por exemplo: quatro desses funcionários são pagos especialmente para preparar 80 quilos de cartolina, onde são escritas cerca de 2.800 palavras que Sílvio Santos lê nas oito horas de programa.

Graças a isso, ele não precisa decorar nada do que está falando. Está tudo escrito ali na sua frente em folhas de cartolina que dois assistentes seguram junto à câmara, de modo que ao ler, Sílvio pareça estar olhando para a câmera. Quando aparece um sinal vermelho, ele interrompe: é um comercial, um aviso da produção, a resposta de um entrevistado. Através das cartolinas, a produção ainda mantém Sílvio informado sobre a sua aparência com avisos em letra vermelha do tipo: "Suado na testa", "Cabelo desajeitado", "Mais pozinho no nariz". Então ele interrompe o programa e imediatamente se recompõe.

Há também o trabalho de Gonçalo Roque, um gordinho com cara de índio que já se elegeu vereador com o prestígio adquirido no programa. Ele comanda a platéia, orientando através de cartazes as **colegas de trabalho**, para que cantem, batam palmas, dancem.

Mas não apenas isso: ele também faz a seleção de quem entra no auditório:

— Meu trabalho aqui é o seguinte: mando embora as feiosas da fila e seleciono as bonitinhas para as primeiras poltronas do auditório. Elas fazem o visual, aparecem sorrindo para as câmeras e ganham Mirabel e iogurte Danone nos intervalos. Eu faço isso: animo a platéia, distribuo lanches e às vezes ajudo na segurança: comigo menor não entra, nem solteirona. E bêbado também não, sabe como é?

Há ainda tarefas comuns a toda equipe, como evitar a poeira no palco e pessoas perfumadas. O pó e o perfume congestionam o nariz e irritam a garganta de Sílvio e ele não agüenta continuar falando por muito tempo.

No final do ano passado, essa equipe tão zelosa recebeu uma incumbência gigantesca: produzir os programas para o Canal 11, a televisão que o governo concedeu a Sílvio Santos no dia 23 de outubro de 1975 e que é a 20ª empresa do seu grupo.

A TV Sílvio Santos, instalada no Rio de Janeiro, teria toda a sua programação feita em dois estúdios em São Paulo - o Studio Sílvio Santos de Cinema e Televisão e o Teatro Manoel da Nóbrega - onde há anos são realizados os dois programas de SS

Durante 90 dias, a partir de junho, eu estive diariamente nesses dois estúdios para descrever o nascimento da nova televisão, o Canal 11. No dia em que assinou o contrato com a TV Tupi, para onde levaria o seu programa antes apresentado na Globo, ele me deu uma entrevista, entrevista que eu havia pedido há mais de mês.

***Tv Guia é uma nova revista da Abril, por enquanto circulando só em São Paulo e Rio.**

Antes nós jantamos na sua mansão na mesma rua onde mora o cantor Roberto Carlos, no bairro Morumbi em São Paulo. De regime, para não passar dos 80 quilos, Sílvio comeu carne, salada e legumes e demonstrou não estar tão otimista como na primeira conversa que tivemos, logo na primeira semana do meu trabalho. Nessa primeira conversa rápida, ele me disse :

— Na verdade estou criando o primeiro centro de produção de tevê brasileiro.Daqui desses dois estúdios faremos os programas do canal 11 e para quem mais quiser. No futuro quero ter uma produção industrial, vender shows de alta qualidade em quantidade. Acho que a rede de televisão é um sistema ultrapassado, um monopólio. Aonde se viu uma estação de televisão de Porto Alegre ou de Fortaleza se obrigar a exibir a programação da rede da qual faz parte?O nosso centro de produção será uma alternativa para os fracos".

Naquela época havia grande euforia nos dois estúdios. Dez dias antes haviam chegado os 21 caixotes com as máquinas importadas dos EUA, mais de duas mil toneladas em equipamentos que custaram 2,5 milhões de dólares a Sílvio Santos. Todos os dias chegavam mais de 300 cartas de todo o país demonstrando que o público também acreditava no Canal 11.

Uma carta de Fortaleza dizia: "Sílvio, nós aqui do armazém da Gizelda queremos te ajudar a fazer a TV 11. Estamos às ordens. Segue anexo um versinho do Guedes para fazer sucesso no 11". Outra de Manaus: "Eu não tenho perna, Sílvio, sou braçal na lavoura e meu amor é o acordeon. Você deve contratar todos os aleijados que tocam acordeon. Imagina todos eles juntos no palco? O Brasil inteiro veria. João Pedro ou Sanfoneiro Pedroca".

Na noite em que jantamos, a euforia havia desaparecido. Eis um resumo do que disse Sílvio Santos:

— Antes o governo pensava que eu fosse apenas mais um apresentador popular, mais um Chacrinha só que de paletó e gravata. Para ganhar a concessão do canal 11 fui submetido a um exaustivo interrogatório dos ministros. Eles fizeram quatro sabatinas comigo, perguntas e mais perguntas, investigaram toda a minha vida.

— Nós ainda não pensamos na programação do Canal 11. Mas posso garantir que ela conterá mensagens de amor e otimismo através de muitos programas de auditório. O modelo que considero ideal é o do **Arrisca Tudo** (quadro de perguntas do seu programa dominical) que diverte e educa o povo.

— Mas quero também dizer uma coisa: se eu soubesse como era difícil fazer uma televisão nem começava. É mais fácil dirigir vinte empresas do que uma estação de tevê.

Na verdade isso é apenas um desabafo de Sílvio Santos diante das enormes dificuldades que encontrou para fazer funcionar o seu centro de produção. Logo depois ele afirma que continua interessado em comprar quantas emissoras for possível(pela lei, ele só pode comprar cinco).

No centro de produção ele pretendia fazer de início um show chamado **Bakará 76**, escrito por Arnaud Rodrigues que era redator dos programas de Chico Anísio, um programa de auditório (**Um Instante Maestro,** do Flávio Cavalcanti) e uma novela escrita por Ivani Ribeiro. Além de continuar produzindo os dois programas semanais de Sílvio - Programa Sílvio Santos e Sílvio Santos Diferente.

O início não chegou a ser mau. O Canal 11 lançou sua imagem nos televisores do Rio de Janeiro em abril, usando um equipamento velho porque o novo ainda não havia chegado. E três dos seus programas, **Bakará, Um Instante Maestro** e **Sílvio Santos Diferente** foram comprados pela Record, de São Paulo.

Dois meses depois, no entanto, a Record rompeu o contrato porque não havia alcançado o índice mínimo previsto no negócio que era 8% de audiência. Em conseqüência disso, o centro de produção teve que suspender a sua programação porque os gastos eram muito altos - só no Bakará 76 foram gastos 300 mil cruzeiros sem retorno comercial.

Depois disso tudo o ambiente nos estúdios era bem diferente daquela euforia inicial. Os funcionários exaustos (as gravações de cada programa duravam até 16 horas) brigavam entre si e eu ouvia discussões por onde andasse:

— O Arnaud Rodrigues veio da Globo para estourar os nossos orçamentos. Gastamos 120 mil cruzeiros só com a saleta de Bakará e acabou ficando uma droga. Se ele era bom na Globo, por que não mostra que é bom aqui? (Acusação de Arlindo Silva, relações-públicas de Sílvio Santos).

— O Sílvio é como amante que não faz carinho. Diz que me ama, que me adora, mas não me beija, não me abraça. Quero dizer: eu sei que ele gosta do meu trabalho mas não dá condições. Quando cheguei aqui me desesperei. A equipe dele está habituada a fazer os programas dele, mas não tem preparo para fazer uma nova tevê. Não há um homem sequer que entenda do que está fazendo(Queixa de Arnaud Rodrigues).

Depois disso, o centro voltou a fazer apenas os programas de Sílvio e o Canal 11 se mantém no ar no Rio apenas precariamente, com esses programas, mais alguns filmes velhos estrangeiros e um resumo de notícias de 3 minutos diários obrigatórios por lei. Segundo os jornais do Rio, Sílvio Santos perde 500 mil cruzeiros por mês com sua tevê. Ele diz que o "canal 11 só competirá para valer a partir da metade de 1977".

Nesse meio tempo, no entanto, Sílvio Santos demonstrou que não desanima, adquirindo 50% das ações da TV Record, de São Paulo. Mas isso já é outra história.

Chame a União e faça uma apólice de "Vida em Grupo" para seus empregados.

É o seguro dos empresários responsáveis.

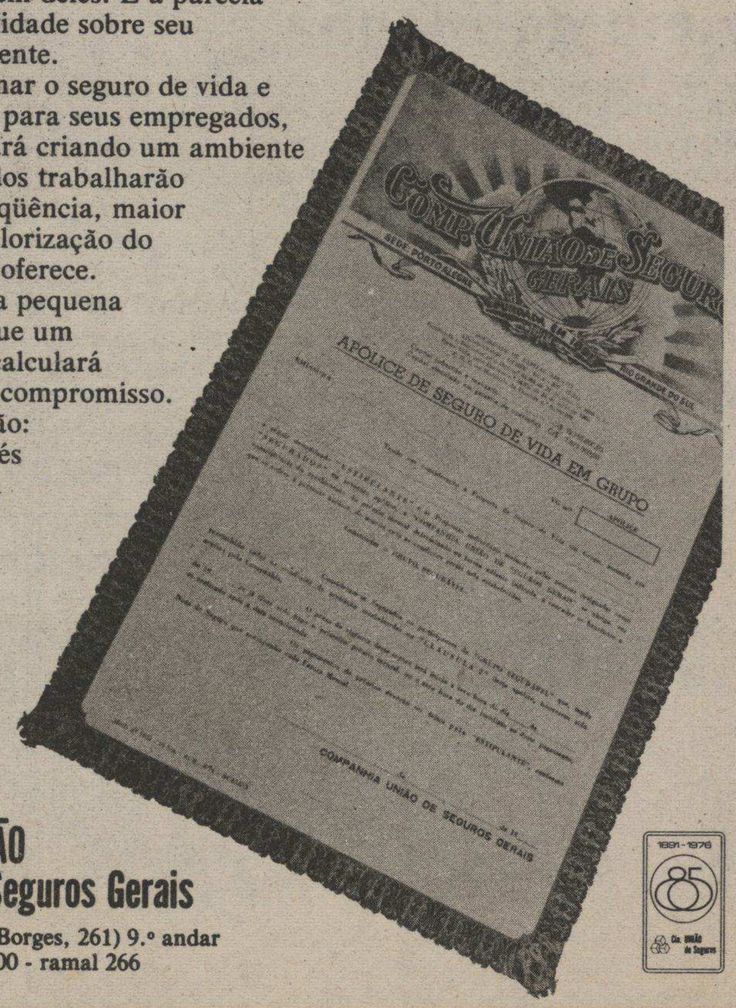
Se a sua empresa tem mais de cem empregados, consulte imediatamente a União de Seguros sobre uma Apólice de Vida em Grupo.

Você sabe o quanto é importante para sua empresa o trabalho de cada um deles. E a parcela de sua responsabilidade sobre seu bem-estar permanente.

Ao proporcionar o seguro de vida e acidentes pessoais para seus empregados, você também, estará criando um ambiente tranqüilo onde todos trabalharão melhor. Em conseqüência, maior produtividade e valorização do emprego que você oferece.

Tudo por uma pequena quantia mensal, que um técnico da União calculará a seu pedido, sem compromisso.

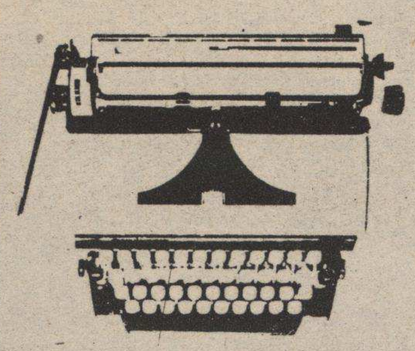
Chame a União: diretamente, através de seu corretor, ou de um gerente do Banrisul.



Cia. UNIÃO de Seguros Gerais

Ed. União (Borges, 261) 9.º andar
Fone 24.50.00 - ramal 266

IMPRENSA



Reale contra Alberto Dines

O empreiteiro Henry Maksoud que, numa surpreendente diversificação dos seus negócios, adquiriu há dois anos a revista **Visão** contratou um dos mais caros advogados do país — Miguel Reale — para processar o jornalista Alberto Dines, diretor de redação da Folha de São Paulo, no Rio.

O dono da Hidroservice acusa o jornalista de caluniador por causa de uma nota publicada dia 15/8/76 na coluna Jornais dos Jornais, que Dines assina aos domingos na Folha de São Paulo. Nesta nota, Dines afirmou que Maksoud preparou um dossiê sobre a infiltração de subversivos na imprensa brasileira e tentou entrega-lo aos órgãos de segurança, que o rejeitaram.

"Eu tomei conhecimento da lista, disse Alberto Dines ao **CooJORNAL**, através de uma autoridade federal que leu o documento e considerou-o completamente descabido". Ele garante ainda que "muita coisa interessante vai aparecer neste processo".

CORREIO DA MANHÃ

CORREIO VOLTA A SAIR NO SEU ANTIGO ESTILO

A HISTÓRIA DE UM GRANDE JORNAL — UMA EXPLICAÇÃO — A VOLTA DO VELHO CORREIO

CM, o título em leilão

Marinho quer o Correio da Manhã

Está confirmado que Adolfo de Andrade Filho, advogado, representava os interesses de Roberto Marinho, diretor de **O Globo** e da Rede Globo de Televisão, no leilão do título do **Correio da Manhã,** realizado no fim do mês passado, no Rio. Na ocasião o advogado fez, como lance máximo, uma proposta de Cr$ 1 milhão e 150 mil. O negócio não foi feito, porque a ordem do juiz da 18ª Vara Cível era de Cr$ 1 milhão e 500 mil, no mínimo, para a venda do título. E o leilão, que começou com um lance de Cr$ 100 mil, foi adiado por ordem judicial.

Porém, até agora, não se sabe quais são os planos do proprietário de O Globo, o maior jornal em circulação no Brasil. Roberto Marinho, no entanto, é conhecido como colecionador de títulos de publicações. Foi ele quem vendeu, com bom lucro, à Editora Abril os nomes **Homem** e **Enciclopédia da Mulher,** que eram de sua propriedade, entre vários outros que ainda possui.

Estado volta ao esquema antigo

O Estado de São Paulo está modificando a estrutura de funcionamento da redação e, ao mesmo tempo, mudando a própria redação .Na estrutura, o jornal está voltando ao esquema de editorias. Este esquema, mais rudimentar, tinha sido substituído há vários anos pelo sistema de"mesão" (que englobava todos os editores em um único corpo) e "mesinha" (constituído pelos sub-editores das respectivas áreas) e pela unificação da equipe de redatores. Não participavam do mesão e mesinha os setores de economia, esportes, artes e internacional.

Agora, **Estado** volta ao esquema de editorias, - cada área tem seu editor e seu corpo próprio de repórteres e redatores. A reportagem geral acabou; agora existe um corpo de repórteres especiais, vinculados ao setor de produção do jornal, responsável pelas grandes coberturas nacionais e internacionais. A intenção é dinamizar e agilizar a atuação dos repórteres, em qualquer nível, e procurar ampliar o volume das chamadas "grandes matérias".

Ninguém foi dispensado ou demitido até o início de outubro, mas a redação mudou também. O cargo de gerente de redação (equivalente ao secretário geral) foi assumido por Clóvis Rossi. O cargo era ocupado por Oliveiros Ferreira, que será editorialista e coordenador de suplementos (dizem também que ele poderá ganhar uma **embaixada** no exterior). Com Rossi, subiu Raul Bastos, que passa a ser o segundo homem da redação.

Mulheres na ofensiva

O Ano Internacional da Mulher, no Brasil, deu alguns frutos interessantes. Os diversos movimentos feministas que se criaram estão lançando jornais para ampliar a discussão. Entre esses jornais, dois se destacam: o **Brasil Mulher,** que está no quinto número, vem defendendo os direitos humanos e lutando pela anistia, e o **Nós Mulheres** desenvolve uma luta pela conscientização da mulher de uma maneira geral.

Do **Nós Mulheres:** "Achamos que devemos lutar para que possamos nos preparar tanto quanto os homens para enfrentar a vida.... Para que ganhemos salários iguais.... Para que a sociedade reconheça que o cuidado com nossos filhos é um dever de todos e não só das mulheres".

Do **Brasil Mulher,** entrevista com a socióloga Mônica Leite de Barros, da Universidade de Campinas: "Os debates mais lúcidos a respeito da situação da mulher não separam a emancipação feminina da conquista de uma nova ordem social. A luta da mulher por uma participação mais ampla faz parte de um processo global de reordenação das relações sócio-políticas".

Pedradas, pauladas e encafifações...

O Jornal Folha do Povo **de Cruz Alta publicou esta notícia em sua edição de 24 de setembro, sob o título "Apedrejado e surrado":**

Antigamente, nos tempos da bucólica Cruz Alta com quiosque na praça, retreta e tudo o mais, existia uma zona famosa na cidade, chamada "João do Prado", onde a boemia fazia seu ponto e onde, de quando em vez, aconteciam as mais extraordinárias e esplendorosas encafifações.

Bem, mas o tempo passou e a zona do "João do Prado" foi, também, engolida pelo progresso. Hoje ela é mais um aglomerado de casas, sem seu antigo encanto e mistério.

Mas, apesar de tudo, parece que persistiram, ainda, alguns eflúvios evocadores das grandes encafifações de antanho.

Ontem, por exemplo, o forrobodó foi dos grossos por lá, com bofetões e outras mimousuras trocados entre os contendores.

Pois o Antonio Luiz, moço comportado e de muito boa paz, contando apenas dezoito paralelepípedos no calçamento da vida, estava a usufruir das delícias de um repouso merecido em seu lar-doce-lar quando desabou sobre o teto um verdadeiro bombardeio. Foi uma coisa tão violenta que Luiz pensou até que o mundão velho estava indo para o beleléu.

Mas, como ele não é assustado, tratou logo de verificar a ocorrência. Lá fora, satisfeito da vida e dando vazão ao seu espírito de porco, estava o Luiz Carlos, mais conhecido nas rodas de malandragem por "Catito", munido de robustas pedras e treinando tiro-ao-alvo contra a casa do Luiz. Ora, diante de tanta desfaçatez, o Luiz não teve outra atitude senão repreender o autor (material e intelectual) de tão feio proceder. Mas o "Catito", num boa, disse que nem tava e que o Luiz fosse se queixar para o Bispo. Ora, entre se queixar para o Bispo (ainda ausente da cidade) e relatar aos pais do "Catito" a ocorrência, o Luiz ficou com a segunda hipótese.

Por isso, foi até a residência "catital" onde, em audiência com os progenitores do "anjinho", deu ciência do apedrejamento verificado e tendo por alvo sua casa. Mas, porém, não esperava o Luiz a reação dos familiares do "Catito". Estes,dando força ao diabinho, se botaram para cima do Luiz, na base da agressão bem agredida, e, com bofetões bem calculados e bem dirigidos, arrancaram dois preciosos dentes do Luiz. Além dos bofetões e da extração fora de hora e sem anestesia, os dignos parentes do "Catito", na fúria de que ficaram possuídos, não calcularam bem a direção de seus murros, e, deixando os cariados, extraíram dois dentinhos jóias do menino...

Luiz, quando conseguiu se safar dos "afagos" da família "Catito", engrenou uma primeira e, queimando óleo, foi bater no casarão da General Câmara, onde, aflito e desdentado, contou aos homens da lei suas desditas. Apedrejado e surrado, foi ele encaminhado para um tira-dentes.

Tudo que está no ar, está na Continental.

Nos 1120 ,rádio à moda da casa.

Bons lucros na Caldas Júnior

As empresas de comunicação podem ter razão quando afirmam que seus resultados não têm sido compensadores desde 1975. Mas a Companhia Jornalística Caldas Júnior não pode se queixar.

Segundo seu último balanço, no exercícicio que vai de julho de 75 a junho de 76, o grupo Caldas Júnior, que reúne os jornais Correio do Povo, Folha da Tarde e Folha da Manhã, conseguiu aumentar sua receita em 44% (passou de Cr$ 108 milhões para Cr$ 156 milhões), o que representa um crescimento de 6% em termos reais.

Mas, graças a um vitorioso programa de contenção, seu lucro aumentou substancialmente mais: saltou de Cr$ 5.800 mil para Cr$ 9.400 mil, um acréscimo, portanto, de 62%. A porcentagem do lucro sobre as receitas não é geralmente elevada no setor. Mas a CJCJ conseguiu aumentá-lo de 5,3% (em 1975) para 6,0% (em 76), o que garantiu um lucro líquido sobre o patrimônio líquido de 16,3%.

Os resultados da Rádio Guaíba, outra empresa do grupo CJCJ, não foram tão favoráveis, embora continue sendo uma empresa altamente rentável. Sua receita operacional cresceu de Cr$ 14.500 mil em 1975 para Cr$ 21 milhões em 76. Um salto de 41,9%. Mas o lucro líquido aumentou apenas 8,8%, pois passou de Cr$ 3.400 mil para Cr$ 3.700 mil.

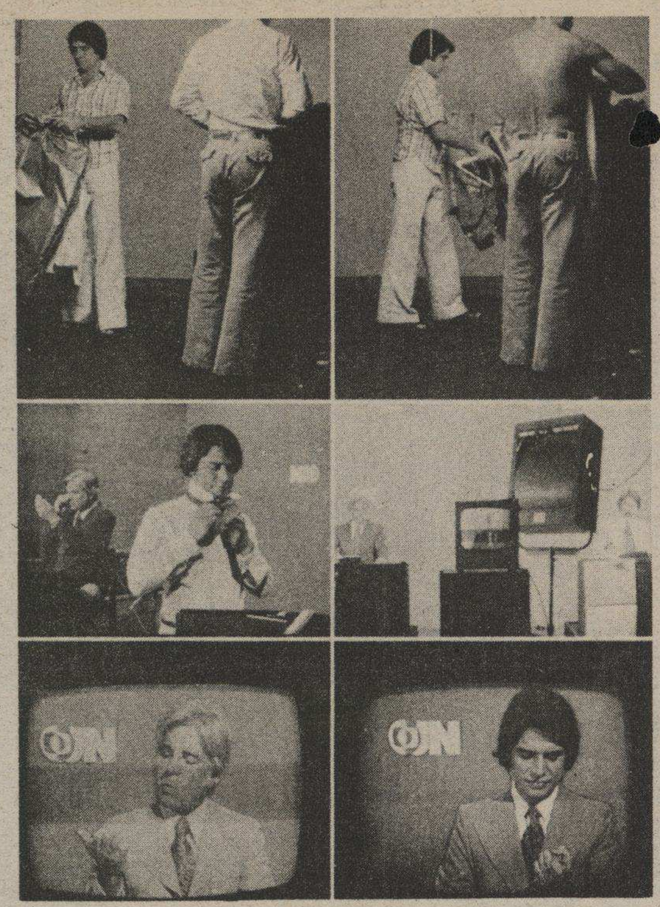
Assim mesmo, os indicadores de lucratividade da Guaíba continuam sendo favoráveis: o lucro líquido sobre a receita foi de 17,6%, ainda elevado, apesar de ter sido inferior aos 23% do ano passado. O lucro sobre o patrimônio líquido também sofreu uma redução, caindo de 31,5% para 24,8%. Mas ainda é bastante satisfatório, considerando-se a média do setor, que segundo a última edição dos **Melhores e Maiores,** suplemento da revista **Exame** que circulou em fins de setembro, é de apenas 14%.

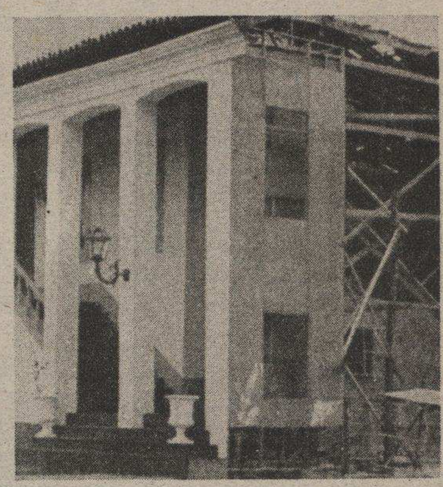
Em **Maiores e Melhores,** a única empresa gaúcha a figurar entre as 10 mais é a Caldas Júnior, que permaneceu na oitava colocação em rentabilidade sobre as vendas, embora perdendo terreno. Nesta classificação geral por vendas, a mudança mais importante foi a perda de terreno da Abril SA, que perdeu a liderança conquistada em 1974 para a Guias LTB. A Abril ficou em segundo, vindo logo a seguir **O Estado de São Paulo.**

O jornal paulista Gazeta Mercantil foi o que apresentou o maior crescimento em vendas (47,8%), ficando a Editora Vecchi em segundo (44,6%) **O Globo** em terceiro (32,1) e **O Estado de São Paulo** em quarto (16,8%). No crescimento em vendas, a gaúcha Caldas Júnior está em nono lugar (6,8%).

Na rentabilidade sobre o patrimônio, **O Globo** ficou em primeiro lugar (52,3) e a Caldas Júnior em décimo (13,4%). (Hélio Gama)

Depoimento de Guilherme Cunha Pinto, um dos três repórteres de Veja que passaram 18 dias na Rede Globo para fazer uma reportagem sobre a "Hollywood brasileira":





Lá dentro, todos são artistas, das grandes estrelas aos porteiros

Na barriga do monstro

De cara é bom deixar claro que a direção da TV Globo, para nossa surpresa, se abriu à investigação. Hamilton Almeida Filho, editor do Ex- e do Bondinho convidado por Veja para essa matéria, Joaquim Ferreira dos Santos, repórter da sucursal do Rio de Janeiro, e eu, tivemos livre trânsito na emissora a partir de uma carta que explicou a nossa intenção: vasculhar a Globo de cima a baixo, da sala do Walter Clark à sala de cortes de vídeo tape, passando pelos departamentos de novelas, de shows, telejornalismo, engenharia, administração, comercialização, o diabo.

Esse súbito golpe de liberdade pareceu ainda mais estranho à medida em que, nos dezoito dias em que perambulamos pelos estúdios e corredores, fomos nos impregnando do espírito que paira sobre essa incomparável máquina de imagens e de dinheiro. Por toda a parte, o clima perfeito do modelo autocrático.

O movimento é decididamente vertical. A partir do alto da montanha, onde se instalada José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Enquanto Walter Clark cuida basicamente da definição política e diplomática do império Globo, é Boni quem faz a máquina andar.

E com talento, reconheça-se: é o superintendente de programação, produção e engenharia da casa, cuidando pessoalmente de tudo - desde a decisão de comprar nove milhões de dólares de novos equipamentos, até o julgamento se determinado show está bom ou se precisa de um corte aqui, uma nova tomada ali. E não fica na teoria: numa hora em que nada dá certo, ele mesmo vai à sala de cortes e pessoalmente arruma.

Tem dias em que, por exemplo, chama Jô Soares e apresenta um personagem que inventou para o Planeta dos Homens, ou diz que a letra da música da abertura do Fantástico está uma porcaria, e rabiscando num papel durante cinco minutos, faz os versos que hoje nossas pobres crianças sabem de cor.

Boni é um monstro, talvez em todos os sentidos. Em setembro, ele já tinha superado a casa dos setecentos memorandos mensais, apavorando milhares de funcionários com ordens, contra-ordens, críticas e um eventual elogio.

Pois esse sistema de governo é copiado pelos vários diretores e centenas de chefetes de plantão que comandam os mais diversos departamentos em que se divide a Rede Globo. O autoritarismo está, por exemplo, em Daniel Filho, diretor das novelas do núcleo das vinte horas (que, num acesso, já foi capaz de interromper uma gravação berrando "aqui o gênio sou eu. Vocês são uns incompetentes"), como está igualmente no chefe dos recepcionistas, que passeia nervoso pelo saguão da emissora em seu uniforme azul de botões prateados, igual a um brigadeiro com úlcera, interrompendo a passagem de estranhos e subalternos ao menor sinal de suspeita.

Sim, pois como observou o ator Hugo Carvana, certa vez, na Globo todo mundo é artista: "Você pode perguntar a um contínuo o que é que ele faz, ele vai dar oitocentas explicações mas não vai dizer que é contínuo. Até aquele rapaz que toma conta da entradinha dos técnicos, lá no prédio velho, eu já surpreendi lustrando cuidadosamente a correntinha que regula a passagem".

Todo mundo é artista. Em pouco mais de uma hora de entrevista para a gente., o diretor do Departamento de Análises e Pesquisa da Globo, Homero Icaza Sanchez, fez tudo o que sabia. Pediu três ligações para a casa onde vive sua família, no Panamá, dançou pela sala, caiu no tapete e manteve o seguinte diálogo com assistente saído de algum filme de aventuras: "Doutor Homero",disse o assistente, "aquela pesquisa que o senhor pediu para o Ibope de São Paulo está a caminho, o rapaz pegou o trem e...". Homero interrompeu: "Trem? Mas então ele só vai chegar aqui amanhã. Eu queria ler essa pesquisa hoje. Não dá pra gente parar o trem e botar o rapaz num avião?"

Outra experiência interessante é sair com a reportagem do Jornal Nacional para uma cobertura rotineira num subúrbio carioca. Era um problema de trânsito na frente de uma escola. Coisa mais ou menos tranqüila até a chegada da perua da Globo. Instalaram-se no meio da rua o diretor do grupo escolar e o repórter da Globo, a câmera foi preparada, fios esticados, e começou-se a gravar a entrevista.

— É engraçado. No tempo do rádio, nós, redatores de humorismo, colhíamos material no meio do povo, nas suas tiradas, em sua gíria. Hoje é estranho. Às vezes eu estou no balcão de um botequim e ouço um gaiato falando: "É, o macaco tá certo. Não é não, Pedro Bó?" Quer dizer, houve uma inversão aí, parece que todo mundo perdeu a imaginação.

O exemplo do humor vale para o telejornalismo, onde a troca de valores não é menos grave. O repórter Joaquim Ferreira dos Santos saiu com o pessoal do Jornal Nacional para uma cobertura rotineira num subúrbio carioca. Era um problema de trânsito na frente de uma escola. Coisa no meio da rua o diretor do grupo escolar e o repórter da Globo, a câmera foi preparada, fios esticados e começou-se a gravar a entrevista.

Nisso o povo da região fou chegando, chegando, atraído pelo aparecimento do logotipo da Globo na blusa dos técnicos e no carro de reportagem. Antes da segunda pergunta, o pandemônio era total — gente enroscada no fio, uma multidão tomando a rua, entrevistado e entrevistador prensados no meio da massa, e o chefe da técnica berrando "corta, corta". A notícia, àquela altura, já era a presença da Globo no local.

E nas redações onde se edita o material de telejornalismo, a distância em relação ao fato é outro grande problema. Além da censura, os editores são perturbados pela exigência de limpeza visual no noticiário, o que faz com que eles passem horas e horas perdidos na parafernália técnica à procura da melhor cor, do melhor ângulo.

A forma, antes de tudo. O conteúdo é declaradamente secundário. A ponto do editor de assuntos nacionais, que a rigor deveria estar a par dos grandes assuntos do momento, dez dias depois de estourado o escândalo da mordomia confessar: "Mordomia, mordomia... Não sei grandes detalhes, parece que é uma história de sorvete na casa do Ministro. Não é isso?"

OS "MINEIROS" DOS DIÁRIOS

Estácio Duarte Ramos — **Diretor Geral. Pernambucano, 33 anos, dirigia a área financeira em Minas. Foi superintendente do** O Jornal, **no Rio.** Hélcio Álves Ferreira, **Diretor Comercial. Paulista, 40 anos, era gerente comercial da** Gazeta Mercantil **no Rio.**
Camilo Teixeira Filho, **Diretor Administrativo. Mineiro, 25 anos, trabalhava na área financeira do Grupo em Belo Horizonte.**
José Renato Silva Fº, **Gerente da TV. Pernambucano, 33 anos, era diretor da TV Gazeta em Maceió.**
Synphronio José da Veiga, **Diretor de Redação do Diário de Notícias. Mineiro, 36 anos, trabalho no Rio, chefiava a redação da sucursal do Globo em Belo Horizonte.**

Associados sob o comando de Minas

A incrível história que circulou largamente nos meios jornalísticos de Porto Alegre no último mes dizia que numa das salas da diretoria dos Diários e Emissoras Associados havia um senhor vindo de Minas com uma gaveta cheia de dinheiro chamando um por um dos antigos funcionários e dizendo assim:

—O senhor tem 20 anos de casa, tem direito portanto a uma indenização de tantos mil cruzeiros. Se quer fazer um acordo por setenta por cento desse valor leva o dinheiro agora, se não pode ir à Justiça.

Dizia-se ainda que os mineiros haviam tomado conta da empresa para promover uma verdadeira revolução no Diário de Notícias, na Tv Piratini e na Rádio Farroupilha.

Evidentemente, a imaginação andou a galope nisso tudo. Mas entrestantas histórias que tem circulado nos últimos tempos anunciando revoluções nos Associados estas são as que estão mais próximas da realidade. Os mineiros não são tão mineiros assim (dois pernambucanos, um paulista e dois mineiros) mas assumiram realmente a direção das empresas a partir do dia 20 de julho em nome do grupo de Minas Gerais, que controla as empresas mais rentáveis entre as 70 do grupo Associados, tendo como carro-chefe o Jornal **Estado de Minas,** de Belo Horizonte.

Até o final de setembro haviam demitido 125 pessoas, reduzindo o quadro de funcionários da rádio, do jornal e da tv para 500 pessoas. Na lista de demissões incluiam-se desde pequenos funcionários do Departamento de Circulação até altos funcionários como foi o caso do diretor Administrativo do **Diário de Notícias.**

Estácio Duarte Ramos, que assumiu a diretoria-geral informou ao **CooJORNAL** que seus planos previam um investimento de cinco milhões de cruzeiros num prazo de 180 dias para popr a casa em ordem, ou seja, para pagar as indenizações dos que foram demitidos e para as despesas com reformas e aquisição de equipamentos.

Ramos admitiu que um dos problemas sérios dos Associados é o atraso no recolhimento de Fundo de Garantia, INPS e outros impostos, mas não revelou o valor do débito. Informou, porém, que a intenção da nova diretoria era por tudo em dia, depois de um acordo com o governo para pagamento reescalonado da pesada dívida. Aqui um resumo dos planos dos **mineiros** em cada um dos veículos dos associados:

RADIO FARROUPILHA — É a primeira em audiência no Estado e a segunda em Porto Alegre (perde para a Itaí), mas é ouvida pelas classes D e C, com predominância do público C feminino. A principal mudança no que se refere à programação foi feita logo no inicio com a extinção dos programas esportivos. A explicação é de que o futebol dava prejuízo à Farroupilha porque representava uma quebra na programação que provocava uma queda na audiência aos domingos. As mulheres iam para outras estações e os homens preferiam a Guaíba ou a Gaúcha. Fora a extinção do esporte, a outra mudança importante será na área comercial que pretende reduzir o número de anúncios de remédios e buscar anúncios mais qualificados.

TV PIRATINI — Os problemas maiores estavam localizados na área técnica, devido as condições precárias do equipamento (a Piratini é uma das emissoras mais velhas da Rede Associada) e nessa parte foram concentrados os investimentos, com objetivo de melhorar imediatamente a imagem e o som. Na programação, foram cortados três telejornais diários de cinco minutos cada um, ficando apenas o das 8h45 min junto com a edição nacional. Pela absoluta falta de condições materiais e humanas as três emissões jornalísticas suprimidas eram muito ruins e acabavam desgastando a imagem do jornal nacional da rede. A intenção é aumentar o índice de programação local, mas não por enquanto. Há falta de filmadoras, de equipamentos de video-tape e som e a equipe é pequena.

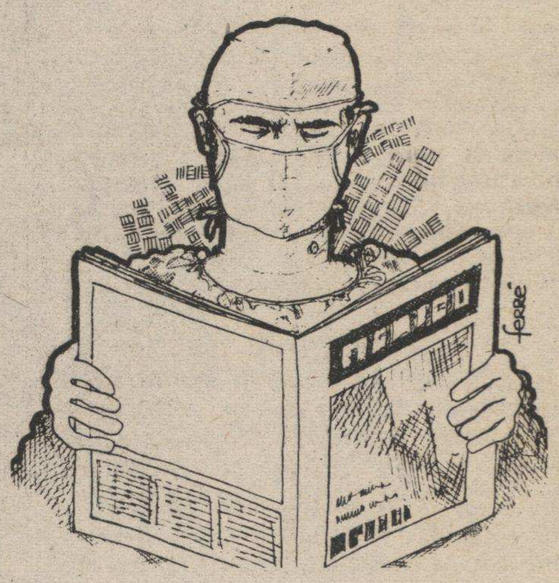
DIÁRIO DE NOTÍCIAS — É considerado o grande desafio. "Recuperar qualquer empresa, diz Estácio Ramos, é tarefa difícil. Mas recuperar jornal é pior ainda porque é um trabalho lento que exige fôlego". Ele considera que o mercado de Porto Alegre é bem suprido de jornais e que o problema é encontrar a faixa onde atacar". O Diário é o veículo mais antigo do grupo, com um quadro funcional que representa 60% dos empregados do grupo. Eles não esperam nenhum resultado antes de 24 meses e nesse período se alcançarem 15 mil exemplares consideram que "já dará para trabalhar". Não há recursos para sustentar uma recuperação muito lenta. Se não houver resposta no período previsto o jornal poderá fechar. Em 1973, esse mesmo grupo tentou reformar o O Jornal, do Rio, mas acabou fechando-o. O jornal vendia para o público C e D e na reforma tentaram dirigí-lo para o público A. Foram-se os leitores antigos e não surgiram os novos. Em menos de um ano o jornal fechou e Estácio Ramos reconhece que foi um erro de marketing.

Segundo Ramos, contabilmente apenas o Diário de Notícias dá prejuízo. A rádio tem um faturamento mensal de 500 mil cruzeiros, a televisão por volta de 1 milhão e 700 mil e o jornal 500 mil cruzeiros mensais. Mas em consequência do elevado passivo, não permite manter as operações ao ritmo da contabilidade em nenhuma das empresas, pois a maior parte da receita era penhorada para abatimento de dívidas. O primeiro objetivo da sua administração em termos financeiros é reduzir os custos, trazendo-os para o estado de realidade, ou seja igualar à receita. Só depois será planejada a expansão.

Na opinião de Ramos e sua equipe, uma mudança como a que estão operando era a única saida para os Associados no Rio Grande do Sul porque a manter-se a situação anterior, as empresas iam fechar em pouco tempo.

Sem saudades da Abril

O número 137 da revista **Máquinas e Metais** circulou no começo de setembro e significou uma vitória dos profissionais que trabalham nela. Esta e outras três revistas (**Transporte Moderno, Eletricidade** e **Química e Derivados**) pertenciam à Abril-Tec, do grupo Abril, que decidira fechá-las alegando serem antieconômicas. Os próprios jornalistas decidiram manter as revistas e, após um contrato com a Abril, passaram a ser seus proprietários. Tiveram de aceitar algumas imposições — entre elas, o fato de cada revista ter uma editora própria. Apesar disto, as revistas dividem os custos comuns e funcionam num único endereço (Rua Caiowaá, 903, São Paulo). Tudo com bons resultados do ponto de vista econômico: o número 137 de Máquinas e Metais, por exemplo, apresentou um lucro líquido de Cr$ 50 mil. Impressas na Cia Lythographica Ypiranga, em São Paulo, por um preço bem menor que o debitado pela gráfica da Abril à sua subsidiária Abril-Tec, as revistas conseguiram manter praticamente o mesmo padrão de qualidade gráfica e iniciaram uma tímida reforma editorial.



Um nanico para médicos

Criada por iniciativa de um grupo de formandos da última turma de médicos sanitaristas da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, foi lançada este mês a revista "Saúde em Debate", publicação do também criado há pouco "Centro Brasileiro de Estudos de Saúde — CEBES".

A revista quer ser o veículo para os estudiosos do setor "saúde como componente do processo histórico-social". O CEBES, formado por médicos, sociólogos e psicólogos, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, dedicada ao estudo da problemática da saúde, sob o ângulo do interesse coletivo, e não propriamente do ponto de vista médico. Assim, qualquer pessoa pode associar-se ao CEBES. A cota anual custa duzentos cruzeiros e dá direito à assinatura de "Saúde em Debate". A assinatura também é vendida separadamente, por cem cruzeiros.

Endereço do CEBES e da revista, Rua Nazaré Paulista, 308, São Paulo,SP.

Num debate sobre imprensa, em São Paulo, o diretor do Estadão, Rui Mesquita criticou as principais empresas jornalísticas do país.

"A imprensa está nas mãos de picaretas"

No dia 10 de outubro, o Centro Latino Americano de Criatividade - CELAC - promoveu um debate sobre o tema **Imprensa Hoje**, no teatro Ruth Escobar em São Paulo. Participaram Raimundo Pereira, editor de **Movimento**, Eurico Andrade, editor de reportagens de **Veja**, Rui Mesquita, diretor dos jornais **Estado de S. Paulo** e **Jornal da Tarde**, e Mino Carta, diretor da revista **Isto É**.

As 400 cadeiras e o chão dos dois pavimentos do auditório e do palco não foram suficientes para acomodar uma numerosa assistência formada por jornalistas e estudantes em sua maioria. Quase 200 pessoas tiveram que acomodar-se nas escadarias do teatro ouvindo através dos alto-falantes colocados do lado de fora.

Aqui os principais pontos abordados no debate que durou cinco horas:

Raimundo Pereira foi o primeiro a falar concentrando-se no problema da censura:

— Nossa imprensa não é a de um país democrático, porque não vivemos em um país democrático. Não se pode falar de liberdade de imprensa sem considerar o regime. Se hoje a censura não existe mais em certos órgãos, ela se concentrou em outros — as publicações menores que eu concluo serem menores por não terem o ponto de vista das autoridades. Mas Veja, que recentemente deixou de ser censurada, sabe que a censura pode voltar a qualquer momento, como ao Jornal da Tarde e ao Estadão, porque este é um poder do Governo.

— A Associação Brasileira de Imprensa foi atingida porque luta pelas liberdades democráticas no país. (...) O passo concreto em favor da liberdade seria mobilizar as pessoas interessadas em derrotar os inimigos dessa liberdade.

O jornalista Eurico Andrade apontou três dificuldades básicas que a imprensa brasileira enfrenta: além da falta de liberdade, as pressões econômicas e a alienação dos jornalistas. Além da censura oficial, ele disse que existe uma "censura invisível" que, faz por exemplo, com que atos como o dos atentados à bomba, que o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns (arcebispo de São Paulo) classificou de "terrorismo protegido", que deveriam ser levantados pela imprensa, somem dos jornals brasileiros no dia seguinte.

Quanto às pressões econômicas, ele lembrou que desde o advento do AI2, o parque gráfico da empresa jornalística dobrou a ponto de grandes empresas com muitos funcionários não poderem mais correr o risco de defenderem a liberdade, enquanto a imprensa alternativa, cuja estrutura não é empresarial, "é desrespeitada pelo Governo".

— A liberdade é privilégio de pesssoas jurídicas. O Jornal Movimento não é pessoa jurídica, não tem ações na bolsa, não tem liberdade.

Eurico Andrade continuou:

— A tradição de luta da imprensa brasileira estabeleceu jornais independentes que fizeram a Revolução de 30, colocaram Getúlio no poder e depois o derrubaram sem se preocupar com as Gessy Lever e os Bradescos da vida. A imprensa que fez a Revolução de 64 ficou rica e não quer mais lutar.

O CASO DAS MORDOMIAS

Outros problemas citados foram a invasão do **press release**, a saturação do mercado de trabalho para jornalista, estimulando a auto-censura, e a linguagem rebuscada que a imprensa começou a cultivar e à qual acabou se acostumando.

Ruy Mesquita prefetiu comentar as exposições anteriores. Garantiu que em seu jornal não há espaços para **press releases** e lembrou as lutas da família Mesquita:

— Meu pai foi preso 17 vezes e duas vezes exilado, entre 1930 e 1964, por defender princípios que ele achava certo.

Mesquita afirmou que está convencido de que Geisel quer chegar a um regime razoavelmente democrático e teme que não tenha forças para prevalecer sobre as pressões que enfrenta de uma ala das Forças Armadas — que ele depois identificou na "geração integralista do presidente Médici, para não dizer outra coisa".

Numa resposta a Eurico Andrade, Mesquita falou sobre o escândalo das mordomias:

— O orador que me precedeu abordou a matéria sobre mordomias como de pouca importância. Mas depois dela o Governo passou a se preocupar com o que pretendemos elaborar. Meu irmão Júlio de Mesquita foi chamado a Brasília onde uma alta figura da hierarquia administrativa perguntou-lhe por que o jornal critica sistematicamente a administração Geisel. "Não temos política sistematicamente contrária, nossas opiniões e decisões são tomadas em função do que consideramos o interesse do país", foi a resposta.

Um aparte de Eurico Andrade:

— Não chamei a matéria das mordomias, que eu respeito, de sem importância. Mas se houvesse liberdade de imprensa ela não causaria tanta celeuma e o Estadão nos daria isso diariamente como café da manhã".

A SERVIÇO DO PODER

Mino Carta, identificou dois tipos de distância dentro da imprensa. Uma geográfica, que o fez ser recebido numa palestra no jornal **A Tribuna**, de Vitória, uma capital póxima do eixo Rio-São Paulo, como o "verbo personificado". Outra é a separa as classes dominantes das dominadas.

— Nunca se conseguiu fundar uma imprensa realmente popular no Brasil. O jornalismo ficou preso ao jogo do poder e acabou servindo às classes dominantes. Um exemplo é a própria linguagem metafórica que domina as publicações. E, nesse sentido, se quiserem o mea culpa, eu abro a fila.

Mino situa a auto-censura como fruto de um clima de pressão e terror:

— Nós somos todos burgueses ainda que um tanto marginais. E é como se nos encontrássemos no fundo de um poço repentinamente impedidos de sair. As pessoas se desesperam, as mulheres choram, mas, aos poucos tentam se organizar e descobrem até que certos musgos são comestíveis e eles até conseguem dormir. É uma imagem que uso para dizer que a gente se acostuma a coisas até piores do que o fundo de um poço.

— A imprensa brasileira está muito chata e as exceções são andorinhas invernais. O ceticismo não faz mal a ninguém, sobretudo na situação em que vivemos. Mas em termos de ação ele não é benéfico. A imprensa nanica é uma forma de otimismo na ação que mostra que é possível inclusive fazer jornalismo sem recursos milionários e sem ganância de alguns empresários.

A IMPRENSA DOS PICARETAS

Findo o debate, começaram as perguntas. A primeira foi feita por Mino Carta, dirigindo-se a Ruy Mesquita: "Houve censura na grande imprensa, todos os órgãos brasileiros foram atingidos por ordens que chegavam por telefone através de vozes misteriosas, telex e outros meios. Como jornalista e dono de empresa, eu queria que você respondesse por que os empresários brasileiros não criaram mecanismos comuns de auto-defesa?" Ruy Mesquita atribui o fenômeno à falta de afinidade entre os donos de jornais:

— Você sabe que, no Brasil, noventa por cento da imprensa está nas mãos de picaretas que fazem dela instrumentos para seus interesses particulares(...) Você sabe muito bem, Mino, que o Estado de S. Paulo não têm relações de amizade com o sindicato dos patrões. Os Mesquita não se misturam com essa gente. O jornalismo que fazem os Mesquita não é o mesmo feito pelos Civita (Editora Abril). O jornalismo feito pelos Mesquita não é o mesmo que faz o senhor Frias de Oliveira (Grupo Folhas, de SP). O jornalismo que fazem os Mesquita não é o mesmo que faz o senhor Edmundo Monteiro (Superintendente dos Associados, em SP). O jornalismo que fazem os Mesquita não é o mesmo que faz o senhor Roberto Marinho (O Globo, Rio).

A cobrania de posições dos jornais de Mesquita continuou. Houve quem lembrasse que se a imprensa tivesse se preocupado mais com o baixo nível do ensino a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, talvez a crise que atravessou no primeiro semestre de 1975, tomasse outro rumo. Perguntaram a Ruy Mesquita por que ele não fazia uma matéria sobre a mordomia do empresariado.

— Porque a mordomia do empresariado é fruto do dinheiro do empresário e a do governo é feita com o dinheiro do povo.

O jornalista Eduardo Suplicy, da Folha de São Paulo, lembrou que a liberdade de capital em certo momento — inícios do capitalismo — serviu à liberdade do homem. Mas que depois que este sistema se tornou monopolista deixou de servir à liberdade do homem. Pergunto então, no dia em que a liberdade do homem prevalecer sobre a do capital, que posição tomará o Estado de S. Paulo? A resposta de Mesquita veio com outro pergunta.

— Quem controla a liberdade de capital no País?

Ao que o público respondeu em coro: "As multinacionais". E Mesquita concluiu, sem responder a pergunta:

— O capitalismo é o único sistema compatível com a liberdade humana.

Juca Kfouri, da revista Placar, perguntou a Mesquita se era possível conciliar o ideal liberal do Estadão com o golpe chileno: "O Mercúrio publica hoje o que publicava no tempo de Allende? E o Estado de S. Paulo publica hoje o que publicava no tempo de Goulart?" A resposta foi uma explicação sobre a posição do matutino paulista:

— Nós não apoiamos o governo chileno de Pinochet, mas isentamos os militares de culpa porque eles não tinham participação na vida política chilena. Apoiamos o golpe contrário à política de Allende, assim como apoiamos a revolução contra Goulart. Porque pelo menos há maneiras de se combater uma ditadura militar, e um regime de esquerda, uma vez instalado, não se poderia combater.

BAIXAS TIRAGENS DOS JORNAIS DIÁRIOS

A última pergunta respondida pelos quatro participantes do debate foi sobre a impopularidade da imprensa, sobretudo a escrita em São Paulo. Um Estado que detém o centro da atividade econômica do país com uma população de 12 milhões de habitantes (ou dois milhões de habitantes leitores) tem uma tiragem entre 200 e 300 mil exemplares de jornais diários. Por que esta desapropriação da informação por camadas mais ricas? Por que ela é tão importante a ponto de não atinger a trabalhadores? Como fazer um movimento para alargar a imprensa e atingir grupos sociais que realmente possam fazer oposição ao regime Brasileiro? Mesquita responde:

— Em qualquer parte do mundo a imprensa é consumida pelas elites, mesmo na Inglaterra onde os sindicatos tem poder e imprensa próprios. A exceção é o Japão, talvez pela exigüidade do território. Lá os jornais chegam a todo o país no momento que são feitos. Nos Estados Unidos a relação também é desproporcional e um jornal como o New York Times, numa cidade de 11 milhões de habitantes só vende um milhão de exemplares. Agora, a nossa tiragem é extremamente baixa porque, ao contrário daqui, nos Estados Unidos, cada cidade do Interior tem um bom jornal".

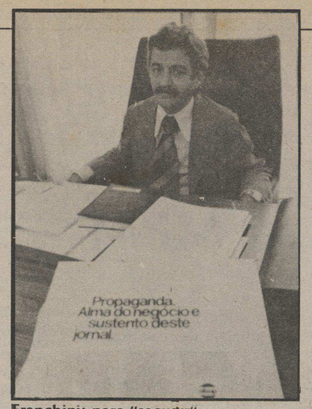
Mino Carta lembrou que o trabalhador brasileiro épersonagem de uma aldeia global num país onde não se estabeleceu a aldeia nacional.

— A distância abissal entre a maioria carente e a minoria privilegiada é que é a questão crucial. Não é por acaso que não há jornais populares. Neles, a maioria abandonada jamais foi eficazmente defendida, apesar de em certos casos as manifestações das culturas espontâneas serem melhores do que a cultura que macaqueamos. Em nome da miserabilidade do físico que alguns pretendem da alma, nunca surgiu quem se interessasse por essa maioria que sempre soube agir com sensatez".

De mês em mês
cooJORNAL
de mão em mão

A "GUERRA" DAS BOMBACHAS

A campanha institucional para convencer as empresas gaúchas a anunciarem mais, acabou irritando os empresários e dividindo as agências de propaganda. Os textos dos anúncios foram considerados agressivos e injustos, desencadeando um episódio apelidado de guerra das bombachas pelos publicitários



Franchini: para "sacudir"

Sentado atrás da sua mesa, o ublicitário Daltro Franchini está sivelmente nervoso. Mandou vir ıfezinho, mas esqueceu de oferecer. ıas mãos estão um pouco trêmulas e e fuma sem parar. Não tem sido cil para Franchini manter-se calmo os últimos dias.

No domingo, dia 3 de outubro, ›mo presidente regional da Asso- ação Brasileira das Agências de opaganda — ABAP — ele mandou ublicar nos jornais um anúncio de nco colunas e tornou-se o perso- ıgem principal de um episódio con- overtido que dividiu a classe pu- icitária e irritou os empresários ıúchos de um modo geral.

"Empresários gaúchos, honrem as ıas bombachas. Conquistem o rasil", bradava o título do anúncio, endo como ilustração a figura- imbolo de Porto Alegre — monumen-) ao Laçador segurando uma pasta de xecutivo. O texto que seguia deixava laro que os empresários, para hon- rem suas bombachas, deveriam ter ais vergonha, mais coragem, mais sposição para trabalhar, idéias mais teligentes e... usar mais as agências publicidade.

"O anúncio — diz Franchini ovavelmente explicando pela vi- sima vez as intenções da ABAP — a o início de uma campanha com o ıjetivo de dar uma sacudida na- eles empresários que até hoje es-) somente voltados para a produção de costas à comercialização. Se nós éssemos uma campanha branda, m educada, os empresários não iam tromado conhecimento dela"

A ABAP, na verdade tinha fortes ções para ser agressiva. No ano pas- do as 18 maiores agências do Estado turaram um total inferior à 0 milhões de cruzeiros, o que presenta menos de 5% dos 10 bi- ões de cruzeiros investidos em opaganda no país. Este ano, segun- previsões de Franchini, essas mes- as 18 agências não deverão alcançar 600 milhões de faturamento global. ı seja, terão um aumento de renda uta pouco acima dos 20 por cento, que não pode ser considerado imador num ano em que a inflação ança para perto dos 50%.

Por isso o segundo anúncio, pu- icado dois dias depois do primeiro ria ainda mais violento. Dizia o tex- "tente ouvir alguns empresários ıúchos por uma hora. Você vai ouvir quê? Nada". E prosseguia dizendo e mineiros, cariocas e paulistas têm ıis sucesso porque pensam mais e... sam a propaganda sem timidez nhuma".

Se as intenções eram boas, os resultados não corresponderam. Não houve condenações abertas, mas consta que em almoços e reuniões de rotina, nos dias seguintes, os anúncios teriam sido qualificados como "levianos", "injustos" e outros adjetivos menos formais. Quase todos acharam que eles levaram ao público uma imagem excessivamente negativa e distorcida dos empresários.

As entidades representativas do comércio e da indústria decidiram que nenhuma delas faria qualquer comentário público a respeito da campanha publicitária. Apenas o industrial Paulo Vellinho, presidente da Springer e um dos líderes da classe no Estado, falou: "Não entendi o que eles querem com essa campanha. É uma campanha totalmente injusta porque generaliza. Em qualquer comunidade existe gente boa e ruim. E afinal, eles se referem a quem: à indústria ou ao comércio?"

Mas foi, talvez, o silêncio dos empresários o que mais assustou. Preocupadas em preservar seus clientes das acusações feitas pelos anúncios, algumas agências procuraram mostrar nos dias seguintes sua discordância com os termos da campanha. "O que eles (os empresários) menos precisam no momento é de bombachas e palavras amargas", dizia a Martins & Andrade, a segunda agência do Estado e uma das filiadas a ABAP, em anúncio de página inteira publicado na sexta-feira dia 8.

As chamadas agências domésticas (que pertencem a empresas), em briga com a ABAP, também aproveitaram a reação. A Publivar que pertence ao grupo Alfred publicou uma lista com nomes de 50 empresários conhecidos, afirmando acreditar neles e frisando que não é filiada à ABAP (a ABAP considera as agências domésticas como a Publivar ilegais). A Ampla, pertencente ao Grupo Joaquim oliveira (Supermercados Real) apresentava sete grandes empresas genuinamente gaúchas e líderes do seu setor, acrescentando: "A economia gaúcha tem problemas? Tem mas tem também casos de sucesso tão grande que não há problema que resista".

E a Promonte, que é uma das 46 empresas do grupo Montepio da Familia Militar, usou o programa Repórter MFM, que patrocina na rádio Guaíba, para lamentar a insolência dos anúncios: "Pena é que o texto agressivo, desafiante, chegando à insolência, se tinha a intenção de ser uma conversa franca entre irmãos de tradição e raça, se quis ser uma charla sem retouços em beira de fogo de galpão, descambou perigosamente para o bochincho'".

Segundo Franchini, a preparação da campanha gastou três meses de trabalho com a participação de representantes de várias agências e dos veículos de comunicação que também participaram da iniciativa cedendo gratuitamente os espaços para a publicação dos anúncios.

Tudo indica que os próprios autores foram surpreendidos pelas reações negativas que a campanha suscitou entre aqueles a quem pretendia "sacudir". "Eu esperava um impacto menor, não há qualquer intenção de ferir alguém. Nosso objetivo era uma campanha de utilidade pública e não de destruição pública". diria depois Hesiodo Andrade, vice-presidente da ABAP e diretor da Martins & Andrade.

Não se pode afirmar que haja má intenção nos anúncios. Mas é notório que eles não pecam pela seriedade e pela precisão, contendo mesmo algumas afirmações de extrema ingenuidade como " O que está faltando neste Estado para que ele retome sua histórica condição de celeiro do Brasil? Atitudes de Macho". Ou: "É forçoso que todos os gaúchos parem de praguejar contra as poderosas empresas nacionais ou multinacionais. Elas são empresas que pensam". Ou ainda: "Enquanto isso, a matéria prima para fabricar novos produtos apodrece por aí".

Daltro Franchini não admite que a campanha tenha sido prejudicada por esse início tumultuado. Diz ele: Se não fosse a manifestação dessas agências, marginalizadas, a campanha cumpriria, como vai cumprir o seu objetivo com tranqüilidade.

Sentimos isso através das inúmeras manifestações de apoio que temos recebido de dentro do setor da propaganda, de áreas da indústria e do comércio". Ele prefere no entanto não citar nomes nesse caso: "Gostaria queficasse assim, porque me telefonaram numa faixa muito pessoal e não nos autorizaram a divulgar esse apoio".

É certo porém que diante da repercussão dos dois primeiros anúncios a campanha foi reorientada. O terceiro anúncio teria um título "Os empresários gaúchos são tímidos até na hora de usar papel higiênico" e seria ilustrado por rolo do citado papel. Foi imediatamente substuído por outro de onde, apesar do texto com as mesmas idéias, sobressaía um nítido tom conciliatório.

No quarto anúncio, em vez de safanões nos empresários, o tema já era a auto-defesa. "Para início de conversa, quem ataca a propaganda, está atacando a si mesmo", adverte a primeira linha do texto encimado por um título pouco original: "Propaganda alma do Negócio e sustento deste jornal". E nos parágrafos restantes o redator defende algumas teses estranhas como "A propaganda é a primeira defesa de que dispõe o consumidor". Ou: "Os anúncios mantêm no Brasil um dos mais modernos sistemas de comunicação do mundo. Uma quantidade impressionante de veículos com total automia editorial. Porque não são escravos do Estado, como acontece em muitos países".

Ciosos dessa autonomia que lhes conferem os anúncios, os jornais gaúchos mantiveram-se à distância do episódio.

Aqui algumas opiniões emitidas por Daltro Franchini, em entrevista ao repórter Pedro Maciel depois de uma semana de campanha:

Sobre o anúncio de desagravo da Martins & Andrade: "A Martins & Andrade tentou capitalizar em benefício próprio a campanha, o que não se justifica porque a própria Martins & Andrade ajudou a criar a campanha, aprovou a campanha em Assembléia Geral da ABAP. Por ter sido uma atitude incoerente não dá para analisar".

Sobre os 90 por cento de empresários gaúchos que precisam sentir vergonha: "Nós procuramos com essa expressão mostrar que 10 por cento dos empresários gaúchos seriam exemplos, modelos não só para o RS, mas para o Brasil. E que entre os outros 90 porcento se encontrariam empresários que faltam pouco para se tornarem exemplos. Os que se encontram na estaca zero, que precisam de uma reciclagem completa para se voltar à comerrcialização são bem poucos".

Sobre a matéria prima apodrecendo: "Todos nós estamos cansados de ler nos jornais das safras de cebola que apodrecem, safra disso, safra daquilo que apodrece".

Sobre os lamentos pela falta de uma indústria automobilística: "Esse dado foi amplamente noticiado no RS há algum tempo e muitos empresários gaúchos quando sentiram que o RS não conseguiu trazer para cá uma indústria automobilística parece que perderam um pouco a confiança em relação à capacidade do Estado. O que queremos dizer é que o RS, talvez por um problema geográfico, não seja o local ideal para implantar uma indústria automobilística".

Sobre os empresários gaúchos eficientes: "Temos uma gama enorme de empresários, inclusive para não incorrer na omissão de alguns, prefiro não alinhá-los porque são tantos".

Sobre a origem dos dados citados nos anúncios: "Infelizmente no nosso país, as estatísticas... os dados são mais frutos de experiência, de observações porque o setor de propaganda é um setor dinâmico de nossa economia. Participamos de conferências, de palestras, sabemos por parte desses empresários que tiveram sucesso as recomendações que eles fazem a essa gama que ainda não teve essa posição privilegiada".

Sobre o fracasso da campanha: "Em absoluto!"

Cuca fresca e cultura geral

A campanha da ABAP é um bom exemplo de que, mesmo em publicidade, nem tudo pode ser resolvido na base da "cuca-fresca e cultura geral". Quando se elogia, não é muito difícil matar a charada com algumas generalizações, algumas frases de efeito e uma manipulação habilidosa das palavras. Uma pessoa elogiada nunca se preocupa muito se o elogio é merecido ou não.

Uma abordagem agressiva exige informações mais precisas, dados concretos. E aí pecaram os anúncios da ABAP, embora a idéia geral deles seja correta. Há quatro meses o Instituto de Desenvolvimento Empresarial do RGS vem fazendo uma pesquisa conhecida como Auto-Diagnóstico Instrumentado para avaliar o grau de eficiência gerencial de empresários, diretores, gerentes, supervisores de vários setores. Os primeiros resultados já revelados indicam que a maioria dos entrevistados tem dois defeitos comuns: conhece pouco a situação real das empresas que dirige , iludindo-se com aparências e tem uma total incapacidade de delegar atribuições, centralizando em si todas as decisões, tornando mais difíceis as tomadas de decisão. Outras falhas na conduta dos negócios que a pesquisa detectou: disfunção entre os desejos do empresário e as potencialidades da empresa, controles financeiros falhos, sistemas ineficientes de apuração de custos e falta de definição de objetivos.

No ano passado, esse mesmo instituto fez uma pesquisa para saber por que as empresas gaúchas não estavam utilizando a resolução 295 do Banco Central (que abre linha de crédito especial à pequena e média empresa) para amenizar suas dificuldades com capital de giro. Das 154 empresas visitadas, 75 simplesmente desconheciam a existência da resolução e das restantes apenas 39 haviam utilizado os créditos. Muitas não conseguiram reunir os documentos exigidos, algumas não conseguiram o dinheiro por falta do último balanço.

Este ano, o governo vai gastar 660 milhões de cruzeiros em assistência a pequenas e médias empresas, categoria em que se enquadram 90% das empresas grandes. Ou seja, um total superior ao que vão faturar as 18 maiores agências do Estado juntas será gasto para dar mais eficiência na condução dos negócios.

Todos esses problemas no entanto são de ordem estrutural e não são os que estão influindo na redução ou estagnação dos gastos com propaganda. Essa redução decorre de problemas que no momento atingem a toda a economia do país e devem se agravar em conseqüência da política de restrição às importações, enfim, da situação difícil que atravessa a situação difícil que atravessa a economia do país. E não adianta os peters druckers e os teodoros levitts da vida ficarem dizendo que há mercado para tudo neste século XX. (BC)

1

Empresários gaúchos, honrem suas bombachas. Conquistem o Brasil.

O primeiro anúncio da campanha, publicado domingo, dia 3 de outubro

2

Enquanto alguns empresários gaúchos importam máquinas, esta aqui continua parada.

O segundo impacto, publicado na quinta-feira. No dia seguinte viriam as respostas

3

Desafio histórico aos empresários gaúchos.

No domingo seguinte, o terceiro anúncio substituia a agressividade por um tom mais brando

Comprar com dignidade é um direito seu. Use-o para melhorar o comércio.

Por menor que seja o valor da sua compra, ela representa aumento no faturamento da loja. E você merece respeito por isso.
Até hoje, muitos vendedores acham que estão fazendo favores, quando atendem os clientes.
E esquecem que, sem clientes, não existiria emprego para eles.
Em benefício do próprio comércio, o APC aconselha:
quando você for mal atendido, fale com o gerente.
Ou conosco.

escola

apc
associação de proteção ao consumidor
entidade independente e apolítica.
Rua Jerônimo Coelho, 116

colaboração deste Jornal

Interesse da GM pelos nanicos

O gerente de propaganda da General Motors no Brasil, Gilberto Barros, durante o II Encontro de Mídia, recentemente encerrado em São Paulo, fez uma surpreendente declaração. Ele disse que a GM está disposta a investir em anúncios na chamada imprensa nanica e que esta possibilidade será considerada porque seu público leitor é formado por pessoas muito intelectualizadas e de alto poder aquisitivo.

Nos últimos tempos, a televisão canalizou a verba publicitária maior da GM, aproximadamente 50 por cento. Para examinar uma possivel mudança na política de "mídia", o gerente de propaganda anunciou que vai discutir o caso com a agência McCann Erikson. No faturamento em publicidade da GM, a verba para jornal não passava de 20 porcento, mas deverá passar para 30 por cento, com o lançamento da linha 77 da empresa.

"É uma tendencia a maior utilização dos jornais", disse Gilberto Barros, explicando que a valorização do preço por segundo na televisão aumento mais do que os reajustes das verbas publicitárias da General Motors.

Opinião semelhante à do diretor de "mídia" da Standard, Ogilvy e Mather, José Alves; "O jornal atinge as pessoas que decidem. Atingir um lider de opinião pode significar vender para uma infinidade consumidores que talvez nunca tenham visto um anúncio do produto".

Uma mordida da DPZ no filé da MPM

Houve um tempo, e não faz muito tempo, que a profissão de publicitário era algo tão obscuro que o simples fato de aceitar aderir a ela demonstrava certa criatividade e confiança no futuro. Raramente nascidos em São Paulo ou Rio, os publicitários eram desertores de uma provável carreira no Banco do Brasil. Pessoas tão autoconfiantes, tão senhoras de seu talento, que a elas nada da vergonha da classe média podia se aplicar. Não, não eram seres temerosos de perder o emprego; não eram pessoas à cata de status, davam o bom exemplo. Nesta época os juvenis, os aspirantes, os reservas e o primeiro time disputavam democraticamente uma competição pelo total domínio das fofocas da classe. Fácil. Com tão pouca gente era como ser especialista em política paraguaia.

Roberto Duailibi faz uns freelancers para a criação de vez em quando. Neil Ferreira que, ao longo de um longo estrelato, jamais completou 30 anos, entrou em eclipse em Cotia, SP. Batalhões de esquadrilhas da fumaça brilharam e desapareceram no horizonte. Relê-se os cadernos anuais dos colunistas e metade dos redatores e diretores de arte citados continuam em ação. Como disse um destes, "o pessoal anda mais triste". Não se pode falar em euforia, alegria, o degradê todo. Nem sequer gravatas coloridas funcionam como bandeira. A julgar pelo milagroso otimismo de antes, hoje a propaganda seria a oitava arte. Pois é, nas artes ela entrou como um disfarce para Elia Kazan e uma catarse para Consuelo de Castro.

Estrelas de todas as grandezas espatifadas no chão reclamam da falta de lances emocionantes nos últimos meses. Depositam na caderneta de poupança entre 1º e 5 de cada mês, usam jeans, ouvem cada vez mais frases como "não é político dizer isso". Os textos dos anúncios diminuíram de tamanho e, como os tempos mudaram, escrever é combinar exortações à poupança, segurança. Dá para entender que, antes tratava-se de formar uma classe média ampla e os publicitários tinham o encargo de expandir o prazer de ter. Agora a mensagem é: contenha-se, que quem não poupar vai cair fora, a classe média está com excedentes. Fogo mostrar que poupar dá status. Em vez de produtos que disparam a imaginação, temos serviços a vender. Serviços de mãos dadas com política, todo mundo cheio de dedos, ousadia um pecado. Nas agências alguns contatos chegam a tomar o papel de censores. De uma forma ou de outra os canais incompetentes devem estar privando a gente de idéias originais, novas formas de ver a coisa, já que a coisa não muda.

Todo mundo amanheceu este ano com as eleições na cabeça. Ao invés daqueles trapezistas de 1970, documentários em tom paternal. (Sem falar do rádio, daquele comercial risonho e franco, de uma criatividade patética.) Quem não dormiu no ponto acabou notando as ironias do Pasquim ao wow-wow-wow do Stúdio Silvio Santos. Quem acordou tarde, o Pasquim já tinha sido apreendido nas bancas. A eficácia do tom escolhido é difícil de prever, são tantos os fatores envolvidos. No entanto, todo mundo compactua no tom do esforço coletivo nesta hora difícil. Mas eis que vêm os anúncios da DPZ para a Caderneta de Poupança da Caixa Econômica Federal apregoando que a batalha pelo sucesso individual continua.

A Veja publicou meia página preto e branco, no Estadão saiu com texto mais longo e foto. A bocada inicial na conta da Caixa Econômica Federal (pièce de resistance da MPM-Rio) reacendeu um pouco o tédio quase mortal da publicidade, agravado ainda mais pelas multidões de estagiários e pela ronda de criadores desempregados. A classe, de orelhas em pé, comenta que houve 11, 12, 13 cortes na MPM-Rio, sem que isso tenha nada a ver com a perda da Caderneta de Poupança da Caixa. E, para gáudio da DPZ, falam bem ou mal mas falam dela. Alguns comparam-na com a minoria branca da África do Sul. Impossível não admirar sua coerência de sofismas, que seja, esta solução que seria viável se não desse só pra 15% do pessoal.

Os anúncios da Caixa dizem: "Seja dono de seu nariz. Abra uma Caderneta de Poupança da CEF". Bom coração dos aristocratas! O público — descobre-se no meio dos textos — é composto de gente que dormiria no ponto, não fosse o anúncio.

O destino providencia ironia. Há um tempo, a DPZ estava demitindo dezenas de pessoas e, como sempre no **build-up,** explicava: "Para evitar problemas que estão se formando". Implícito que assim o pessoal chutado teria chance de arrumar empregos, antes de ser impossivel. Boa essa. Agora a MPM corta um número impreciso e nem explica. Voluntários apressam-se em supor que a) MPM-São Paulo ainda não se fez rentável e o Rio tem de equilibrar; b) vem aí uma recessão ainda maior depois das eleições; c) o grupo estaria saindo para montar negócio próprio. (Com um eunuco que por erro de posicionamento caiu na publicidade, um porteiro, um departamento de pessoal, secretária e afins, só se for num ramo mais clássico da profissão.) Como se vê, nenhuma das hipóteses relaciona a primeira bocada da DPZ na conta que era toda MPM. De qualquer maneira, as duas saem desta como negociantes bem sucedidos.

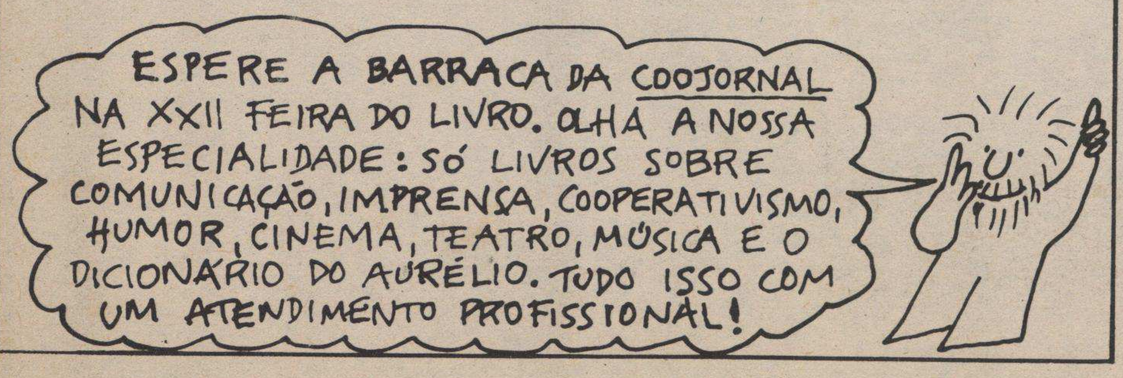
As comparações são inevitáveis. Muito embora a cointa da caderneta de poupança da CEF fosse praticamente inativa (alguém lembra de alguma coisa ultimamente?) na MPM, entrou para a DPZ e entrou paras as conversas. De cara são anúncios que representam o que a classe média alta acha que todo mundo deve fazer com o salário excedente. É aquela mão (branca) que ensina a passar camembert a quem se contentaria com a torrada. É o senhor de engenho ensinando moral, o barão do café patrocinando as artes. Ser dono do nariz, estar com a faca e o queijo na mão? Nem precisa ser uma Julia Kristeva para ler as entrelinhas do texto, a infiel solidariedade com o cara das prestações.

Enfim é a primeira agência que mete a mão na cumbuca tentando seduzir aqueles que não agüentam mais o tímido prafrentismo reinante. Sem querer, ou vai ver que querendo, meteu seu charme onde todos punham panos quentes. Um astuto membro da classe chegou a sugerir um lado fascista no anúncio, propondo uma aliança mística entre os que nadam em dinheiro e os que quase se matam para obtê-lo e não querem matar-se para defendê-lo. Das duas uma: ou a DPZ ganha esta parada e nhoctnhoct no resto da conta da Caixa, ou perde. A ironia é tal, que a agência DPZ toda fatura mais ou menos o mesmo que a MPM-Rio, onde a Caixa é computada. Como sempre, a DPZ entra na história fazendo a classe publicitária e clientela pensar de novo as coisas. Dentro da DPZ isso pode ser visto como um aprimoramento do processo publicitário, ela estando à frente força as outras a se apressarem. Fora da DPZ, seus repetidos sucessos (e alguns fracassos) deixam o povo em polvorosa, e a criatividade nestas horas salta do fundo do poço e é escolhida como aríete da esperança.

E se a DPZ, daqui a anos digamos, se tornar voz oficial da Caixa? Será como o Itaú, onde se enfrenta sorrindo a mesma atordoante ineficiência dos demais? Esqueceremos que a Caixa tem filas imensas e abriremos nossa caderneta mesmo assim, para estar com a faca e o queijo na mão? Às vezes dá pavor imaginar que se fosse a DPZ quem estivesse tentando ressuscitar os operários tira-gosto da Coca-Cola, a estas horas poderíamos estar engolindo líquidos e sólidos borbulhantes, e de cabeça erguida. No momento, devemos crer que nossas prestações, nossa incerteza do futuro desaparecerão quando abrirmos uma caderneta de poupança na Caixa. E en passant, como em tudo, encontremos nisso mais uma razão para votar na Arena em novembro.

MARIO P.SALLES

NÃO COMPRE O AURÉLIO.



EXPOSIÇÃO "GRANDE RIO GRANDE" FOI SUCESSO NO 7º ANIVERSÁRIO DA TV DIFUSORA.

Guazzelli e Ministro Arnaldo da Costa Prieto inauguraram oficialmente, no dia 8 de outubro, a Exposição GRANDE RIO GRANDE, promovida pela TV Difusora, por ocasião de seu sétimo aniversário.

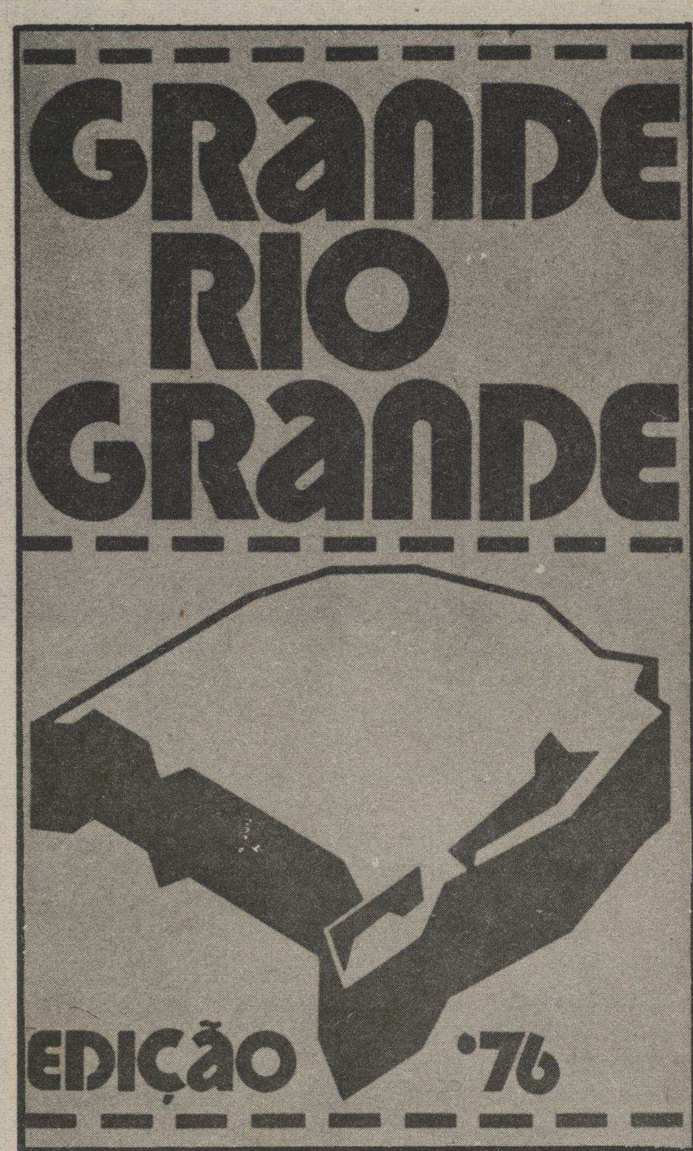
A grandeza do Rio Grande do Sul, representado pelas obras e realizações do poder público e empresariado foi o ponto alto da festa dos sete anos da TV Difusora.

A indústria, o comércio, a agricultura e a pecuária do Estado, assuntos de todo dia no Canal 10 na sua preocupação de servir à integração comunitária, foram mostrados na Exposição GRANDE RIO GRANDE, realizada de 8 a 17 de outubro nas instalações da TV Difusora.

O interesse pela mostra levou um grande público ao Canal 10, gaúchos que ficaram conhecendo um pouco mais da riqueza do seu Estado.

Aproveitando a exposição das obras de suas pastas, secretários de Estado transferiram seus gabinetes de despachos para as dependências da TV Difusora. O governador Sinval Guazzelli e o Ministro do Trabalho Arnaldo Prieto prestigiaram, com sua presença, a exposição, que reuniu também as principais realizações do Interior do Estado.

Secretário Airton Vargas cumpriu um programa extenso. Assinou diversos convênios e após, oficializou a solenidade de entrega dos prêmios do Concurso Jovem Cidadão 76. O Coral dos alunos do Grupo Escolar Uruguai homenageou os vencedores e também, os sete anos do Canal 10.



Câncer em pequenas doses

Um teste revelou que a água que sai das torneiras em Porto Alegre contém substâncias que podem causar câncer no estômago. O teste foi feito pelo químico Milo Raffin

O projeto da Celulose Borregaard ainda estava no papel em 1966, quando este senhor gordo, de aparência simples e barba quase sempre por fazer, manifestou-se pela primeira vez contra a localização da fábrica na outra margem do Rio Guaíba, defronte a Porto Alegre.

Os gases resultantes do cozimento da madeira, previa ele num relatório feito para o governo, serão tocados pelo vento na direção da cidade, causando incômodo a todos os seus habitantes. Ele não foi ouvido, evidentemente — seu parecer ficou inexplicavelmente sumido durante seis anos e quando reapareceu já era tarde.

Dez anos depois, Milo Raffin, 54 anos, titular do Departamento de Química Inorgânica da Universidade Federal, está fazendo uma advertência ainda mais grave: ele afirma que a água que um milhão de pessoas bebem em Porto Alegre contém substâncias químicas causadoras de doenças e até mesmo de câncer.

Em duas ocasiões, em março e em outubro deste ano, Raffin tornou pública sua advertência, revelando os resultados de análises que fez da água retirada do Guaíba e distribuida pelo Departamento Municipal de Águas e Esgotos à população. Na primeira vez com um pequeno relatório de cinco laudas apresentado à Câmara de Vereadores e contra o qual foram levantadas dúvidas pelo DMAE. Mas na segunda vez, ele apresentou um alentado trabalho de 20 laudas entregue também à comissão especial da Câmara que investiga a qualidade da água do Rio Guaíba.

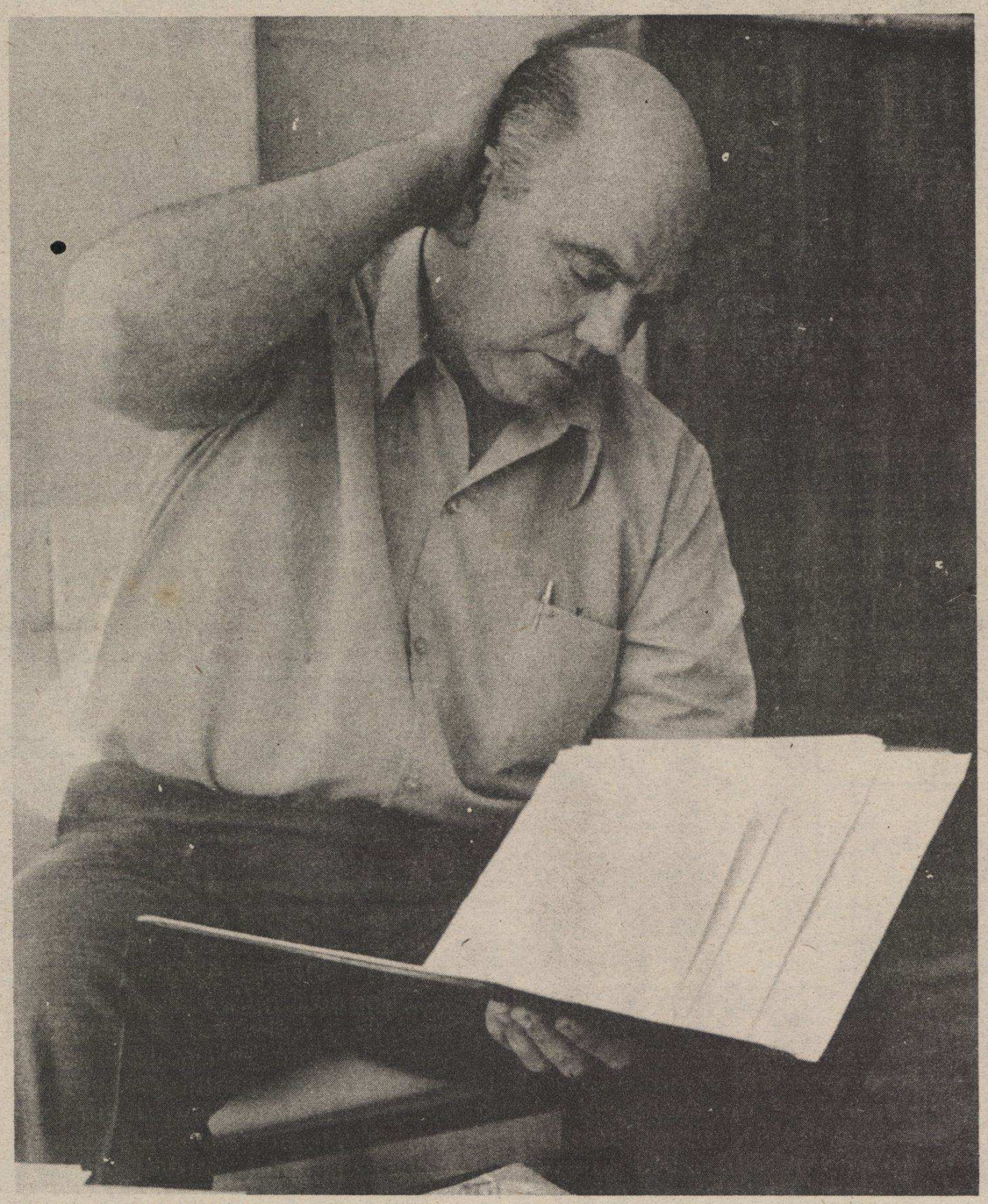
—Meu trabalho, diz Milo Raffin, foi feito e apresentado. Cabe agora aos órgãos encarregados da saúde pública fazer os estudos para saber os reais efeitos que a poluição do rio pode estar causando à população.

Nesse seu trabalho Raffin analisa as condições de recuperação do Guaíba, isto é, a capacidade do rio de se livrar das sujeiras — todo o esgoto da cidade e o despejo de mais de uma centena de indústrias — lançadas em suas águas. Esse processo de purificação das águas é feito pelos microorganismos, uma espécie de exército de minúsculos soldados que entram no rio junto com o esgoto cloacal e vão decompondo o esgoto em substâncias mais simples.

Mas, para realizar o seu trabalho de limpeza esses microorganismos necessitam de uma arma que a natureza lhes dá: o oxigênio do ar, que entra pela superfície do rio. E ocorre que quando a quantidade de sujeira lançada na água é muito grande, os detritos que se acumulam na camada superficial do rio impedem que o oxigênio desça às camadas mais profundas.

Então as substâncias orgânicas se acumulam no fundo do rio, dando entre outras coisas um cheiro de podre à água. Raffin conclui que o Guaíba já está recebendo uma carga muito pesada de esgoto e detritos industriais.

O mais grave, no entanto, nas constatações de Milo Raffin, é a presença de um elevado índice de uma substância chamada **nitrito.** O nitrito se origina da decomposição na água de resíduos de proteínas contidos nas fezes humanas, nos restos de alimentos, nos despejos de frigoríficos, curtumes e fábricas de óleo vegetal (é bom lembrar que duas grandes indústrias de óleo de soja lançam seus despejos sem tratamento no rio).



O químico Raffin alerta pela segunda vez

Como ele não é eliminado pelo tratamento que se faz atualmente da água, o nitrito está sendo ingerido por quem bebe água das torneiras em Porto Alegre. E ao ser ingerido, ele se encontra com as aminas que existem no estômago humano. A combinação dos dois forma uma terceira substância, a nitrosamina, que faz parte de um grupo que os químicos denominam **nitroso-compostos.**

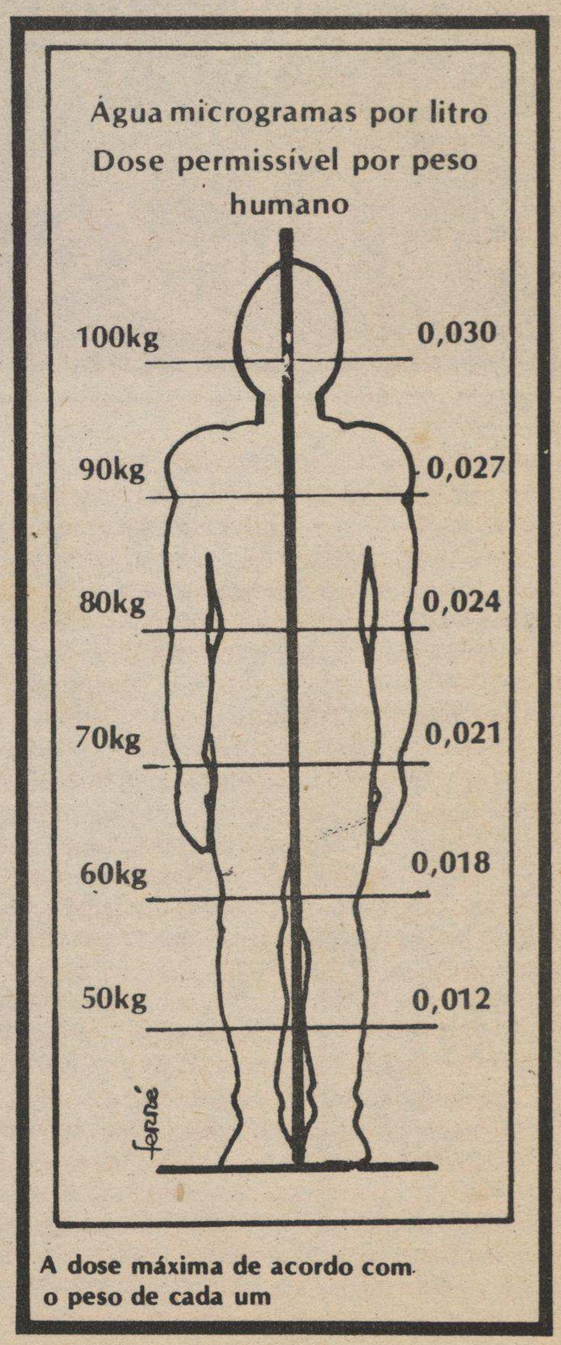
Esses nitroso -compostos são os mais potentes carcinógeros (causadores de câncer) já testados em ratos, segundo estudos feitos pela Agência Internacional para Pesquisa do Câncer, entidade ligada à Organização Mundial da Saúde. Estudos destes nitroso-compostos fizeram, inclusive, que se alterassem em 1962 os padrões para avaliação da qualidade da água para consumo humano, pois os padrões anteriores não consideravam o teor de nitrito contido na água.

Por enquanto, a presença de substâncias cancerígenas na água distribuída à população em Porto Alegre ainda ocorre em quantidades mínimas. Mas é preciso considerar que quando ingeridas estas substâncias não são eliminadas pelo organismo. Elas vão se acumulando podendo até atingir a dose necessária para desencadear a moléstia. Não se sabe também até que ponto a presença simultânea de várias substâncias cancerígenas na água pode fazer com que uma estimule ou reduza o poder da outra. Daí o cuidado que, segundo Raffin se deve ter para evitar o aumento dos cancerígenos na água.

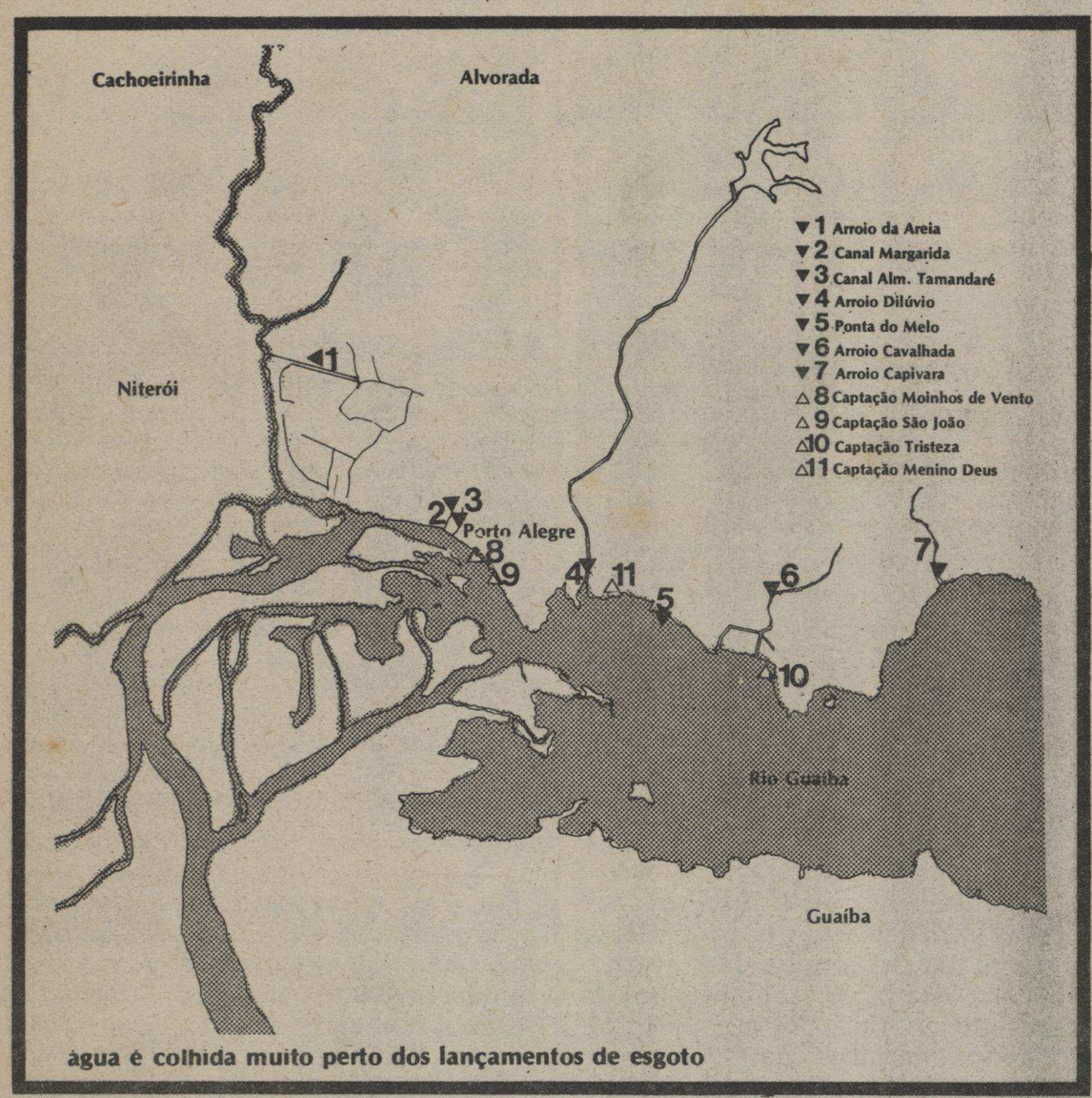
E daí também a recomendação contida nos estudos encaminhados à Câmara Municipal de que se substitua o cloro utilizado atualmente para a desinfecção da água pelo ozônio. O cloro, segundo pesquisas feitas pelos americanos, aumenta o poder cancerígeno das substâncias e por isso o seu uso para purificação de água com esgoto foi proibido nos Estados Unidos.

Para evitar que a situação chegue a limites perigosos, Milo Raffin sugere duas medidas: a mudança dos pontos de captação de água do DMAE para que eles recolham água de locais menos poluídos e a construção imediata de estações para tratamento do esgoto, atualmente despejado em estado natural dentro do rio.

Um detalhe importante nos trabalhos do engenheiro Raffin é que ele não tem hesitado em tornar públicas as suas opiniões, como é comum entre os homens ligados a órgãos públicos (ele é químico da Companhia Riograndense de Saneamento, Corsan). Apesar de tocar em questões polêmicas, como é o caso da qualidade da água de Porto Alegre, ele aceita discuti-las através da imprensa para que o público tome conhecimento dos perigos que ameaçam o seu bem-estar e a sua saúde e impedir que o comodismo ou outros interesses acabem causando prejuízos irremediáveis. Como, aliás, é o caso da Borregaard, atualmente rebatizada Riocell.



A dose máxima de acordo com o peso de cada um



água é colhida muito perto dos lançamentos de esgoto

Quanto você pode ingerir sem perigo

O químico Milo Raffin fez dois testes para avaliar a qualidade da água do rio Guaíba. Na primeira vez ele usou água da torneira do laboratório da Corsan, onde trabalha. E constatou que naquele dia, em cada litro de água que saía da torneira havia 0,015 microgramas de nitrito.

João Dib, então diretor do Departamento Municipal de Água e Esgotos, fez restrições ao resultado do teste, alegando que a água já chega sem cloro às casas de Porto Alegre. Com isto Dib quis insinuar que os nitritos poderiam ter surgido na água dentro do reservatório, onde não haveria mais cloro para desinfecção.

Então Raffin fez uma segunda análise, desta vez recolhendo água de outra torneira localizada após o hidrômetro do prédio e antes do reservatório. O resultado foi mais inquietante ainda: naquele dia, cada litro de água continha 0,030 microgramas de nitrito. E mais: a análise revelou a presença do cloro, o que derrubou a teoria de Dib de que o cloro não chegava às torneiras.

O teor de nitrito na água do Guaíba apresenta variações que vão de 0,003 a 0,030 microgramas por litro. Para se ter uma idéia do que isto representa, basta fazer uma comparação com os padrões estabelecidos pela Agência Internacional para Pesquisa sobre Câncer, que indicam a quantidade de nitrito que pode ser ingerida por uma pessoa sem risco para sua saúde.

Segundo estes padrões, a água não oferece riscos quando tem um índice de nitrito de até 0,0003 microgramas por quilo do peso corporal. Ou seja, uma pessoa que tenha 100 quilos de peso pode ingerir, sem risco para a saúde, uma água que tenha um índice de até 0,30 microgramas por litro.

Para uma pessoa de peso médio, ou seja 70 quilos, a água não pode ter um teor de nitrito superior a 0, 021 microgramas por litro (veja o quadro na página ao lado). Assim, quando a água do Guaíba alcança níveis de nitrito de até 0,030 microgramas por litro está sendo perigosa para todas as pessoas com menos de 100 quilos.

MUDANÇAS

Os resultados dos testes feitos por Raffin são tão sérios que já provocaram uma mudança na posição, antes irredutível, mantida pelo DMAE quanto ao lançamento dos esgotos no rio e os pontos de captação de água. Depois de defender durante anos a eficiência do atual tratamento da água, o órgão municipal mostra-se disposto a examinar cuidadosamente o assunto. Está fazendo pesquisas e o seu diretor, Jacob Lerner, admitiu que o gasto de Cr$ 10 milhões necessários para mudar de lugar as bombas que recolhem água para as duas principais hidráulicas da cidade, poderá inclusive trazer economia a longo prazo, pois não haverá necessidade de um processo de desinfecção da água tão rigoroso.

Atualmente os pontos de onde o DMAE retira a água estão cercados pelas saídas de esgotos que despejam sete metros cúbicos de detritos por segundo. Quatro metros cúbicos deste total são lançados no Guaíba junto com a canalização do esgoto pluvial, misturados com água.

APLUB quer dizer tudo certo. Tão certo como dois e dois são quatro.

A Aplub tem quatro maneiras de deixar tudo certo para você e para as pessoas que você gosta.

1 PLANO PENSÃO

2 PLANO PECÚLIO

3 PLANO APOSENTADORIA

PLANO ACIDENTES PESSOAIS

Todos eles, reajustáveis. Pense nos planos da Aplub.

PREVIDÊNCIA APLUB

APLUB
ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS UNIVERSITÁRIOS DO BRASIL
Sede: Av. Júlio de Castilhos, 10 Porto Alegre
Filiais em todas as capitais e principais cidades brasileiras.

ELEIÇÕES

Eles ficaram de fora

IEDA MARIA VARGAS

Ex-miss, ex-apresentadora de Tv, convidada pela Arena

"A deputada Dercy Furtado me propôs a candidatura como representante da mulher gaúcha, mas não aceitei porque, mesmo sendo uma mulher informada não tenho uma posição política Eu aceito várias coisas dos dois partidos. E depois a política é muito ingrata. Ela projeta alguém num dia e no outro reduz a farrapos. Veja o Kennedy, acabaram com o seu mito nos Estados Unidos. Também é muito difícil dar explicações para o povo. Há muitos anos já fui convidada pelo MDB e também não aceitei. Eu voto mais pelo homem do que pelo partido. Política é coisa séria e agora, com o trabalho e a família me tomando muito tempo, eu não teria condições".

ANTÔNIO DAUDT

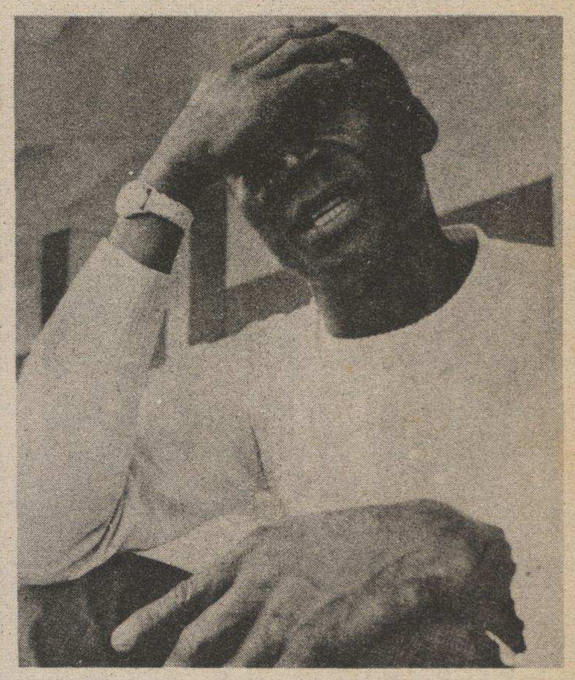
apresentador de radio e Tv, convidado pelo MDB

"Não aceitei porque acho que jornalismo e política não podem se misturar. Dizem que a minha eleição seria coisa certa, que haveria uma pesquisa indicando que eu faria entre 30 e 80 mil votos, não sei. Um deputado já eleito me convidou para fazer uma dobradinha nas próximas eleições para as câmaras federal e estadual. Eles insistiram bastante, todo o mundo me perguntava se eu seria candidato, até os reprentantes da Arena. Um dia um cidadão entrou aqui na minha sala na Difusora, fechou a porta a chave e afirmou que se eu fosse eleito, seria cassado imediatamente".

TÂNIA CARVALHO

Apresentadora de Tv, convidada pela Arena e pelo MDB

"Foi até engraçado. Um dia eu cheguei em casa às duas e meia da tarde, morta de fome e lá estavam o MDB e a Arena, sentadinhos um de cada lado da sala. Eu no meio, almoçando a minha galinhazinha e os dois me convidando com o mesmo argumento de ter a responsabilidade de defender os direitos da mulher gaúcha. Mas, Jesus! Eu mal consigo lutar pelos meus direitos. Eu acho que política a gente já nasce fazendo e eu ia acabar enchendo o saco lá na câmara porque não tenho o menor dom político. Eu não tomo posição política na televisão. Eu não falo nem em futebol, digo sempre que sou do Guarani de Bagé".



PAULO LUMUMBA

Ex-treinador do Grêmio, vereador pelo MDB de 68 a 72

"Fui procurado pelo presidente do meu partido, doutor Pedro Simon, mas não aceitei porque quero terminar os meus estudos. Política e futebol chegam a ser assuntos extremosos, porque, veja bem, no futebol você só pode ser jogador até os 30 anos e na política você só pode ser senador depois dos 30. Na política num dia você é vereador, no outro é cassado. No Grêmio eu continuo onde sempre estive. Não é verdade que o Grêmio tenha me pressionado para não aceitar".

NA SUPER FEIRA, A SUPER BARRACA.

A XXII Feira do Livro começa dia 27 de outubro com uma atração especial: uma barraca especializada na venda de livros de comunicação, cooperativismo e de humor. A barraca é da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, que também promoverá a vinda a Porto Alegre, no período da feira, de jornalistas escritores, como Fernando "B" Morais, autor da reportagem transformada em livro "A Ilha, um repórter no país de Fidel Castro".

CARAS & COROAS

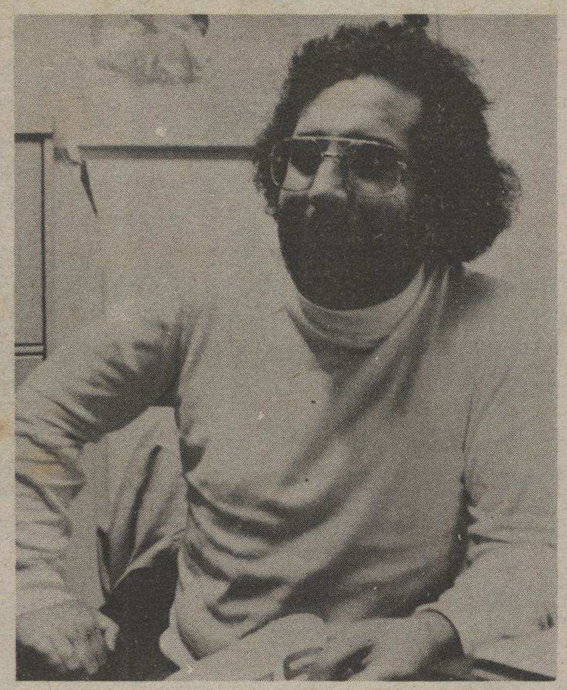
Porto Alegre: Caras e Coroas. **Com este título Leonid Streliaev e Sérgio Axelrud pretendem definir a exposição que vão inaugurar dia 28 na Galeria Eucatexpo (Avenida Independência, 375), às 21h. Esta foto, uma das que estarão expostas, é de Leonid Streliaev. O velho Bataclan, figura popular de Porto Alegre é uma das 37 pessoas fotografadas para a exposição.**

Arena e MDB tiveram dificuldades em arranjar candidatos a vereador para as eleições de novembro. Fomos perguntar a algumas pessoas conhecidas na cidade por que não aceitaram o convite para concorrer. Aqui suas respostas

ALBERTO FOGAÇA

Professor e comentarista de Tv, convidado pelo MDB

"Pedro Simon insistiu comigo quase três meses. Afirmava que o partido precisava de mim na Câmara como seu ideólogo. Depois ele fechou ainda mais o cerco me acenando com a liderança do setor jovem a nível nacional. Disse que há um vazio de liderança jovem em todo o país, alguém que seja capaz de galvanizar o inconformismo da juventude. Gradativamente eu seria lançado como esse líder. Confesso que aí vacilei porque tocou na minha vaidade pessoal e o salário de vereador não é desprezível, são dezesseis mil cruzeiros. Mas eu resisti por uma questão de honestidade. Acredito que estaria enganando o meu público, que me ouve como jornalista e não como candidato".



KENNY BRAGA

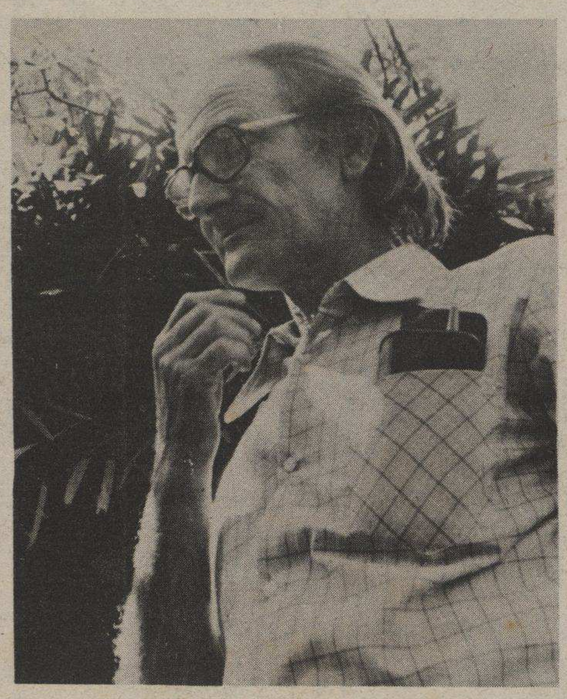
Jornalista, convidado pelo MDB

"Não aceitei porque o cargo de vereador conflitaria com a minha profissão. Além disso a direção do jornal em que trabalho, O Globo, já disse em ocasiões anteriores que prefere que seus funcionários não tenham qualquer participação em legislaturas. Depois, se fosse eleito, quando terminasse o mandato teria que voltar a trabalhar como jornalista e ter sido vereador atrapalharia minha atividade profissional. Mas eu continuo ligado ao MDB participando do setor cultural do diretório metropolitano".

LUIZ CORONEL

Publicitário e sócio-diretor da agência Exitus, convidado pelo MDB

"Acho que posso dar melhor contribuição ao partido planejando a campanha como estou fazendo. Uma atuação em política partidária como vereador é uma opção muito delicada. A Arena e o MDB são partidos sem história, são partidos criados e não nascidos a partir de uma organização e o grande problema institucional é dar validade para os partidos para dar valor ao jogo político. E eu não sou político, não cultivo o cuidado do silencio, nem a vontade do poder".



JOSÉ LUTZEMBERGER

Presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

"Recusei convite da Arena e do MDB pelo mesmo motivo: ser candidato implicaria numa perda de liberdade muito grande. Nós na Agapan somos um movimento político mas não partidário, queremos estar livres para criticar ou então apontar os acertos. O que nos interessa é a defesa da vida, nós somos uma entidade políticamente pluralista".

Não esquente a cabeça

No meio de um mercado o mais diversificado possível e ao lado também de uma variedade imensa de empresas do ramo, procuramos nos estruturar e montar um razoável potencial em equipamentos e recursos humanos.

Foi uma etapa firme e objetiva, capacitando-nos à eficiência e certeza para responder aos apelos do mercado, e hoje, de nossos clientes.

Contamos com uma equipe de criação, montagem e diagramação em condições de assumir e responder desde o mais simples até o mais complexo projeto gráfico, contando com o amparo e garantia do potencial que representa o Parque Gráfico de que dispomos. Tudo fica mais fácil se falarmos de nosso moderno processo eletrônico de composição.

Por tudo isso, acreditamos seja também a **PALLOTTI** uma opção segura para o empresário que realmente se preocupa com a imagem de sua empresa e se defronta com a necessidade de impressos em moderno sistema OFFSET.

LIVRARIA EDITORA PALLOTTI

Rua Tupi, 200
Fone: 41-3976 — Porto Alegre - RS.

Luis Dagoberto recolheu carne do lixo para alimentar a família e acabou no hospital, junto com a mulher e os seis filhos. Uma semana depois que ele havia retornado para casa, o repórter Euclides Torres foi à Vila Panorama entrevistá-lo. Chegou ao meio-dia e recebeu um tímido convite para o almoço. Numa panela, a sopa knorr que fervia em cima do fogão era o único prato para as 8 pessoas da família naquele dia.

Sopa knorr, depois da carne podre

Dentro da panela: caldo Knorr, o almoço das crianças

—Quando um come todos comem. Se um não come ninguém come.

Seguindo esta orientação, toda a família do lixeiro Luiz Dagoberto Longarfino acabou no hospital. Na noite de terça-feira, dia 28 de setembro, quando Luiz chegou na casa de madeira na Vila Panorama, onde sustenta seis filhos e a mulher, levava na sacola de plástico pedaços de carne e arroz. Eram 21 horas e o jantar começou.

O cardápio: café com leite, arroz e carne recheada com cenoura recolhida do lixo por Luiz Dagoberto durante seu trabalho para o Departamento Municipal de Limpeza Urbana, na avenida Assis Brasil. Duas horas depois, os vizinhos levavam para o Hospital de Pronto Socorro seis crianças com dores no estômago e vomitando. O lixeiro e sua mulher, também vomitavam e não podia socorrer os filhos. Todos tinham comido a carne com cenoura, "com gostinho meio amargo", segundo disse Deluze Maria, casa com Luiz Dagoberto há 15 anos.

No dia em que fomos à sua casa fazia uma semana que a familia Longarfino havia saído do hospital, onde ficara dois dias — tempo insuficiente para que todos se recuperassem inteiramente.

Eram onze horas de uma manhã de quinta-feira. A mulher preparava o almoço: uma panela de sopa knorr. Ela tem 37 anos, porém a primeira impressão que se tem é de que já anda pelos 50. Ouve mal, mas assim que entendeu quem éramos começou a contar com naturalidade o que ocorreu:

—Dagoberto chegou com a sacola com bastante carne. Tiramos os pedaços mais bonitos, comemos com café e o resto demos para os cachorros.

Deluze fala mexendo na panela, onde a água começa a ferver. As crianças estão em roda do fogão a gás de quatro bicos — Osmar, 13 anos Rejane, 10, Vera, 9, Nelson, 7, Rosangela, 3, e Jorge, dois anos. Nelson tem vômitos e está muito pálido, mas a mãe não acredita que ainda sejam os efeitos da intoxicação:

—Foi um salamito que ele comeu hoje de manhã e fez mal.

Naquela noite, conta ela, a família estava toda diante da sua única fonte de diversão: uma televisão de 17 polegadas que é ligada a uma hora da tarde. De repente, dona Deluze notou que as crianças estavam com a boca roxa. Então, desligou a tevê, levou Jorge para dormir na sua cama e deu a todos um chá de pitangueira:

—Depois fiquei com medo. Todo mundo vomitava e chorava de dor no estômago.

Na casa de quatro peças, feita de tábuas irregulares, além da cama do casal, há outras duas camas onde dormem as seis crianças. Na sala há a televisão, uma mesa e algumas cadeiras.

Luiz Dagoberto reclama: "Os jornais não deviam ter feito aquilo". Ele acha que os jornais deram muita importância ao fato e sente-se envergonhado:

—Agora não me sinto com coragem de encarar os companheiros de serviço. Eu não devia ter feito isso.

O motorista do caminhão e o ajudante que estavam com ele no dia em que apanhou a carne, foram visitá-lo no hospital e tentaram consolá-lo dizendo que o caso poderia ter acontecido com qualquer outro colega. Mas nem isso confortou Dagoberto, que daí a três dias teria que voltar ao serviço.

Na vila, a notícia não chegou pelos jornais. Foi o carro da prefeitura que entrou pela Rua Pedro Alvares Cabral para deixar em casa a família de Dagoberto recém-saída do hospital que chamou a atenção. Na vila não tem água e os poços de onde todos bebem ficam perto das latrinas. Nas ruas esburacadas raramente passa um carro e nunca na vida Dagoberto havia chegado em casa em outro veículo que não fosse o caminhão do lixo. Em 14 anos de serviço, foi a única vez que mandaram levá-lo em casa.

Aliás, essa inédita carona foi uma das três coisas que a família Longarfino ganhou com o triste episódio. As outras duas foram uma promessa e um rancho.

—Me prometeram conseguir uma casa na Vila Restinga. Já me inscrevi duas vezes e não ganhei a casa porque é preciso estar recebendo dois salários mínimos. Agora o diretor disse que vai me conseguir. A primeira vez que me inscrevi foi em 13 de outubro do ano passado e a outra foi este ano, mas não ganhei nada. Vamos ver agora. A prefeitura mandou um rancho para 15 dias. Tem batata, cebola, sopa Knorr e feijão.

Enquanto o marido fala, Deluze Maria corta quatro batatas e coloca na panela de sopa. Ela quer demonstrar que há bastante comida em casa.

—Sal?

—Um quilo dá pra mais de mês. Aqui ninguém gosta de comida com muito sal.

—No domingo faço alguma coisa melhor. Mondongo com batata.

—No verão em vez de café bebemos quisuco e o remédio mais conhecido aqui na vila é chá de marcela ou de pitangueira, que a gente pega na beira do arroio.

—Na venda da vila não tem carne boa por isso a gente não compra, mas às vezes dá pra comprar salsicha e margarinha. Gastamos Cr$ 200,00 na venda, por mês.

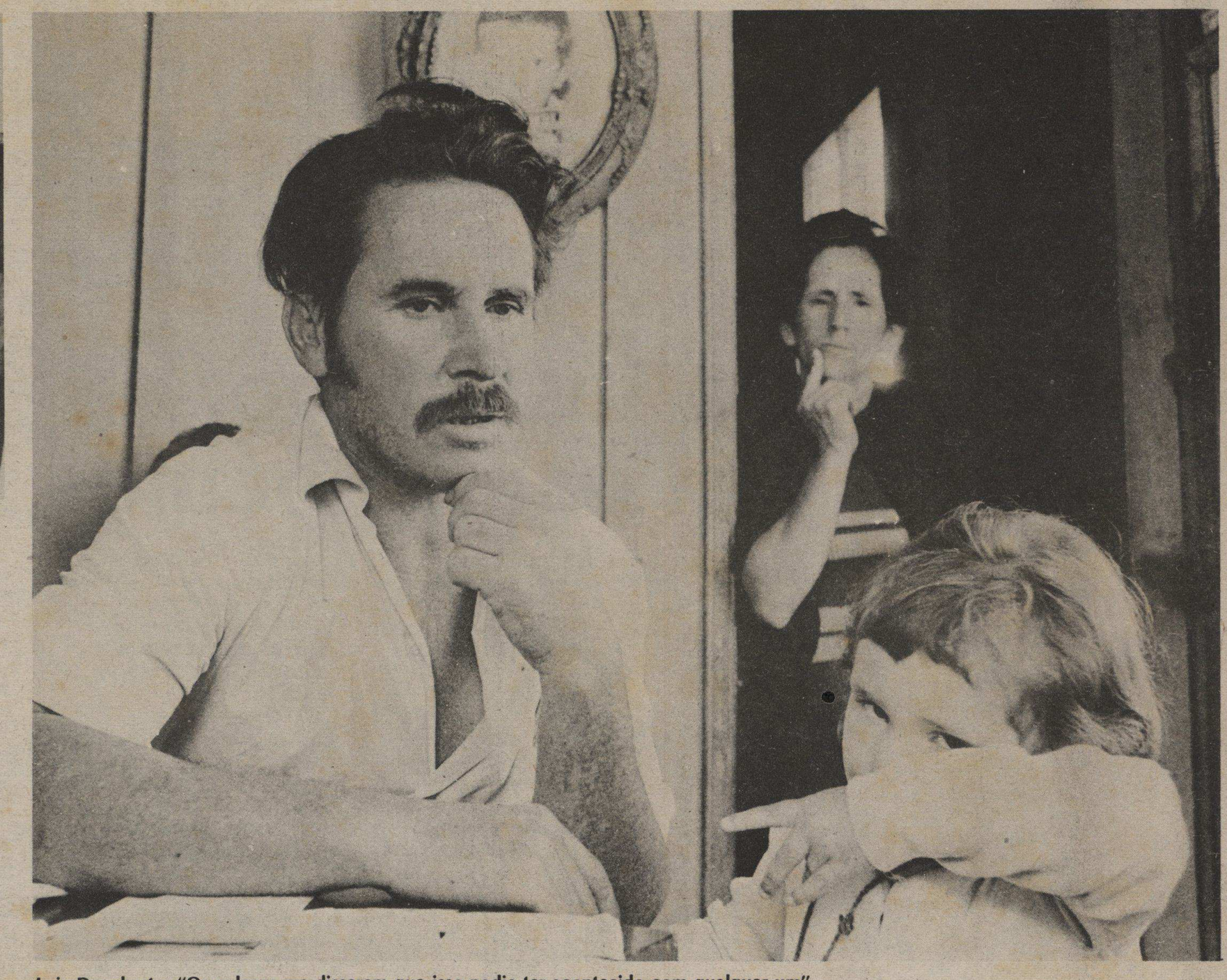
Nenhum dos três filhos de Luiz Dagoberto, em idade escolar, estão estudando. "Nos mudamos e não deu para arrumar colégio", explicou ele.

A sopa está no fogo. E as crianças em roda. Luiz Dagoberto fala de dinheiro.

No dia 30 de setembro recebeu Cr$ 1.863,76, pois foram pagos Cr$ 584,00 de abono familiar, Cr$ 406,76 de adiantamento do 13º salário e mais Cr$ 146,00 de atrasados, além do salário básico de Cr$ 727,00. De ônibus gasta quase Cr$ 100,00 por mês. Para economizar luz tem apenas duas lampadas na casa e dois lampiões a querozene. Mesmo assim pagou Cr$ 147 em setembro pois a conta veio acumulada de dois meses.

Para dar estudo aos filhos e levar uma vida decente, Luiz

A família Longarfino



Luiz Dagoberto: "Os colegas me disseram que isso podia ter acontecido com qualquer um"

E no sétimo dia Nelson ainda vomitava

Dagoberto calcula que precisaria receber mais de Cr$ 2 mil por mês.

Quando Luiz Dagoberto recebe, ele faz um rancho e compra 15 quilos de arroz, 15 quilos de açcar, cinco quilos de massa, três quilos de sabão e quatro quilos de feijão.

—Sempre dá pra fazer um ranchinho apertado, mas lá pelo dia 24, 25; **tudo começa a faltar.** No dia que peguei a carne tinha Cr$ 25,00 no bolso. Era um dinheiro ganho por umas horas extras que tirei para um colega.

Naquele dia Luiz Dagoberto esperava receber seu salário, mas houve atraso e o pagamento somente saiu dois dias depois, dia 30 de setembro. Em casa a comida estava escassa e ele tinha no bolso da calça apenas os 25 cruzeiros que ganhou fazendo umas horas extras em substituição a um colega.

Trabalhando há quatro mezes na Zona Nove (avenidas Assis Brasil, Ceará e Bahia), **o lixeiro não hesitou quando viu toda aquela carne recheada com cenoura atirada na lata. Recolheu e enrolou na sua sacola de plástico, guardando-a na cabine do caminhão. Eram duas e meia da tarde quando guardou a carne jogada fora por funcionários de uma camisaria na Avenida Assis Brasil.**

A sopa está quase pronta. Agora já tem arroz.

Às nove horas da noite a carne que recolheu do lixo seria o prato principal do jantar de sua família.

—As crianças viram eu comer e pediram. 20 minutos depois estavam vomitando e a vizinha veio dar chá de pitangueira. Meu estômago também doía, mas não podia me entregar porque as crianças choravam e tinham que ser socorridas. Veio outro vizinho e mais outro que é enfermeiro e ele mandou nós tudo pro Pronto Socorro.

No Pronto Socorro disseram ao lixeiro que ele tinha envenenado a família. Deluze Maria coloca mais caldo Knorr na sopa.

—Não sei se era um médico ou um polícia. Era um senhor bem arrumado e eu então perguntei: mas como é que eu vou matar a minha família? Vai lá em casa ver se tem veneno escondido. Depois os exames mostraram que a carne é que fez mal para nós.

Luiz Dagoberto não gosta de futebol, nem de sopa. E a sopa já vai ser servida, enquanto ele relembra a vida mais folgada que tinha, em 74:

—Trabalhava à noite para uma empresa de limpeza e ganhava extra, mas a firma fechou e fiquei trabalhando só para a Prefeitura desde outubro de 74. Todos os recibos, desde o primeiro salário que recebi estão guardados aqui, diz o lixeiro mostrando uma surrada pasta preta.

Um pouco constrangidos, saímos para não ver a mulher do lixeiro desfalcar o rancho que era para 15 dias numa demonstração de fartura, misturando tudo na sopa que fervia. Ao meio dia nos retiramos da casa de Luiz Dagoberto Nunes Longarfino, nascido em 23 de dezembro de 1939. Ele está envergonhado, nós tambem.

Feijão só para os grandes

O feijão preto importado recentemente pela COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos), uma empresa estatal, para suprir a falta de feijão nacional no mercado gaúcho, foi totalmente entregue a uma entidade particular, a AGAS (Associação Gaúcha de Supermercados), para distribuição a seus associados. Ficaram excluídas as cooperativas e pequeno comércio.

O fato foi revelado pelo presidente da COOCEEE (Cooperativa de Consumo dos Empregados da CEEE de Porto Alegre Ltda.), Ely Luiz Liska, que se dirigiu à COBAL para adquirir feijão para os 1.157 associados da sua cooperativa. Lá, foi informado de que o feijão tinha sido posto à disposição da SUNAB (Superintendência Nacional de Abastecimento) e que bastaria uma carta àquele órgão para formalizar o pedido.

Em contato com a diretoria da Divisão de Pesquisa, da SUNAB, Liska foi informado que toda a partida de feijão tinha sido entregue à AGAS para que esta procedesse a sua distribuição, nada restando para as cooperativas de consumo e o pequeno comerciante.

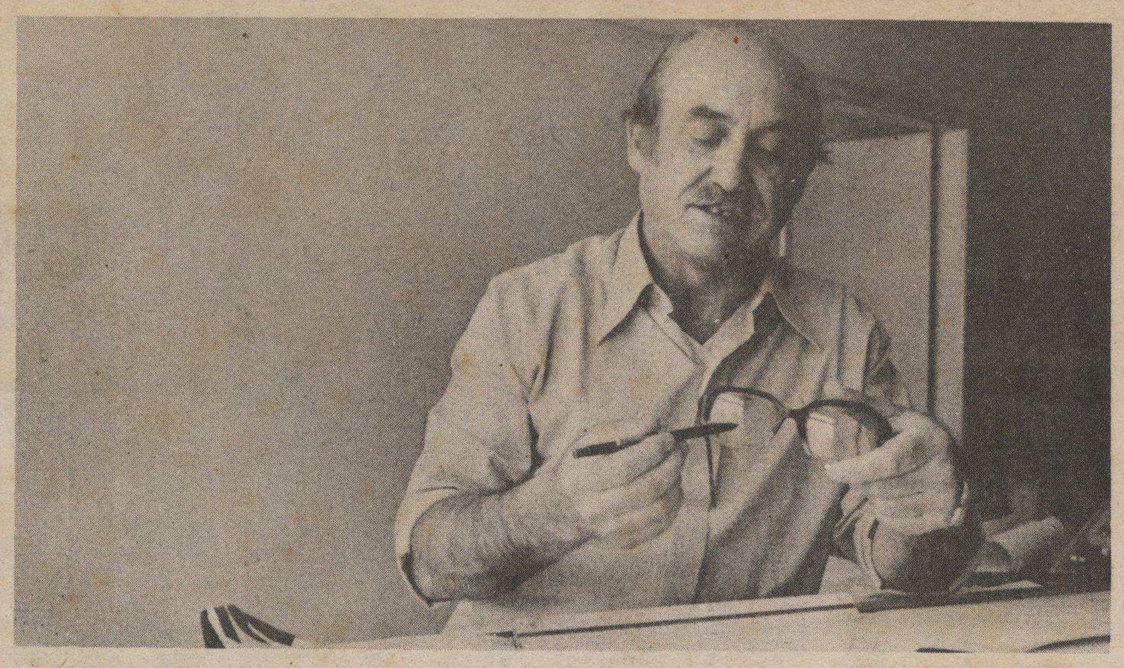
De volta à COBAL, o presidente da COOCEEE, conseguiu convencer o gerente regional, Eduardo Amedeo, da gravidade da situação para a cooperativa, e então obteve da empresa a liberação de uma certa quantidade de feijão nacional da safra passada, que a COBAL mantinha em seus estoques.

Para quem conhece o que vem acontecendo com o feijão no Rio Grande do Sul, o fato não surpreende. Há cinco anos, o Estado produzia 240 mil toneladas de feijão, quantidade mais que suficiente para o consumo interno, que este ano foi estimado em 200 mil toneladas.

Mas este ano a safra não foi além das 140 mil toneladas, segundo reconhece o proprio governo, devido ao baixo preço mínimo dado ao produto e à exploração do agricultor pelos intermediarios que desestimularam o plantio (Segundo um estudo do agronomo José Alfredo Marques, da Secretaria de Agricultura, o feijão passa pelo menos por cinco intermediários antes de chegar ao consumidor).

A conseqüência é a importação das 60 mil toneladas vindos da Argentina, México e Chile ao preço médio de 500 dólares a tonelada, o que dá um preço por quilo de Cr$ 6,10 ou seja quase o dobro do mínimo fixado pelo governo para ser pago este ano ao agricultor que é Cr$ 3,58.

LEIA E ASSINE JORNAL DO INTER



Na justiça por um par de óculos

A Associação de Proteção ao Consumidor, de Porto Alegre, recebe de quatro a cinco reclamações por dia. Só em último caso as queixas precisam ser encaminhadas à Delegacia de Economia Popular, que faz um inquérito prévio para depois encaminhar o processo à Justiça. Um dos casos que o inquérito está em fase final é o de Ewaldo Arboite contra a Oticas Precisão.

Ewaldo Arboite, 52 anos, é topógrafo e estudante de Engenharia. Ele se define como um homem que resolveu "enfrentar o sistema" e se sente desiludido "com a podridão deste mundo". Ele conta:

— Meu trabalho exige boa visão, e resolvi trocar de óculos não queria mais o bi-focal, queria coisa melhor. Então resolvi comprar um Varilux que, como dizia a propaganda, "oferece uma visão contínua sem traços divisórios". Procurei a loja e comprei um, sem receita mesmo porque o vendedor disse que não precisava.

—Comprei mas não me dei. Cada vez enxergando pior. Toda a semana ia na loja pra dar um jeito, acertar as lentes. Aí um dia o moço mesmo que me atendia disse que era melhor parar de procurar eles, que não ia adiantar, porque pra mim o Varilux nao ia funcionar. Então deixei os óculos lá e disse : olha, já que não vão me acertar as lentes, pelo menos anulem o financiamento, que eu vou pagar por uma coisa que eu não vou usar, não é? Então fui embora e consultei um médico para fazer os óculos que me servissem.

— Eu já tinha até esquecido disto quando resolvi trabalhar por conta própria e iniciar uma pequena empresa de engenharia. Aí precisei de cartas de recomendação dos bancos, embora eu sempre tivesse crédito em qualquer lugar, aqui e em Caxias, onde eu moro. Então um dia o gerente do banco disse que não ia dar, olha, seu Ewaldo, ele disse, surgiu um probleminha aqui, seu nome tá negativo lá no SPC, não vai ser possível, essas coisas.

—Então vi que não tinha outra saída mesmo procurei esta associação de defesa de consumidor, porque pagar eu não vou mesmo, não é pelo dinheiro, o financiamento era de mil e vinte cruzeiros, cheguei a dar a entrada de duzentos e quatro cruzeiros. Mas não é por isso não, é pra que as pessoas deixem de ser enganadas, ninguém pode viver assim, pensando que a gente tem que aceitar tudo. Não mesmo.

— Sabe o que eu acho desta associação de defesa do consumidor? Só uma coisa: é excepcional, era o que falta pra gente, fazer justiça, colocar as coisas no lugar. Agora vou até o fim, não vou pagar nada porque realmente não devo.

O dono da ótica não recua

Tão radical como o consumidor Ewaldo, Saul Livi, diretor das Óticas Precisão, também promete ir até o fim pelo que acha correto.

Surpreendido pelo interesse do jornal, ele diz que "isso é muito perigoso para voces, não deviam se meter nisso, é uma coisa que vaiser decidida pela Justiça. Não vou dar entrevista, nem deixo meus advogados falarem nisso, é uma fraude que esta pessoa quer fazer com a firma".

Saul pede a identidade do repórter e quase perde o controle. Anota o nome, o número do registro profissional, pergunta várias vezes, agressivo, "que jornal é este? que jornal? como é o nome? quando vai sair? daonde é?" Repete mais uma vez um "isso é perigoso para vocês" e finalmente convida para um cafezinho. Depois, no meio da Rua da Praia, elogiando o belo sol do sábado, começa a falar. E a acusar:

— Não sei onde esta associação vai parar do jeito que o Mottola tá indo (Renato Mottola, presidente da Associação de Proteção ao Consumidor). Tudo que é coisa que dizem ele acredita e aceita. e endossa, porque afinal ele é advogado, tem a obrigação de saber as coisas, a lei e tudo o mais. Quando este cidadão se queixou, ele me telefonou. Disse: "Olha, Saul, dá uns óculos novo pra ele e vamos resolver este assunto de uma vez, que fica tudo certo e fim de discussão".

— E eu? Respondi: nada disso, eu não vou fazer isso, não tenho culpa que o cliente tenha comprado um óculo que não deu pra ele, eu mesmo uso esse Varilux que o senhor está vendo, não é por cinco por cento de pessoas que compram o óculo e se queixam que eu vou mudar de posição.

—Depois tem o seguinte. Por lei, isso não vai pra frente. O cliente fez a compra em 72, por aí, já está com o prazo vencido, não adianta. E que as pessoas têm que reclamar na hora, depois não dá, é bobagem mesmo, perda de tempo.

— Este senhor apresenta uma declaração de que devolveu os óculos, assinada por um funcionário da casa que nem trabalh mais aqui e que quando assinou já não era mais nosso empregado. E mesmo que fosse, que valor tem assinatura dele em nome da firma? Ele não tinha autorização para isso.

— Olha, já fui ouvido na delegacia e o próprio escrivão me disse que isso não vai pra frente, deve até ser arquivado. Por isso que eu acho que vocês não tinham nada que se meter nisso, é uma coisa que está por ser decidida, certo?

Saul, companheiro de Lyons do presidente da APC, não comentou o auto de infração lavrado pela Secretaria da Saúde contra a "Precisão", por vender óculos sem receita. Em data recente, seis de setembro, atendendo pedido de providências da APC, motivado pela reclamação de Ewaldo Arboite. Sinal de que a venda do Varilux em 72, receita, continua tão ilegal como antes.

ASSINE O COOJORNAL

ASSINATURA POR 1 ANO: Cr$ 60,00

Nome Endereço

Bairro Cidade CEP Estado

Forma de pagamento:

Vale Postal - n.º Valor Cr$ data

Ordem de pag. - n.º Valor Cr$ data Banco

Cheque em nome da Coojornal - Valor Cr$ data Banco

Rua Comendador Coruja, 372 — Fones: Redação 24-0951
Administração e Depto. Comercial 21-8984 — Porto Alegre - RS - Brasil

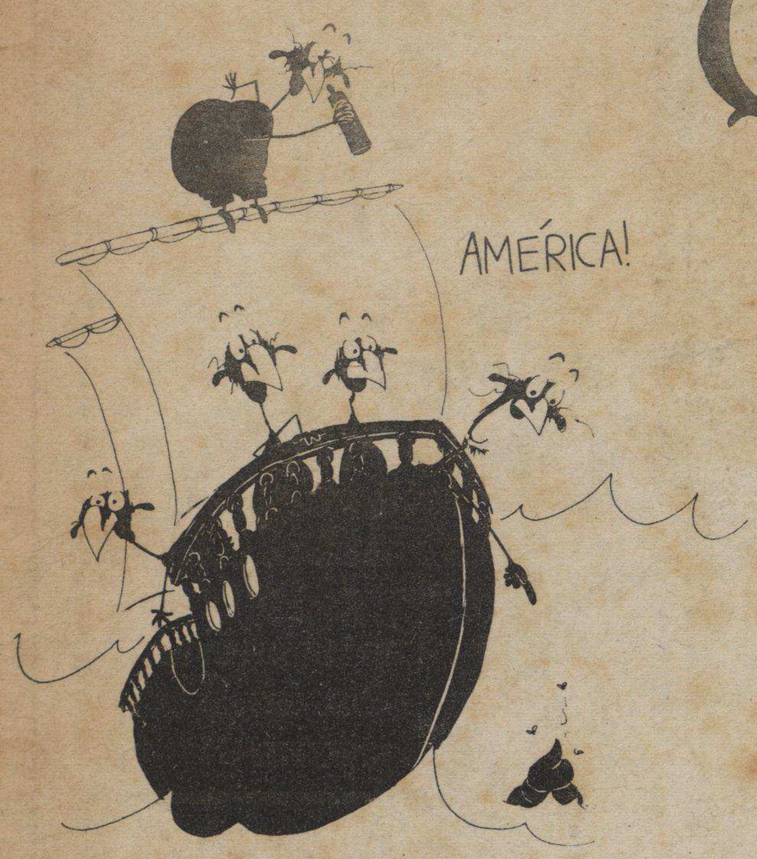
A descoberta da América deve-se a Colombo; a exploração da América deve-se às multinacionais. (Fraga)

quadrinhos & humor

QUADRÃO

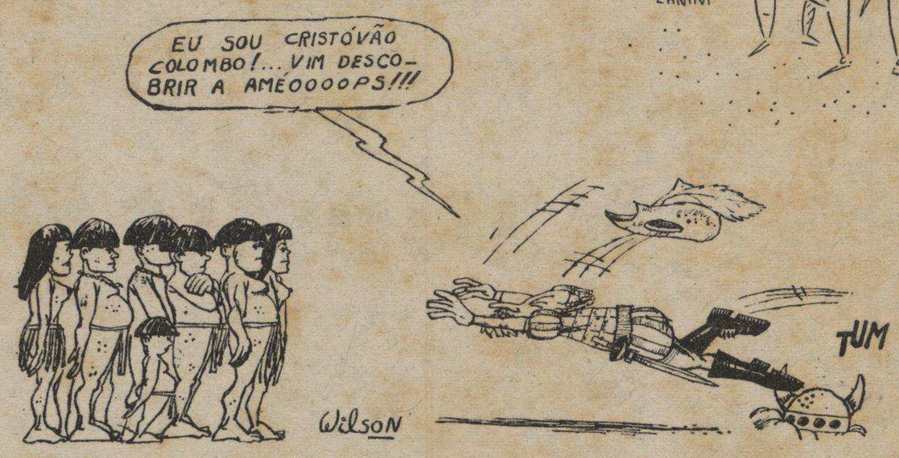
(Continuação do número anterior...)

Colombo fez a sua parte e lavou as mãos sujas de história. Agora é a nossa vez. Humor à vista!, com os audazes marinheiros de água doce e poluída do Quadrão.



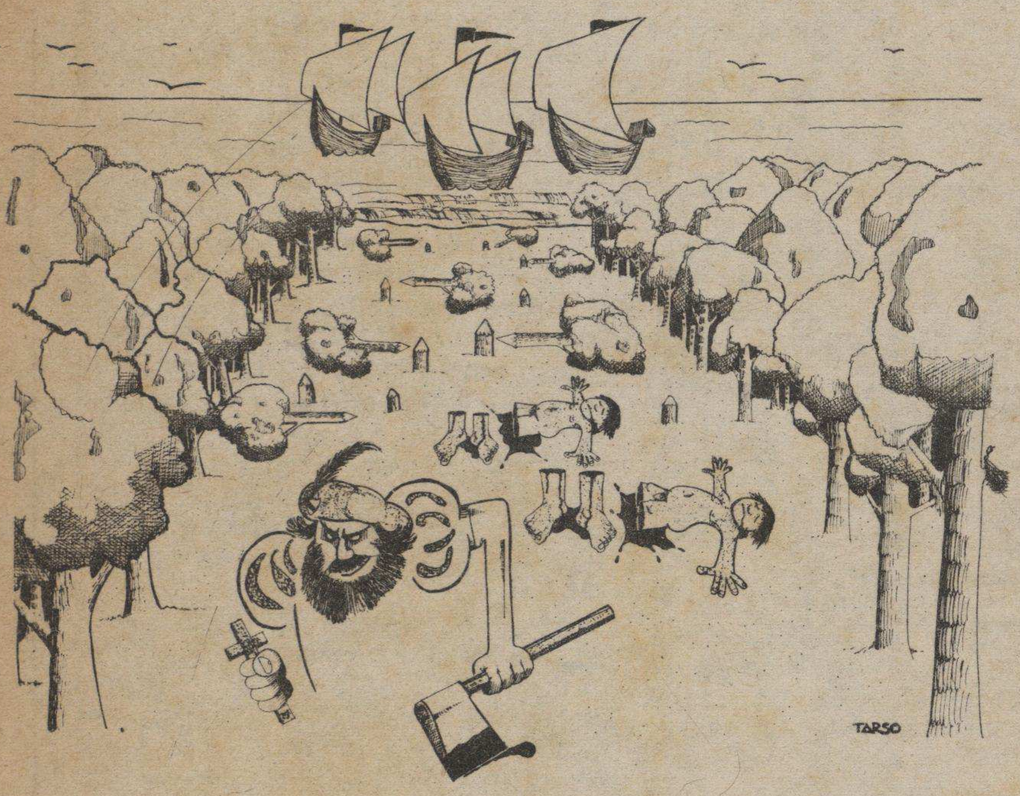
LINDOTE

CANINI



WILSON

TARSO



Diário de Bordoadas

"Já pensastes?", dizia Colombo aos reis espanhóis, "milhões de almas pagãs, entre as quais muitas pròváveis futuras cristãs?"

__ Hum, pensava o rei, talvez milhares de cristãos novos...

__ E não perdemos nada, jra pensava a rainha, cristianizamos o que for possível e queimamos o resto... uma fogueira exemplar!

__ Negócio fechado!, conluiu o rei.

E foi assim, graças à religiosidade de Fernando e Isabel, que Colombo conseguiu a sua tão sonhada volta ao mundo, com financiamento exclusivo do governo espanhol e dos banqueiros genoveses. E sem juros e correção monetária! Mas, a bem da verdade, as dificuldades que encontraria depois, em plena viagem à América, corresponderia, digamos, aos juroas que pagamos hoje aos próprios americanos. Era um problema imenso convencer a marujada que o mundo não era quadrado. Além disso, a maioria __ conservadores __ não queria nem saber desse tal Novo Mundo.

Eram tantas as incomodações que outro homem qualquer teria desistido. E mesmo Colombo, a certa altura, deve ter pensado nisso, Começava a faltar comida, havia insegurança e o diabo (forma de expressão), e Colombo, já treinando para governar as terras conquistadas, gastava a imaginação em frases otimistas:

— Eu vos afirmo, marujos, que ninguém segura este barco! Em verdade vos digo que este é um barco que vai pra frente!

Mas a tripulação, incrédula, só pensava no pior. O mundo era uma caixa de sapatos e o barco, uma formiga — com a desvantagem de andar só no plano. Viria o dia em que alcançaria a borda e...pluf!

Enquanto isso, na tentativa de divertir a turma, Colombo punha dúzias e dúzias de ovos em pé.

Em 1492, enfim, chegaram à América. E o resto todos sabem. As armas americanas tornaram-se famosas em todo o mundo. Em cada meia dúzia de pessoas, cinco jovens e um velho mascavam chicletes. Até o Papa, criterioso com as coisas terrenas, bebia Coca-Cola nas refeições.

Cristóvão Colombo, porém, sofreu alguns percalços. Nunca ficou bem claro para o governo de Franco aquela parada — suspeitíssima — em Cuba. E aquela história de achar os índios, os habitantes do Novo Mundo, eram homens normais? Que tinham alma! Foi preso por volta de 1500 e morreu em 1506, sem nunca ter ouvido falar no Flamengo.

Ninguém mandou descobrir à América.

MACE GODU

QUADRÃO

Série II, N.º 1

Edição, responsabilidade e pessimismo: *Fraga & Edgar Vasques.*

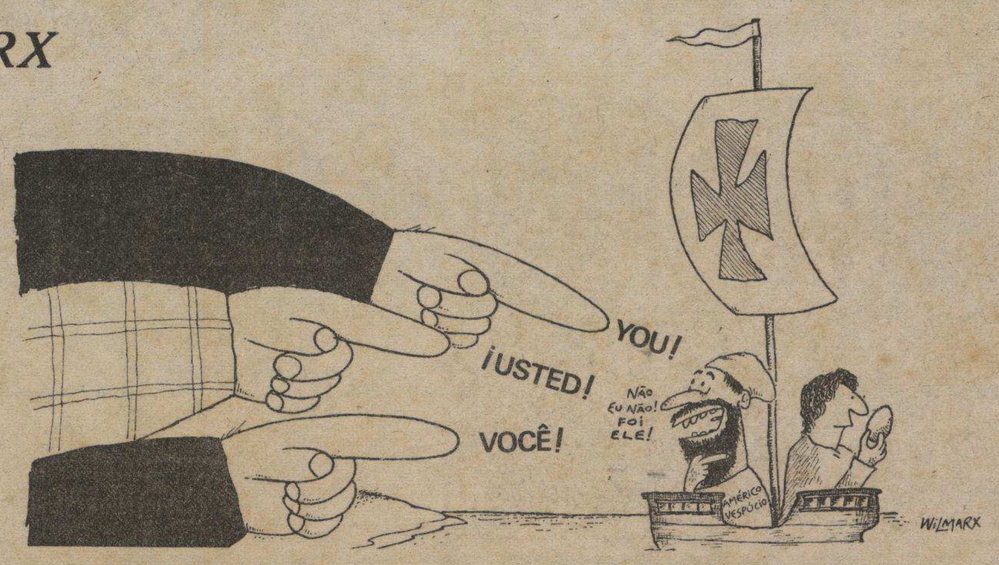
Colaboradores convidados: *Lilian, Ferré, Mace Godu, Wilson, Lindote e Arthur.* Colaboradores oferecidos: *Pacheco, Schuch, Wilmarx, Juska, Tarso, e Schroder.* Colaboradores a contragosto (nosso): *Canini, Santiago, Rosito, Bendati e Veríssimo.*

Correspondentes: *Florianópolis __Bonson. Curitiba __Miran. São Paulo __Alcy. Rio __Nani. Belo Horitonte __Nilson. Salvador __Lage. Recife __Ral. Santa Maria __Reinaldo. Buenos Aires __Quino. Paris __Sempé. N. Y. __ Woody Allen. E todos os leitores que escreverem pra cá* (Rua Comendador Coruja, 372, 90.000, Porto Alegre, RS).

Diagramação: *Jorge Polydoro* e sua teoria dos espaços.

Comercial: *Gabriel Mathias, fone 21.8984, por quem pedimos deixar vir a ele os anunciozinhos.*

WILMARX



Ei, publicitários: uma coisa é a propaganda agredir o mercado, outra o consumidor. (Fraga)

Pouco, ignorantes entram para a Universidade mas a maioria sai de lá. (Fraga)

Somos todos iguais. (Gandhi, Martin King e outros iludidos)

QUADRÃO

ROSITO

LIVRO LIVRE

Rosito dá a volta por cima e sacode a poeira dos alfarrábios. Um artigo digno de ratos de livrarias.

O livro impresso vem sendo editado desde a Idade Média e ditado dolorosamente durante toda a idade escolar. Na Antigüidade, bem ou manuscrito, era melhor decifrável do que os modernos hieroglifos médicos. E menos pesado — apesar das tabuinhas e papiros — do que muitos romances contemporâneos. Gutemberg arrancou-o das penas dos escrivãos, patos, sacerdotes e penas menores. Mas dos autógrafos, esferográficas e professores, o livro jamais se livrou.

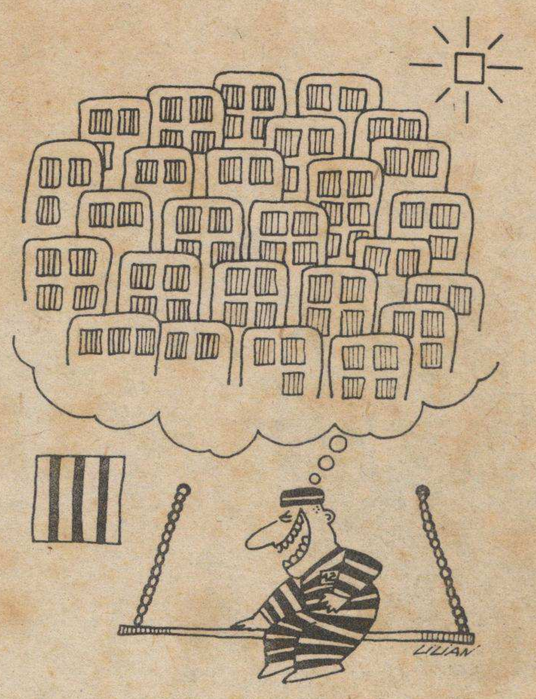
Passando a marginal de biblioteca, tem aturado intelectuais, ratos, vasos e bibliotecárias solteironas. Nos quartos, virou bibelô ortográfico de cabeceira. Em displays *literários, subiu às escrivaninhas e paredes. Nas livrarias, às vezes é levado a sério ou a crédito — mas geralmente deixado pra depois ou deixado pra lá. Caindo na Feira do Livro, vem andando de mão em* vão *como um abacaxi cultural.*

Se o passado do livro foi uma novela ou até um rolo, seu futuro promete tanto a fixação científica como feminina. Pois nas capas atuais — fora o nome do autor, luvas e botinhas — só se vê anatomia pura. Mas nem sempre virgem ou loira. Paradoxalmente, os puristas são contra enquanto as contracapas são a favor. Me resigno às minhas parcas impressões digitais em nudez alheia. Reservado, talvez, por falta de leitura dinâmica, ao meu braillezinho *visual e noturno.*

As boas famílias têm dois Rui Barbosa em casa: o autor e o dono. Setenta centímetros românticos de José de Alencar. Ou algum parnasiano roxo de acordo com o ambiente ou de vergonha. O Pé de meia Laranja Lima faturando entre a Mão e a Luva, e o Machadinho afiado. A Dona Flor e Seus Dois Maridos, para inveja de certas donas de casa. Érico Veríssimo exposto conterraneamente ao tempo e o vento dos aspiradores de pó. Aos estrangeiros, resta um abraço sem fronteira num consolo poliglota.

Mas um livro aberto mesmo, só besta-sellers, a Bíblia ou a vida — segundo terceiros. Os demais estão fechados em copas ou na sala. Contudo, o livro vem tendo papel importante para o homem e o lixo. Ao menos depois do pergaminho e antes do celofane, do papel de higiene ou de mocinho. Para sobreviver a tantos meios e extremos de comunicação, adaptou-se ao órgão mais sensível do corpo humano: surgindo o livro de bolso. Mas a moda ou o destino lançou as calças sem bolso, que dirá com livro.

LILIAN



PROPAGANDAIA

FERRÉ

• **Este é o mês do riso: é a volta do** Quadrão **e o lançamento dos livros** Antologia Brasileira de Humor (**em dois volumes, com 82 autores nacionais**), Rango V, **do Edgar, e** Humor Macanudo, **do Santiago. Todos eles são da L&PM Editores e todos vão estar com apelo de venda muito bom, além do excelente nível: precinho de feira, na XXII Feira do Livro, em longas e engraçadas tardes de autógrafos. Aproveitem para comprá-los na barraca da CooJornal, a barraca da Comunicação & do Cooperativismo.**

O CONCURSINHO DO MÊS

Como todos os participantes sabem, o tema dado para o concurso deste mês foi a clássica piada da ilha. Recebemos 1.002, botamos mil fora e sobram essas duas aí, dos novatos A. Bendati e L.F. Veríssimo. Achamos que eles levam jeito. O prêmio-surpresa está à disposição aqui no Quadrão.

BENDATI

VERÍSSIMO

ARTHUR

SCHUCH

Continental. Som de uma orelha a outra.

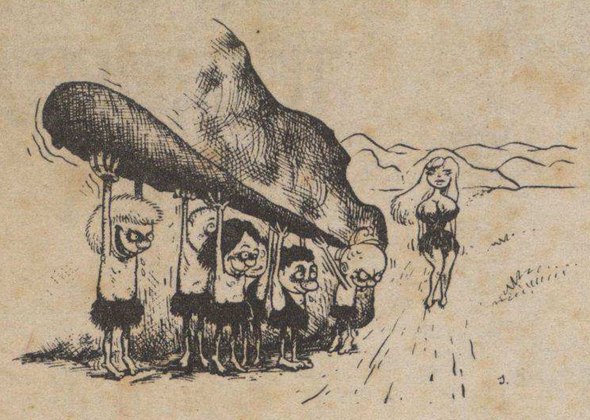
Nos 1120, rádio à moda da casa.

Lugar ao sol para os pobres: precisam de voluntários para vôo tripulado ao astro-rei. (Fraga)

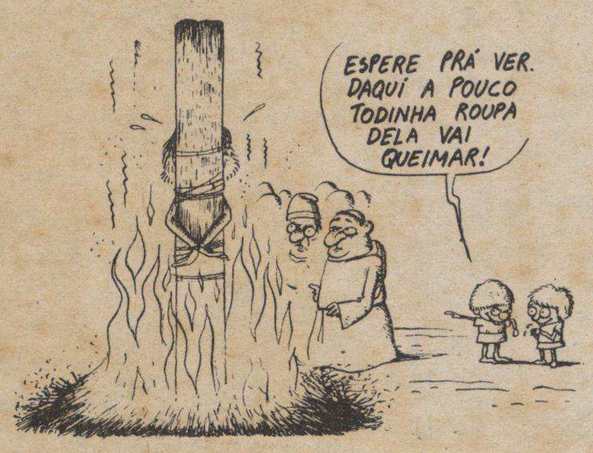
Este texto do Pacheco e os cartuns do Canini, do Schröder e do Juska são uma homenagem do Quadrão ao Ano do Menor, que, graças a Deus e à indiferença pública e oficial, está chegando ao fim.

JUSKA E O DIA DA CRIANÇA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Na pré-História...

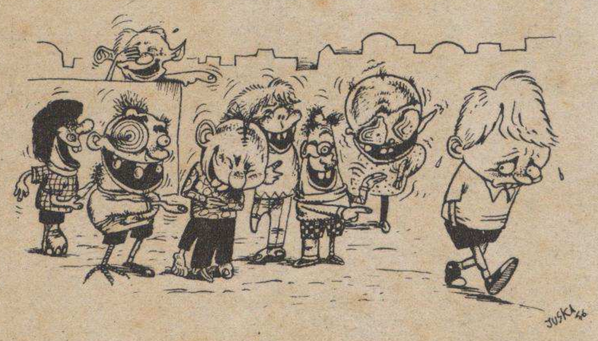


Na Idade Média....

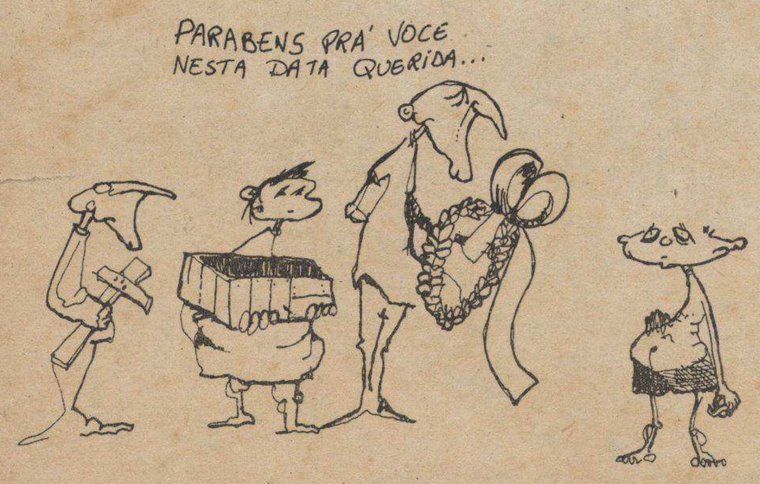


Hoje....

...E depois da Era Atômica



SCHRÖDER



UMA FESTA DE ARROMBA

PACHECO

Eram todos crianças — ou pelo menos haviam deixado escapar esta famosa criança que há dentro de todos nós — segundo os poetas, e parecia que cada um estava muito na sua. A casa da mãe Joana estava cheia. De cara eu senti que aquilo não ia terminar bem, mas disse pra mim mesmo: "bem, já que estamos aqui ..." Hitler, com dois revólveres na cintura, brincava de soldadinho de chumbo com Stalin. Trotsky, emburrado, choramingava num canto, magoado porque Stalin não o deixara entrar na brincadeira. De Gaulle — um olho em Hitler e outro na Argélia —disfarçava o nervosismo escarafunchando o nariz com o dedo. Churchil não parava, andando de um lado para o outro, dizendo frases grandiloqüentes e fazendo ironias. Um grupinho de Japoneses tentava surpreender Pearl Harbour numa feroz batalha de **wargame.** Freud deitava cátedra pra uma atenta rodinha que não parava de gargalhar, contando com riqueza de detalhes coisas que se dizia sobre a mãe de édipo. Woody Allen era o mais interessado e com os olhinhos esbugalhados parecia esperar a deixa para interpelar o mestre sobre tudo que ele sempre quis saber sobre sexo e nunca teve coragem de perguntar. J. Cristo e sua turma desde cedo ocupavam toda uma mesa ao fundo e — depois da ceia — se divertiam vendo Uri Geller brincar de Deus, multiplicando pães e transformando água em vinho.

Santos Dumont e um tenentezinho russo que ninguém conhecia brincavam de aviãozinho de papel. Ghandi, esquálido como sempre, parecia que não comia há meses, tal a voracidade com que devorava uma gorda costela de vaca. Sócrates não parava de beber e ostentava seu copo como a dizer a Hemingway: "conhece-te a ti mesmo antes de querer saber das coisas, cara!" Papa Hemingway fingia que não era com ele e balaqueava mais do que nunca, bebendo cuba libre e contando coisas como por exemplo de como ele segurou um jacaré pelo rabo depois que a canoa virou e o resto dos seus companheiros — uns calças frouxas — o deixaram sozinho com a fera. Fitzgerald já havia emborcado há horas.

Eu sabia que aquilo não podia terminar bem e disse pra mim mesmo: "se há um cara que pode começar a brincadeira, aí está". O barulho era infernal. Beethoven, se fazendo de surdo, se negava a baixar a música. O que fazia com que Hemingway cada vez falasse mais alto e desse socos na mesa. Por isso, quando se formou o primeiro sururu naquele canto, eu disse logo pro garçom que me servia: "Pronto, o Papa Hemingway e a Gertrude Stein já saíram no tapa. Essa vai ser dura de apartar". Mas não, era o Nixon, o sacana. Bob Woodward e Carl Berstein acabavam de pegá-lo com a boca na butija roubando umas fitas usadas da discoteca e tentavam, aos empurrões, botá-lo pra fora do salão.

Mas aí, como sempre, chegou a turma do deixa-disso: Mao pegou Nixon pelo braço e levou-o a dar umas voltas no jardim e as coisas se acalmaram novamente. Por pouco tempo é verdade, pois alguns segundos depois, não sei por que cargas d'água e até hoje ninguém sabe ao certo (apesar de que dizem que em revide a Einstein que lhe havia mostrado a língua) Mary Quant — só podia ser a Mary Quant — resolveu levantar a saia e mostrar as pernas pra todo mundo. Então foi aquele Deus-nos-acuda, aquele vexame. Gustavo Corção e a turma da TFP esbravejavam de ódio impropérios num histerismo incontrolável. Os freudianos, aproveitando a deixa, logo começaram o coro do "tira-tira". De repente, era todo o salão a gritar "tira-tira"... Alguém se lembrou de apagar a luz, ao que Goethe, com seu costumeiro bom senso, protestou "Luz, mais luz!" Galileu, feito louco, não parava de gritar "e pour si move" ou coisa parecida. O que até hoje não entendi o que ele queria dizer com isso. São Tomé, o vivo, queria passar a mão pra acreditar. E o coro do "tira-tira" cada vez aumentava mais. A pobre Mary, já arrependida, não sabia onde se meter. Até que, de repente, não mais que de repente, motivada sei lá por que — ciúme talvez, sabe como são essas mulheres — Lady Godiva surge nua, linda e inteiramente nua, por uma porta, a desfilar pelo salão. Bem, aí ninguém mais se entendeu. Truman — o canalha — aproveitou para jogar umas bombinhas debaixo da cadeira dos japoneses. Cassius Clay batia com os dois braços e, num cruzado de esquerda, tentando atingir o nariz do Goldwater, acertou em cheio no olho direito do Moshe Dayan. Kissinger corria de um lado para o outro, tentando apartar todo mundo. A Bety Friedan aproveitou para arranhar, por baixo da mesa, as pernas da Marlene Dietrich. Freud, a essa altura estava debaixo do divã. Edson se dependurou na lâmpada. Cadeiras e garrafas voavam pra todos lados. A confusão era total e eu até estava me divertindo, mas quando vi Graham Bell correr pro telefone, senti o drama: "A cana, vai chamar a cana", pensei. E me mandei. Não sei até hoje como tudo terminou. Mas uma cena jamais consigo esquecer: a do Ford rolando nas escadas. Um sarro.

Segundo os dados do IBGE, o Dia da Criança é muito popular entre os anjinhos lá do céu. (Fraga)

A pílula é o legítimo seguro contra terceiros. (Juvenal Mariath)

A televisão brasileira não está em boas mãos, não. Quando muito, em boas patas. (Fraga)

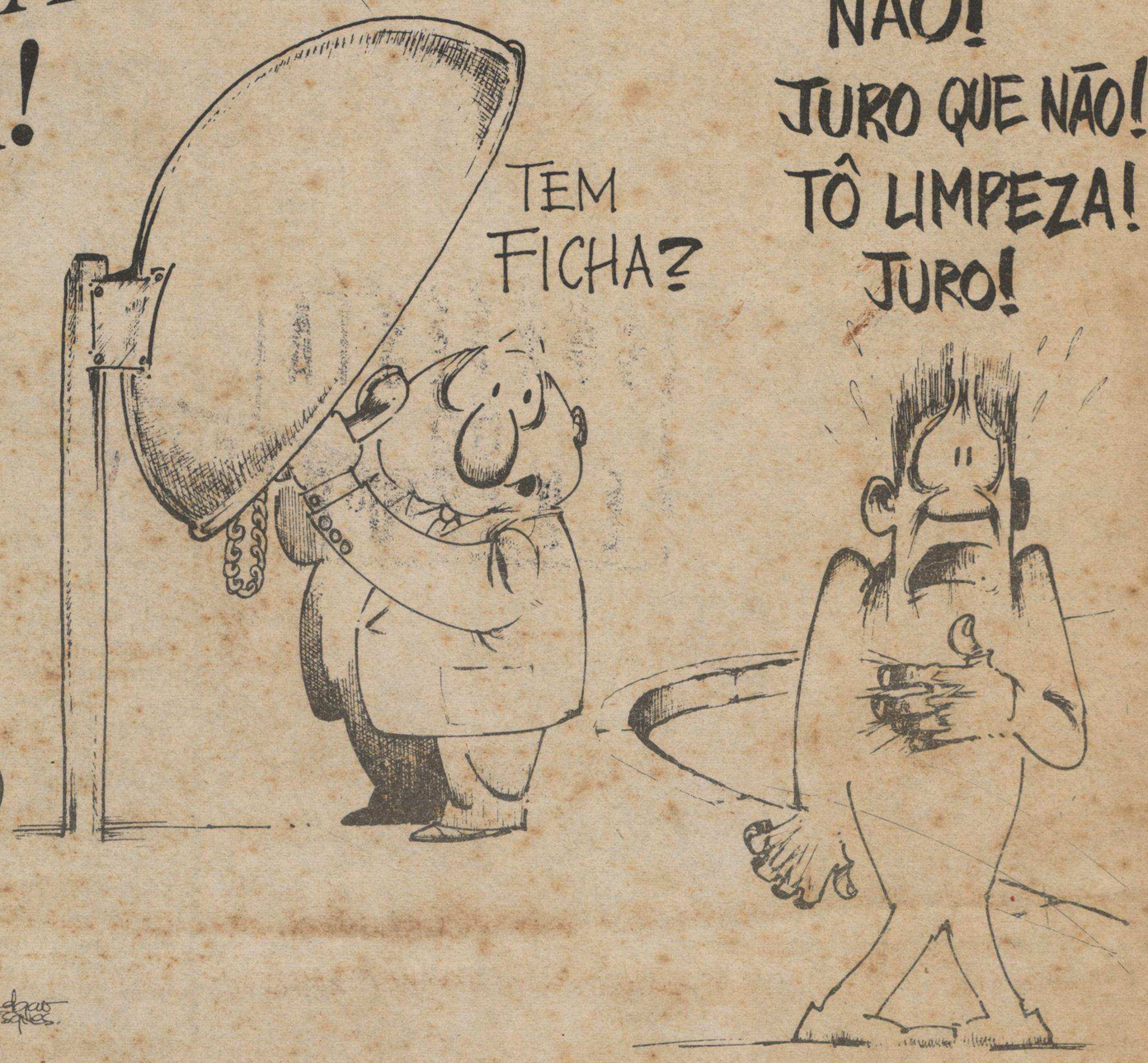
QUADRÃO

EDGAR VASQUES

CÂNDIDO, O PERGUNTADOR (À maneira de Ubaldo)

O MELHOR HUMOR DO SUL ESTÁ DE VOLTA!

Neste número:
o Dia do Menor
Abandonado, a Odisséia
de Colombo
com os 12 mil e outras
grandes atrações
fora do sério
(páginas 25, 26, 27 e esta)



edgar vasques

Os Causos do Santiago/I

Vamos votar de cabeça erguida, pessoal: é de cima que vêm as surpresas. (Fraga)

A TFP admite sexo sem fins de reprodução. Reprodução a 4 cores, quelas revistinhas, né? (Fraga)

9 entre 10 empresários gaúchos lavam a honra atingida com Lux. (Fraga)